



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

VALDENIR DE SOUZA PINHEIRO

**O PAPEL DOS CLASSIFICADORES NA LIBRAS E OS CONTEXTOS
LINGUÍSTICOS DE SUAS REALIZAÇÕES**

**CASCAVEL - PR
2022**

VALDENIR DE SOUZA PINHEIRO

**O PAPEL DOS CLASSIFICADORES NA LIBRAS E OS CONTEXTOS
LINGUÍSTICOS DE SUAS REALIZAÇÕES**

Texto apresentado como requisito de Defesa de
Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de
Mestrado e Doutorado, área de concentração em
Linguagem e Sociedade, da Universidade
Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –
Campus de Cascavel.

Linha de Pesquisa: Descrição dos Fenômenos
Linguísticos, Culturais e de Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Tânia Ap.^a Martins

CASCADEL - PR
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Pinheiro, Valdenir de Souza

O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações / Valdenir de Souza Pinheiro; orientador Jorge Bidarra; coorientadora Tânia Aparecida Martins. -- Cascavel, 2022.

131 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Libras. 2. Classificadores. 3. Composição morfológica. 4. Léxico. I. Bidarra, Jorge, orient. II. Martins, Tânia Aparecida, coorient. III. Título.

Programa de Pós-Graduação em Letras

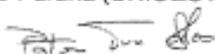
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Valdenir de Souza Pinheiro, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Aos 20 dias do mês de maio de 2022 às 14h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Valdenir de Souza Pinheiro, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Letras - nível de Mestrado, na área de concentração em Linguagem e Sociedade. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Jorge Bidarra, Flávia Medeiros Álvaro Machado, Maria Elena Pires Santos e Patrícia Tuxi dos Santos. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Jorge Bidarra. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado, intitulada: "O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Flávia Medeiros Álvaro Machado, Patrícia Tuxi dos Santos e Maria Elena Pires Santos. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi APROVADO. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Cascavel, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).


Orientador(a) Jorge Bidarra
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)


Flávia Medeiros Álvaro Machado
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)


Maria Elena Pires Santos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)


Patrícia Tuxi dos Santos
Universidade de Brasília (UnB)


Valdenir de Souza Pinheiro
Aluno


Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Letras

À minha esposa, Tânia.
Aos meus filhos, Anthony e Luiz Gustavo.
Aos meus pais, Eneas e Jalmira.
Aos meus sobrinhos, Arthur e Heitor.
Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorge Bidarra.
À minha coorientadora, Prof.^a Dr.^a Tânia Ap.^a Martins
Ao povo surdo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me ajudou nas horas difíceis e por ter me conduzido ao encontro da comunidade surda.

Ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Bidarra, e à minha coorientadora, Professora Doutora Tânia Martins, pela paciência e compreensão nos momentos difíceis da produção desta dissertação. Agradeço imensamente ao professor Jorge Bidarra por me auxiliar na escolha deste tema tão desafiador relacionado aos Classificadores na Libras.

Às professoras Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES), Maria Elena Pires Santos (Unioeste), Patrícia Tuxi dos Santos (UnB), pelas valiosas contribuições desde a banca de qualificação até a conclusão desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS (todos os membros participantes).

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Unioeste, pelos ensinamentos propostos nas disciplinas e pela presteza em sempre me atender. Estendo também minha sincera gratidão à professora Dr.^a Dantielli Assumpção Garcia e à assistente Magaly Lindbeck Guimarães.

À minha esposa, Tânia Ap^a Martins, aos meus filhos, Anthony Martins Pinheiro e Luiz Gustavo, que sempre foram o meu braço direito, especialmente nos momentos de incertezas.

Aos amigos surdos, Antonio Almeida, Jean Michael Lira, Katiuscia Wagner, Franciele Giza, Júlio Souza, entre outros que não menciono o nome, mas que sabem que são amigos que estiveram ao meu lado durante esta pesquisa.

Aos amigos ouvintes, Keli Malaquias, Thiago Mazzarollo, Leidiani Reis, Sérgio Ferreira, entre outros que não menciono o nome, mas que sabem que são amigos que estiveram ao meu lado me apoiando.

Um agradecimento especial aos meus pais, por serem modelos de coragem, pelo incentivo e paciência demonstrados ao longo desta caminhada.

“As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo.” - Ludwig Wittgenstein.

PINHEIRO, Valdenir de Souza. **O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações**. 2022. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra

Coorientadora: Prof.ª Dr.ª Tânia Ap.ª Martins

Data da defesa: 20/05/2022

RESUMO

A complexidade dos Classificadores (CLs) em línguas de sinais tem desafiado os linguistas e demais interessados na área. Assim como nas línguas orais, pesquisas realizadas nas línguas de sinais caracterizam os CLs como um morfema. Diante disso, esta pesquisa dedicou-se a compreender como os CLs se comportam na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Mais especificamente, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar a composição morfológica dos CLs na Libras, tendo como base de dados os registros lexicográficos disponíveis em Capovilla *et al.* (2017) e os contextos linguísticos de suas realizações. Buscou-se responder às seguintes indagações: (i) De um ponto de vista linguístico-teórico, o que seriam os Classificadores?; (ii) Qual o papel que desempenham nas línguas em que se manifestam?; (iii) No caso específico da Libras, como os Classificadores atuam e que tipo de informação eles agregam à língua em funcionamento? Para respondê-las, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica, sustentada pelos pressupostos teóricos acerca dos CLs, com base em pesquisadores das línguas orais (ALLAN, 1977; GRENBORG, 1978, DIXON, 1986; AIKHENVALD, 2000) e das línguas de sinais (SUPALLA, 1980, 1982, 1986; EMMOREY, 2002; ZWITSERLOOD, 2003, 2008, 2012; FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004; BERNARDINO, 2006, 2012). As análises realizadas evidenciam que, na Libras, embora lexicalizados, há um conjunto bastante significativo de CLs nominais cuja composição pode ocorrer por pelo menos de duas formas: (i) morfema gramatical CL adjungido de um sinal; (ii) CL nominal verbal em que o verbo requer a presença de um nominal, ou seja, sua composição pode ser por um morfema gramatical CL nominal adjungido a um morfema CL verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Classificadores. Composição morfológica. Léxico.

PINHEIRO, Valdenir de Souza. **The role of pointer classifiers in Brazilian sign language and the linguistic contexts for its occurrences.** 2022. 127f. Dissertation (Masters in Letras) – Post-Graduation Program in Letras, State University of Western Parana – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Advisor: Prof. Jorge Bidarra, PhD

Co-advisor: Prof. ^a Tânia Ap. ^a Martins, PhD

Evaluation date: 20/05/2022

ABSTRACT

The complexity of Classifiers (CLs) over the sign language has challenged the linguists and the so interested scholars in the area. Just as it occurs in oral languages, research carried out on sign language characterizes the CLs as a morpheme. Due to this fact, this paper aims at comprehending how the CLs behave over the Brazilian sign language (Libras). More specifically, the main general objective of this research was to analyze the morphological composition if the CLs in Libras, having as a database the available lexicographic registers in Capovilla *et al.* (2017) and its linguistic contexts of occurrences. We aimed at answering the following questionings: (i) From which linguistic-theoretical perspective the Classifiers would stand?; (ii) Which role they play over on the languages that they occur?; (iii) When it comes to Libras specifically, how the classifiers act and what kind of information they add up to the occurring language? To answer those questionings, we developed qualitative research, of bibliographical review, supported by the theoretical studies about the CLs, based on research about oral languages (ALLAN, 1977; GRENBORG, 1978, DIXON, 1986; AIKHENVALD, 2000) and sign languages (SUPALLA, 1980, 1982, 1986; EMMOREY, 2002; ZWITSERLOOD, 2003, 2008, 2012; FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004; BERNARDINO, 2006, 2012). The carried-out analysis has pointed out that the Libras, although lexicalized, has a much considerable group nominal CLs, to which the composition can occur in at least two ways: (i) CL grammatical morpheme incorporated with a sign; (ii) nominal verbal in which the verb requires the presence of a nominal occurrence, that is, its composition can mean a nominal CL grammatical morpheme incorporated with a verbal CL.

KEY-WORDS: Brazilian sign language. Pointer Classifiers. Morphological Composition. Lexical.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação do léxico da Libras	18
Figura 2 - Tipologia de Grinevald (2000)	46
Figura 3 - Representação de CL do sinal de CARRO (coche) em LSE	57
Figura 4 - Representação de CL do sinal de GATO (gato) em LSE	58
Figura 5 - Representação de um CL verbal na BSL	61
Figura 6 - Representação do CL substantivo NARANJO (laranja) em LSE	63
Figura 7 - Representação da composição do CL nominal JABUTICABEIRA	64
Figura 8 - Representação de um classificador semântico em RSL	64
Figura 9 - CL referente a COPO-CAIR em Libras	69
Figura 10 - Sinal de CAIR em ASL	70
Figura 11 - Item lexical correspondente a TAMPA-ABRIR	74
Figura 12 - Item lexical correspondente a “COPO-DAR-ALGUÉM”	75
Figura 13 - Representação de um CL sequencialmente complexo em ASL, conforme Supalla (1986), exemplificado por Zwitserlood (2003)	78
Figura 14 - Representação dos morfemas em Língua Portuguesa e em Libras	82
Figura 15 - Representação do CL com aglutinação do verbo em Libras	84
Figura 16 - Tipos de Classificadores e suas manifestações nas línguas	90
Figura 17 - Sinal CL de ANDAR/CAVALGAR em cima de algum animal de grande porte	93
Figura 18 - Representação morfológica do CL MONTAR-ANIMAIS	94
Figura 19 - Gráfico referente à composição morfológica dos CLs	96
Figura 20 - Modelo de análise: item lexical PESSOA-PASSAR	97
Figura 21 - Entradas com registros do item lexical ABAJUR	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Agrupamento das línguas Classificadoras conforme Allan (1977)	37
Quadro 2 - Tipos de Classificadores descritos por Aikhenvald (2000)	39
Quadro 3 - Parâmetros semânticos preferidos em classificadores	54
Quadro 4 - Registro lexicográfico da realização do verbo CAIR em Libras conforme Capovilla <i>et al.</i> (2017).....	66
Quadro 5 - Representação de CMs cuja função é a de classificar determinadas situações, seres e objetos na Libras	84
Quadro 6 - Representação de itens lexicais - CL nominal	100
Quadro 7 - Registros de itens lexicais CLs, sua composição morfológica e tipologia	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana
RLS	Língua Russa de Sinais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CL	Classificador
CLs	Classificadores
CM	Configuração de Mão
DGS	Língua de Sinais Alemã
ENM	Expressões Não-Manuais
L	Locação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSE	Língua de Sinais Espanhola
LT	Linguística Teórica
M	Movimento
OR	Orientação da palma da mão
PLN	Processamento da Linguagem Natural
PORLIBRAS	Grupo de Estudos e Pesquisas da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em Interface com Língua Portuguesa Brasileira
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
USP	Universidade de São Paulo
SIG	Sistema de Informação Geográfica, conhecido como <i>Geographin Information System</i>
GIS	Sistema de Informação Geográfica (SIG), também conhecido como GIS (acrónimo/acrônimo inglês de <i>Geographic Information System</i>).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ASPECTOS TEÓRICOS ACERCA DOS CLASSIFICADORES (CLs)	21
1.1 ORIGEM DO TERMO CLASSIFICADOR E SUA DEFINIÇÃO	25
1.1.1 Definição do Classificador e a sua construção Classificadora.....	32
1.2 TIPOLOGIAS DOS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS.....	36
1.3 OS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS ORAIS E SEUS ASPECTOS LINGUÍSTICOS	48
1.4 CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS DE SINAIS	566
1.4.1 Formas cristalizadas: Classificadores ou Sinais?	68
1.4.2 Composição morfológica dos CLs nas Línguas de sinais.....	79
1.4.3 Morfemas Classificadores.....	81
2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	87
2.1 <i>CORPUS</i> E CONTEXTO DA PESQUISA.....	92
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	99
3.1 COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA DOS CLASSIFICADORES EM LIBRAS	99
3.2 CONTEXTOS LINGUÍSTICOS EM QUE OS CLASSIFICADORES SE REALIZAM.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	118
ANEXOS.....	126
ANEXO A – ANÁLISE SOBRE A NATURZA GRAMATICAL DOS CLASSIFICADORES	126

INTRODUÇÃO

Até o final da década de 1950, as línguas de sinais ainda não eram consideradas *línguas naturais*¹, mas tão somente um tipo de comunicação que se estabelecia entre pessoas surdas, caracterizadas, nessa época, como mímicas ou pantomimas. Essa visão equivocada somente começou a ser mudada a partir do desenvolvimento dos estudos linguísticos realizados por William C. Stokoe (1960)². Com base em suas investigações, inicialmente com foco na constituição e no funcionamento da *American Sign Language* - ASL (Língua Americana de Sinais)³, Stokoe (1960) sustentou, como consta em sua primeira obra *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf* (Estrutura da Linguagem de Sinais: um Esboço dos Sistemas de Comunicação Visual de Surdos Americanos)⁴, que as línguas de sinais, assim como qualquer língua oral escrita, também se submetem a regras fonético-fonológicas, lexicais, sintáticas e semânticas. Nos estudos que realizou, o autor não só identificou, mas também descreveu a morfologia dos sinais que compunham a ASL, evidenciando o modo como essa língua realmente funcionava. Considerados até hoje como principais referências para os estudos das línguas de sinais, os trabalhos de Stokoe (1960), com todos os méritos, são estimados por todos os estudiosos das línguas de sinais como um importante divisor de águas, na medida em que separam o que até então se acreditava ser uma língua de sinais e o que, afinal, ela é de fato e de direito.

Atualmente, as línguas de sinais são compreendidas como naturais, complexas e completas, com seu próprio léxico, gramática e estatuto linguístico reconhecido. Existem aproximadamente mais de 300 línguas de sinais no mundo, mas não é

¹ De acordo com Lyons (1977), uma língua natural é construída por um conjunto de sentenças, sendo finita a sua extensão, além de contarem com outras propriedades, tais como arbitrariedade, flexibilidade, linearidade, independência de estímulo e capacidade de modificação.

² Foi o primeiro a estabelecer o status linguístico das línguas de sinais, sendo reconhecido nacional e internacionalmente como pesquisador e fundador da Linguística da Língua de Sinais. Produziu as seguintes obras: *Estrutura da Linguagem de Sinais* (STOKOE, 1960), *Dicionário de Linguagem Americana de Sinais sobre Princípios Linguísticos* (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERT, 1965). Essas produções exibem a morfologia e a sintaxe da ASL.

³ Battison (1974) e Klima e Bellugi (1979) desenvolveram estudos sobre a gramática da ASL, descrevendo um quarto parâmetro: a orientação da palma da mão. Liddell (1980) e Baker e Cokely (1980) analisaram as expressões faciais como itens lexicais.

⁴ Esse trabalho teve por objetivo principal apresentar a competência da Linguística na língua de sinais, assim como a descrição de métodos de transcrição relacionados aos estudos de diferentes línguas de sinais. Stokoe também foi coautor de outro livro sobre origens linguísticas, intitulado *Gesture and the Nature of Language* (ARMSTRONG; STOKOE; WILCOX, 1995).

possível obter um número exato devido à taxa de crescimento das línguas de sinais, além do fato de que elas podem ter diferentes formas de sinalizar, sinais regionais e variações no uso e na compreensão dos sinais. Dados apresentados pela Federação Mundial de Surdos (WFD)⁵ estimam que existam cerca de 70 milhões de surdos no mundo que utilizam alguma língua de sinais. Vale destacar que a Convenção das Nações Unidas (ONU)⁶ sobre os Direitos das Pessoas Surdas confere às línguas de sinais o mesmo *status* das línguas faladas e/ou das línguas orais⁷.

Antes de 1960, os sinais eram descritos e ilustrados em dicionários e outras fontes, como é apresentado por Bidarra e Martins (2019) em *Dictionaries of Libras from the Nineteenth to the Twenty-First Century* (Dicionários de Libras⁸ do Século XIX ao XXI), mas o tratamento geral era uma descrição holística criada por um sinal. Como já mencionado antes, entre as importantíssimas contribuições de Stokoe (STOKOE, 1960; STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965), uma delas se destaca: a descrição morfossintática dos sinais das línguas de sinais, com dados de análise extraídos da ASL. Dos cinco parâmetros que ainda atualmente compõem a formação dos sinais, três deles foram identificados e detalhados por Stokoe (1960): (i) a Configuração da Mão (CM), ou seja, o formato assumido pelas mãos durante a realização de um sinal; (ii) a Locação (L), ou, conforme algumas obras, o Ponto de Articulação (PA), que diz respeito à região do corpo (dorso superior e cabeça) ou do espaço onde o sinal se realiza; e (iii) o Movimento (M), que é realizado por uma ou pelas duas mãos durante a produção de um sinal. Stokoe (1960) também citou os parâmetros Orientação da Palma da Mão (Or) e as Expressões Não Manuais (ENMs) afetivas e gramaticais, contudo, não se debruçou sobre eles, o que somente aconteceu anos depois, por iniciativa de Klima e Bellugi (1979)⁹.

⁵ Disponível em: <http://wfdeaf.org/>. Acesso em: 15 out. 2021.

⁶ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676381>. Acesso em: 15 out. 2021.

⁷ É uma modalidade oral-auditiva que utiliza sons articulados, os quais são percebidos pelos ouvidos.

⁸ De acordo com Brito (1998), "A Libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos, e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da Libras." (BRITO, 1998, p. 23).

⁹ Os autores discutem a origem, o desenvolvimento da ASL, a estrutura interna de suas unidades básicas e os processos gramaticais que se empregam em seu uso. Os pesquisadores mantiveram a estrutura apresentada por Stokoe, classificando as regras como são apresentados os parâmetros primários. Ursula Bellugi é uma pesquisadora da neurolinguística, dedicando-se a estudos que envolvem as línguas de sinais e o seu processamento no cérebro. Edward S. Klima, por sua vez, é um linguista e analista das línguas de sinais.

Os estudos de Stokoe (1960) impulsionaram muitas outras pesquisas, não apenas focadas na ASL, mas também direcionadas para outras línguas de sinais espalhadas pelo mundo. No que diz respeito à Língua Brasileira de Sinais (Libras)¹⁰, mais especificamente, os primeiros estudos voltados para o entendimento do funcionamento dessa língua só começaram a despontar a partir da década de 1990, período marcado pela publicação do primeiro livro na área, lançado no ano 1995 intitulado *Por uma Gramática de Língua de Sinais*, de Ferreira Brito. Como a própria autora reconhece, ainda que as discussões contidas nessa obra sejam de fato introdutórias, foi justamente com essa publicação que as pesquisas voltadas aos estudos linguísticos da Libras ganharam força, atraindo estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, tais como linguistas, especialistas em inteligência artificial/Processamento da Linguagem Natural (PLN), psicolinguistas e cientistas cognitivos.

Apesar dos significativos e notáveis avanços obtidos desde então, sob diferentes perspectivas teóricas, os estudos voltados para a descrição formal da Libras são ainda incipientes. São muitas as questões voltadas aos fenômenos linguísticos da Libras que até agora estão sem respostas, e uma delas diz respeito aos Classificadores (CLs, doravante), que compõem o objeto desta pesquisa, motivada por indagações tais como: O que são os CLs? Como se manifestam e qual o seu papel no funcionamento da Libras?

Embora os CLs, de uma maneira geral, não se manifestem nas línguas de origem anglo-saxãs¹¹ e latinas (as chamadas línguas ocidentais), tais como o inglês, francês, espanhol e português, a sua presença é marcante tanto nas línguas da Ásia Oriental (coreana, chinesa, vietnamita, malaia, birmanesa e tailandesa), incluindo-se aqui as línguas aborígenes australianas (Yidiny e Murrinh Patha), quanto nas línguas indígenas das Américas, Noroeste do Pacífico e da bacia Amazônica (Yagua)¹². De acordo com o mapa Sistema de Informação Geográfica (SIG), também conhecido como *Geographin Information System* (GIS), há no mundo 490 línguas consideradas classificadoras¹³. Apesar de não serem os únicos¹³, os CLs suportados pela grande

¹⁰ A Libras foi legitimada e reconhecida como língua de comunicação e expressão dos surdos brasileiros pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005).

¹¹ Termo usado para a língua falada e escrita pelos anglos-saxões na Inglaterra e no leste da Escócia, entre o século V e século XII. São chamados de inglês antigo.

¹² É falada particularmente no Nordeste do Peru pelo povo Yagua.

¹³ Informações disponíveis em: <https://wals.info/chapter/55>. Acesso em: 11 jul. 2019.

maioria dessas línguas tendem a se manifestar como quantificadores (que se assemelham a termos de medidas), os universais linguísticos, por isso, também são chamados de classificadores numéricos¹⁴. Apesar de os CLs serem estudados já há bastante tempo, são poucos os trabalhos realizados no âmbito das línguas de sinais.

No que diz respeito às línguas orais classificadoras, a título de ilustração, Lyons (1977)¹⁵ foi um dos precursores nos estudos desse tema. Em um de seus trabalhos, o estudioso descreve, por exemplo, em detalhes, os CLs numéricos presentes nas línguas do Sudeste da Ásia, entre elas as línguas vietnamitas e malaias. Aprofundando o assunto, Allan (1977), mais tarde, detendo-se mais especificamente na natureza linguística dos CLs, sustenta que esses, dependendo da gramática de cada língua, tanto podem se manifestar tanto em termos de morfemas presos (afixos) quanto livres (palavras), abrindo portas para pesquisas ainda mais detalhadas e esclarecedoras.

Com respeito às línguas de sinais, pode-se dizer que, diferentemente das línguas faladas, o estatuto linguístico daquilo que se convencionou chamar de CLs nas línguas de sinais é um assunto que desperta muitos debates e muito pouco consenso. Em sua tese de doutorado, Rodero-Takahira (2015) resumiu bem alguns impasses e tendências que têm dominado os círculos de debates estabelecidos por especialistas no assunto:

Há autores que consideram CLs como gestos (Cf. COGILL-KOEZ, 2000); outros consideram CLs como uma combinação de componentes linguísticos e gestuais (Cf. LIDDELL, 2003, que os chama de *depictivos*¹⁶, ou seja, que retratam pictorialmente certos aspectos de seu significado); um terceiro grupo trata alguns CLs como morfemas, tal como nos predicados Classificadores com verbos de movimento e localização (Cf. SUPALLA, 1982, 1986); outros, ainda, tratam alguns CLs como raízes semanticamente motivadas, formando raízes compostas (Cf. ZWITSERLOOD, 2002, 2003, 2008); finalmente, um quinto grupo discute se os CLs poderiam ser definidores de classe de palavras (Cf. MEIR, 2006; ZWITSERLOOD, 2012). Além disso, uma questão que é sempre retomada nas

¹⁴ De acordo com Grinevald (2000), esse tipo de CL é o mais reconhecido nas línguas naturais, ocorrendo em contextos de quantificadores, como morfemas livres ou presos. É comumente encontrado nas línguas chinesa, japonesa e nas línguas da América e da Oceania.

¹⁵ Lyons cita o chinês-mandarim sendo umas das línguas Classificadoras; o CL é obrigatório entre o substantivo e o numeral.

¹⁶ Os sinais *depictivos* são notados em praticamente todas as línguas de sinais e são reconhecidos com alto grau de iconicidade, mas muitos pesquisadores da área divergem sobre sua estrutura. Liddell (2003) identifica que o fenômeno nas línguas de sinais é diferente das línguas orais, como é o caso da língua chinesa.

pesquisas é se os CLs das LSs seriam, ou não, iguais aos CLs das LOs. (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 49).

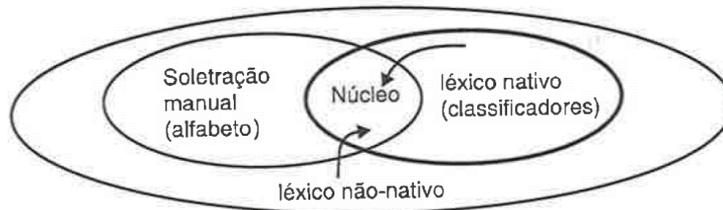
A partir das discussões expostas pela pesquisadora, é fácil perceber que há mais dúvidas do que certezas a respeito do que são os CLs nas línguas de sinais. Essa tem sido mais recentemente uma das áreas de estudos que mais vem atraindo a atenção de estudiosos, não somente linguistas, mas oriundos de outras áreas do conhecimento, que tomam as línguas de sinais como seus objetos de investigação e pesquisas. Com isso em mente, nesta pesquisa, intencionamos responder, não apenas, mas, especialmente, às seguintes perguntas: (i) De um ponto de vista linguístico-teórico, o que seriam os Classificadores?; (ii) Qual o papel que desempenham nas línguas em que se manifestam?; (iii) No caso específico da Libras, como os classificadores atuam e que tipo de informação eles agregam à língua em funcionamento?

Considerando que a Libras ainda se encontra em uma fase de estudos embrionária, defendemos a tese de que investimentos mais significativos precisam ser feitos, notadamente no campo da descrição linguística, tanto no que diz respeito ao modo como funciona quanto às questões gramaticais que a caracterizam como uma língua natural¹⁷. Tendo em vista a grande demanda para formação, ensino e aprendizagem da língua como disciplina no âmbito acadêmico, e, ao mesmo tempo, a altíssima frequência dos CLs em diferentes contextos enunciativos, é necessário que a comunidade linguística preste mais atenção nesse tipo de manifestação, que é tão ou até mais recorrente do que muitos sinais que compõem o léxico dessa língua. (BRENTARI; PADDEN, 2001; QUADROS; KARNOPP, 2004).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), “[...] a estrutura dos sinais da língua de sinais brasileira é complexa, apresentando algumas propriedades presentes nas línguas de sinais, que não são encontradas nas línguas orais.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88). Ao investigarem a forma como os sinais tendem a se distribuir nessas línguas, as autoras esquematizam o seguinte diagrama:

¹⁷ De acordo com Salles *et al.* (2004), as línguas naturais são as línguas vivas que se associam a uma nacionalidade, a uma expressão do conjunto de manifestações culturais e artísticas e a uma língua de papel oficial.

Figura 1 - Representação do léxico da Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

Para as pesquisadoras supracitadas, os CLs “[...] têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93). Assim, embora o termo CL seja usado também para as línguas de sinais, suas construções diferem das línguas orais, uma vez que os aspectos de sua construção são “[...] extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93). Nesse sentido, os estudos sobre os CLs impõem muitos desafios, principalmente quando se trata da sua composição morfológica em registros lexicográficos da Libras. Em vista disso, uma vez que a Linguística é a área de conhecimento que norteia os estudos da Libras e que, no Brasil, ainda há com poucos trabalhos descritivos dessa língua, esta pesquisa, com especificidades não localizadas em outras investigações, pode preencher a lacuna existente. Entre as possíveis contribuições, ressaltamos que um estudo como esse pode auxiliar na educação de surdos brasileiros, a partir de movimentos descritivos para documentar essa língua. Ademais, de modo específico, tematizar sobre os CLs na Libras é fundamental, haja vista que esse fenômeno ocupa um lugar bastante significativo quando se trata da gramática dessa língua.

Com essa perspectiva em mente, o escopo central foi analisar a composição morfológica dos Classificadores na Libras, a partir dos registros lexicográficos disponíveis em Capovilla¹⁸ *et al.* (2017) e os contextos linguísticos de suas realizações. Para tanto, a sistematização dos itens lexicais CLs, a partir da sua composição morfológica, deve dar suporte para o registro de um conjunto de dados

¹⁸ Professor da Universidade de São Paulo, coordenador nacional de alfabetização e inclusão da Capes e Seesp-MEC. Também coordenador de projetos de pesquisa do Inep-MEC. Chefe do laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental da USP. Livre-Docente em Neuropsicologia (Universidade de São Paulo, 2000) e pesquisador Nível 1 do CNPq.

sobre o seu papel na Libras. Com o intuito de alcançar o objetivo geral, voltamo-nos para a definição dos objetivos específicos:

- (i) Verificar os conceitos e o uso de Classificadores nas Línguas Classificadoras Faladas e nas Línguas de Sinais;
- (ii) Identificar, na composição morfológica, os registros lexicográficos de itens lexicais formados por Classificadores na Libras;
- (iii) Discutir a função dos Classificadores na Libras juntamente com a análise semântica de suas manifestações.

A intenção deste trabalho é que, por meio desse percurso, possamos apresentar de forma mais detalhada as ocorrências dos CLs no âmbito linguístico da Libras.

A pesquisa partiu de uma metodologia de natureza básica, ou seja, a compreensão do fenômeno, e de cunho qualitativo. Primeiramente, selecionamos e coletamos a base teórica para o nosso trabalho a partir de estudos disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)¹⁹, nas Bibliotecas de Teses e Dissertações da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)²⁰, da Universidade de São Paulo (USP)²¹, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)²², além de outras instituições. Nesse primeiro momento, encontramos algumas pesquisas que já mobilizaram importantes reflexões acerca do conceito de CLs nas línguas de sinais, principalmente no âmbito internacional nas línguas de sinais americana e holandesa. Para registro do *corpus* extraído do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017), organizamos um formulário com dois campos para inserção dos dados no *Google Forms*. O primeiro campo conta com informações gerais acerca do item lexical a ser posteriormente analisado, e, no segundo campo, há informações linguísticas sobre a composição do item lexical CL, ou seja, se o item lexical analisado é formado

¹⁹ Disponível em: http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/01_bt_index.html. Acesso em: 15 abr. 2019.

²⁰ Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

²¹ Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

²² Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

por: < >²³ <sinhal + sinhal>; <sinhal + Classificador>; <Classificador + sinhal>; <Classificador + Classificador>; e apenas por <Classificador>. Com os dados gerados no formulário, partimos para as análises e a discussão dos dados acerca da natureza gramatical dos Classificadores - CLs.

Para alcançar os objetivos propostos, organizamos este trabalho em três capítulos, além desta introdução. No primeiro capítulo, apresentamos os aspectos teóricos a respeito dos CLs nas línguas orais e nas línguas de sinais, seguidos da composição morfológica dos CLs nas línguas de sinais, de uma breve apresentação e discussão sobre as formas cristalizadas serem CLs ou sinais. Por fim, nessa seção, discutimos ainda sobre os morfemas classificadores.

No segundo capítulo, explicitamos o percurso metodológico da pesquisa, ressaltando-se as manifestações dos CLs nas línguas e os registros do *corpus* da pesquisa. Na sequência, expomos o terceiro capítulo, que foi organizado com base nas análises e na discussão dos dados sobre a composição morfológica dos CLs em Libras.

²³ Registro linguístico que está sendo observado em uma língua de modalidade visual gestual. Exemplo: <PEGAR-CABO-PANELA>, <PESSOA-PASSAR>, <CARRO-BATER>

1 ASPECTOS TEÓRICOS ACERCA DOS CLASSIFICADORES (CLS)

Antes de iniciarmos o primeiro capítulo, elencamos, a seguir, alguns conceitos caros²⁴ a esta pesquisa, tanto do ponto de vista dos referenciais teóricos quanto dos termos utilizados em nossas análises²⁵:

- (i) **Morfema**: nas línguas orais, são definidos como uma unidade mínima dotada de significado que integra uma palavra, ou, dito de outro modo, a menor unidade linguística com significado. Em Libras, portanto, vamos considerar que é uma unidade mínima dotada de significado que integra um sinal ou um item lexical;
- (ii) **Morfema Livre**: refere-se ao que tem existência autônoma, figurando sozinho como um vocábulo, por exemplo, na língua portuguesa, as palavras pá, dia e feliz. Em Libras, do mesmo modo, consideramos morfema livre aquele que por si só tem um significado, como CASA, LUZ e QUADRO. Os morfemas livres podem ser gramaticais ou lexicais;
- (iii) **Morfema Lexical**: elemento invariável que é responsável pela base do significado, também chamado de radical/raiz. Em língua portuguesa, são exemplos as unidades CAS- (a partir dessa base podem-se agregar outros morfemas, como os gramaticais e presos, formando novos significados: CASA, CASAS, CASINHA, CASARÃO). Em Libras, consideramos Morfema Lexical os itens lexicais que são responsáveis pela base de um significado, podendo ser constituído por apenas três parâmetros²⁶: uma configuração de mão (CM)²⁷ adjungida a uma orientação da palma da mão (OR)²⁸, localizadas em algum ponto do espaço neutro frente ao corpo ou ancorado em alguma parte do corpo (troco, cabeça, membros superiores), que permitem agregar morfemas gramaticais ou morfemas presos. Por exemplo,

²⁴ Expressão usada para adjetivar algo que exige grande forma de entendimento/compreensão.

²⁵ Conceitos extraídos dos dicionários on-line Caldas Aulete e Michaelis, disponíveis em: <https://www.aulete.com.br/morfema>; <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/morfema/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

²⁶ Correspondem às unidades mínimas que são responsáveis para a construção de um sinal: Configuração da Mão, Locação ou Ponto de Articulação, Movimento (STOKOE, 1960), e Orientação da palma da Mão e Expressões Não Manuais (BATTISON, 1978).

²⁷ CM - Forma que a mão assume para a realização de um sinal.

²⁸ OR – Corresponde à direção da palma da mão ou da configuração da mão, quando o sinal será realizado;

o item lexical , composto por uma CM/OR, tem o significado básico de segurar algo, mas quando a ele é incorporado o parâmetro Locação (L)²⁹ no espaço neutro frente ao rosto, juntamente com o parâmetro movimento

(M)³⁰, teremos então o sinal de ABANAR-SE³¹ ( | l). Caso sejam alterados o movimento (M) e a orientação (OR), outros sinais como PESCAR, DAR CARTÃO<no futebol>, dentre outros, podem ser produzidos.

- (iv) **Morfema Gramatical**: que tem significação interna porque se origina nas relações e nas categorias gramaticais pertencentes à língua. Dito de outra forma, é o afixo que se combina com radicais de nomes e de verbos para dar noção de pessoa, de tempo, de número etc., ou o morfema que exerce função gramatical na frase, relacionando palavras. Em Libras, também assumimos essa mesma definição, ao passo que os parâmetros Movimento e Expressões Não Manuais (ENM)³², quando combinados ao morfema livre ou ao morfema lexical, são os morfemas responsáveis pela predicação nominal, verbal, número etc.;
- (v) **Morfema Preso**: aquele que não tem existência independente, como o ‘s’ nas palavras pás e dias. Em outras palavras, só ocorre concomitantemente a pelo menos um morfema adicional com o qual forma um conjunto indissociável. Em Libras, corroboramos dessa mesma definição e, nesse caso, em algumas situações, os parâmetros L e M podem ter a função de morfemas presos.

²⁹ L – Lugar onde o sinal é realizado. O local é definido no corpo ou no espaço neutro (no espaço a frente do corpo).

³⁰ M – Refere-se ao modo como as mãos se movimentam (retilíneo, circular, semicircular, angular, helicoidal, tremular, simultâneo ou alternado) e para onde as mãos estão se movimentando (diferentes direções), deslocando-se em um determinado ponto no espaço neutro, ou em algum ponto específico do corpo de quem realiza o sinal (o sinalizante).

³¹ Sinal em escrita de sinais  (abandar-se).

³² ENM – Envolvem os movimentos da boca, dos olhos, da face, da cabeça ou do tronco durante a realização de um sinal. As ENMs são divididas em afetivas (função de expressar emoções) e gramaticais (função de diferenciar significados e sentenças em nível fonológico, morfológico ou sintático) (MARTINS, 2020).

Dito isto, neste capítulo, portanto, com base em uma revisão bibliográfica direcionada aos principais conceitos dos CLs nas línguas faladas e/ou orais e nas línguas de sinais ou sinalizadas. Na primeira seção, apresentamos um breve estudo das línguas classificadoras e não classificadoras, além de relacionar os CLs das línguas oralizadas/ vocalizadas³³ e os das línguas sinalizadas.

Faremos, no decorrer da dissertação, algumas considerações sobre o que são as línguas classificadoras, que têm alguns tipos de CLs, tais como os numerais. Ao apresentarmos a distribuição das línguas classificadoras no mundo, temos como primeira tentativa o levantamento feito por Greenberg (1978, 1990), em que 103 línguas classificadoras foram investigadas. No entanto, uma pesquisa mais recente realizada por Gil (2013) apresenta 140 línguas classificadoras entre 400 línguas, de acordo com o banco de dados disponível no *World Atlas of Structure Language* (WALS ³⁴). Nesse banco de dados, encontramos agrupamento das línguas classificadoras em diversas áreas do mundo, tendo como a área mais populosa o Leste e o Sudeste da Ásia, com línguas classificadoras no Oeste Pacífico e uma pequena parte encontrada na África Ocidental, no Oriente Médio e nas Américas. Do principal foco das línguas classificadoras, as chamadas de SMATTI³⁵ (um acrônimo para Sinítico³⁶, Miao-Yao³⁷, Astro-asiático³⁸, Tai-Kadai³⁹, Tibeto-Burman⁴⁰ e Indo-Ariano⁴¹), a literatura revisada apresenta ligações entre os grupos linguísticos da Ásia e do Pacífico. Para alguns linguistas, há evidências claras na produção acadêmico-científica indicando que os CLs foram adquiridos pelo contato com as línguas Austro-Asiáticas. Na Linguística, a Classificação das línguas ocorre no agrupamento das línguas que se relacionam em uma mesma categoria. Assim sendo, ela ocorre de duas formas: (a) Classificação genealógica, que, de acordo com a Linguística Histórica,

³³ Por considerarmos que tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais são línguas faladas, no decorrer desta pesquisa, usamos os termos: “línguas orais”, “línguas oralizadas” e “línguas vocalizadas” para nos referirmos às línguas que usam o ouvido/os sons e o aparelho fonador/fonoarticulatório para recepção e produção da fala.

³⁴ WALS é considerado um dos maiores bancos de dados publicados para as línguas classificadoras da atualidade. Os dados encontram-se disponíveis em: <http://wals.info>

³⁵ SMATTI (um sinônimo de Sinítico, Miao-Yao, Austro-asiático, Tai-Kadai, Tibeto-Burman e Indo-Ariano) como um foco de Classificadores numéricos, e apresenta nossas motivações para propor uma única origem dos Classificadores numéricos dentro do SMATTI.

³⁶ São sinônimos das “línguas chinesas”, que constituem o principal ramo da família das línguas sino-tibetanas.

³⁷ Línguas do Sul da China e Sudeste asiático.

³⁸ Estão presentes na Índia, Bangladesh e Sudeste asiático.

³⁹ Língua conhecida com Daic, Kadai ou Tai-Cadai, faladas no Sul da China e no Sudeste asiático.

⁴⁰ Língua pertencente ao grupo sino-tibetano.

⁴¹ Língua falada principalmente no subcontinente indiano.

corresponde ao pertencimento de duas ou mais línguas em uma mesma família (quando uma língua é “aparentada” historicamente, de certo modo, tudo leva a pensar que o seu desenvolvimento parte de uma origem comum); e (b) tipológica, que provém de comparações entre as diferentes línguas.

Na seção 1.1, consideramos as tipologias de Allan (1977), que agrupam as línguas Classificadoras, e as tipologias de Aikhenvald (2000). É possível observar, a partir desses autores, a falta de consenso a respeito das nomenclaturas tipológicas adotadas pelos pesquisadores.

O referencial teórico consultado nos subsidia na tentativa de realizar uma tríplice tarefa, apresentando as investigações científicas/linguísticas concernentes à definição, à tipificação e à função do classificador nos estudos linguístico, entendendo ambas as modalidades de comunicação como posições epistemológicas distintas que permitem, de certo modo, a compreensão e a validade do conhecimento sobre a definição desse fenômeno linguístico. Os CLs estão presentes nas línguas do Sudeste e Leste da Austrália, da Ásia e da Oceania, embora, até o presente momento, não tenham lugar na história da Linguística, pois somente no século XX foi constatado que os classificadores seriam importantes para a compreensão de noções-chave, de forma a compreender as funções de categorias gramaticais, correlatos cognitivos e culturais da estrutura linguística.

O fenômeno CL, conforme as pesquisas realizadas, tendem a ocorrer como uma palavra independente ou como um afixo em outro constituinte. Ao escolher um classificador em uma determinada comunicação, baseamo-nos em uma propriedade do referente, como a animação, a forma e a função, em um determinado contexto. Com relação aos CLs das línguas orais, de modo geral, ancoramo-nos em Grinevald (2004), em que se percebe uma tendência tipológica para correlação entre o ambiente morfossintático da ocorrência dos Classificadores e a sua natureza semântica. Entretanto, ao analisar línguas da Amazônia, a pesquisadora citou classes nominais talvez não gramaticalizadas. Para a autora, os CLs correspondem aos recursos linguísticos para representações do mundo.

Também buscamos fundamento em Allan (1977), que, a partir de alguns critérios, concluiu que os CLs se realizam como morfemas na estrutura de superfície sob condições específicas e são dotados de significados, pois denotam alguma característica que se sobressai ou que é atribuída a uma entidade referida por um nome. Para o autor, o número de CLs nas línguas pode variar, mas sete categorias

de classificação podem ser encontradas: as de material; as de formato; as de consistência; as de tamanho; as de localização; as de disposição e as de quantidade (ALLAN, 1977).

De modo geral, na seção 1.1, contemplamos o referencial teórico a respeito dos CLs, considerados morfemas que indicam uma classe semântica ou morfológica das palavras ou expressões afins, juntamente com os primeiros registros do termo classificador. Nas 1.2, 1.3 e 1.4, discutimos sobre a origem e a tipologia dos CLs nas línguas orais e de sinais, além dos seus aspectos linguísticos e morfológicos.

1.1 ORIGEM DO TERMO CLASSIFICADOR E SUA DEFINIÇÃO

Os primeiros registros relacionados ao termo CL são encontrados nas gramáticas ocidentais das línguas mesoamericanas e do leste asiático dos séculos XVI e XVII. No entanto, por muito tempo, tinham interesse periférico na teoria linguística convencional até o final do século XX.

Alguns estudos do século XX dizem que os CLs são importantes para o entendimento de noções-chave em linguística, tais como as funções de categorias gramaticais em que ocorrem a distinção entre gramática e léxico.

Francisco Varo (1627-1687)⁴², em seus estudos sobre a língua chinesa, ressalta algumas propriedades semânticas dos CLs no chinês mandarim. Varo refere-se aos CLs como partículas, dando exemplos de uso com numerais e demonstrativos. Conforme argumentam Coblin e Levi (2000), Varo (1670-1684) mencionou a diferença entre o uso do CL **kó** (的) e do CL **gè** (個 ou 个). O **kó** é um CL alternativo, para substantivos, usado para partículas possessivas (的-de), ao passo que **gè** – (個 ou 个) é um CL classificador de mês.

O CL 个 é do tipo padrão e vale para todos os substantivos do chinês mandarim. Esse CL pode substituir qualquer outro CL quando se trata de classificar, como o CL 个 – **gè**, nestes casos:

一个人	两个人
(yī gè rén)	(liǎng gè rén)
uma pessoa	duas pessoas

⁴² Varo discute o CL no segundo parágrafo do capítulo XII “sobre os números e numerais”. Ele recorre à categoria gramatical *numeral* e se refere às instâncias particulares, ou seja, partículas específicas.

Em exemplo de demonstrativo para “esta pessoa” — 这个人 (zhè **gè** rén), o caractere 个 é o CL que tem por significado “indivíduo” ou “entidade única”. Traduzindo para o português, teríamos “essa pessoa individual” ou “essa única pessoa”.

O 个 (**gè**) é uma palavra de medida⁴³ considerada genérica e abrangente, além de outros CLS, por exemplo, o CL para volumes 普⁴⁴ 恩 (普恩). Ao fazer isso, Varo conseguiu identificar uma diferença na aplicabilidade entre o CL geral, que é mais inclusivo, e os CLs específicos, que, no mandarim, podem ser substituídos por CLs gerais em certos contextos do discurso.

Sobre a descrição de classificador nos baseamos em Varo (1970), apresenta-se a construção sintática na qual ocorrem a constituição e a ordem das palavras. Se analisarmos, na época atual, os exemplos apresentados por Varo, verificamos que são as palavras de medida e os substantivos coletivos, por exemplo, “dois fardos” 兩包 (Liǎng bāo), “dois peixes” 兩條魚 (Liǎng **tiáo** yú) ou “oito ovelhas” 八隻羊 (Bā **zhī** yáng). Como 只 (zhī) é uma palavra de medida usada para descrever pássaros e outros animais, é utilizada para (um par) partes do corpo, a fim de representar pares, tais como olhos e mãos, como demonstram estes casos:

三只鸟 sān zhī niǎo: três pássaros

一只手 yī zhī shǒu: uma mão

O 本 (běn) é usado com livros, livros didáticos e outros objetos encadernados semelhantes a livros, como álbuns de fotos, tais como nas ocorrências a seguir:

- | | |
|--------------------|--------------------|
| 1) Um livro | 1) três livros |
| 一本书 | 三本书 |
| Yī běn shū | Sān běn shū |
| 2) Este livro | 2) Esses livros |
| 这本书 | 这些书 |
| Zhè běn shū | Zhè xiē shū |

⁴³ Para as palavras de medidas são empregadas a seguinte estrutura: Número + Medida Palavra + Substantivo. Elas são as palavras que denotam unidades de medida, assim como as frases em inglês *a cup of* (um copo), *a piece of* (um pedaço de) ou *a slice of* (uma fatia de). A palavras de medidas são aplicadas em quase todos os substantivos da língua chinesa.

⁴⁴ 普 (pǔ): geral; popular; em todos os lugares; universal.

A palavra 本 **běn** é o CL usado para representar objetos com superfície plana, porém, o 些 **xiē** é usado para qualquer tipo de pluralização.

Nas línguas não classificadoras, as palavras de medida são reconhecidas por substantivos e não formam uma categoria sintática separada. Nas línguas classificadoras como Chinês, contudo, as palavras de medida pertencem a uma categoria sintática distinta com CLs. Assim, os CLs e as palavras de medida são conhecidos como “classificadores de classificação” e “classificadores mensurais”, para Huang (2013), e “classificadores” e “massificadores”, para Cheng e Sybesma (1998), com outros termos poucos conhecidos.

Na literatura da gramática geral da língua chinesa, os CLs e as palavras de medida⁴⁵ são tratados em uma única estrutura de análise. A palavra de medida tem um desempenho igual ao CL. Ao passo que CL é usado como substantivos contáveis, a palavra de medida é utilizada como nomes de massa, por exemplo, “dois litros de água” e “dois baldes de água”. Nesse sentido, as palavras de medida indicam unidade ou medida, são usadas juntamente com os substantivos massivos⁴⁶ (substantivos incontáveis) e, em outros momentos, podem ser reconhecidas como substantivos contáveis. Tomamos um exemplo na língua inglesa, *mud* (lama⁴⁷) que se refere a um substantivo massivo, o que significa que o falante dessa língua não diz três lama, mas sim “três gotas de lama” ou três “baldes de lama”.

Nos exemplos, “gotas” e “baldes” são como palavras de medida. Como já mencionado, o termo “palavra de medida”, na maioria das vezes, é usado para referenciar o CL numeral em uso com nomes contáveis nas mais diversas línguas. Não é esse o caso do inglês, que não usa palavras extras para dizer “três crianças”, deferentemente do chinês, que utiliza um CL juntamente com uma palavra de medida para dizer, por exemplo, “um cachorro”. Vejamos alguns casos:

a) 一只狗	b) 一隻狗	c) 三隻狗
Yī zhī gǒu	Yī zhī gǒu	Sān zhī gǒu
um <u>CL</u> . Cachorro	um <u>CL</u> . Cachorro	um <u>CL</u> . cachorro

⁴⁵ As palavras de medida são compreendidas na Linguística como sendo morfemas usados com um numeral a fim de indicar uma quantidade de algo que represente algum substantivo.

⁴⁶ Definição introduzida na Linguística por Jespersen (1924), os substantivos massivos são os nomes que apresentam características concretas ou abstratas como prata, terra e amor.

⁴⁷ Mistura de terra pastosa, argila e água ou matéria orgânica e água.

Nesses exemplos, a tradução para a língua portuguesa será *um cão animal e três cães animais*. Em chinês, são usados os termos 量詞 (Liàngcí) para palavras de medida ou palavras de quantidade. As palavras de medida não variam muito de um dialeto para o outro, no entanto, os CLs transformam-se consideravelmente entre os dialetos chineses.

Na literatura da gramática chinesa, os CLs são frequentemente tratados em pé de igualdade com as palavras de medida. Estudos sobre os CLs em chinês mandarim apontam que não há diferença entre palavras de medida e CLs. Chao (1968), por exemplo, refere-se aos CLs como medidas individuais, considerando-os como palavras de medida. Li e Thompsom (1981) afirmam que qualquer palavra de medida pode ser um CL. Nesta mesma perspectiva, também há estudos que se baseiam na premissa de que as palavras de medida são distinguíveis dos CLs com base nos estudos sintáticos. De acordo com Tai e Wang (1990), há uma distinção semântica importante entre as duas noções em que os CLs só podem categorizar sobre um grupo limitado e específico de substantivos. Para os pesquisadores supracitados, se, por um lado, as palavras de medida podem ser usadas como uma medida para uma ampla variedade de substantivos, por outro, uma palavra de medida não categoriza, mas indica a quantidade nomeada por um substantivo.

Nesse contexto, a função semântica básica dos substantivos é, portanto, referir-se a indivíduos clássicos, e a função principal do CL em mandarim, por sua vez, é selecionar indivíduos. Sob essa perspectiva, as palavras de medidas em chinês referem-se a um grupo de palavras com numerais ou demonstrativos para enumerar ou individualizar entidades. O CL, desse modo, é uma palavra de medida que categoriza uma classe de substantivos.

Com relação às línguas classificadoras, citadas anteriormente, é importante esclarecer que elas não têm um sistema de classificadores porque tal sistema não é comum a todas as línguas classificadoras. Esse é o caso das línguas coreana e japonesa e as várias línguas do Reino de Ryukyu, ou Reino das Léquias, que são tipicamente classificadoras, com grandes inventários de CLs das línguas siníticas, e pertencem ao grupo das línguas sino-tibetanas, como o mandarim, hakka, wu, birmanês, tibetano e todos os "dialeto" chineses. A língua Kilivila, falada na Papua-Nova Guiné, juntamente com muitas línguas do Leste e Sudeste da Ásia, é considerada uma língua classificadora. Tipologistas como Dixon (1982,1986) criaram um conjunto de critérios para estabelecer uma clara oposição entre sistemas de

gênero e sistema de CLs. Seifart (2010) apresenta a língua witotoana, ou Bora-Miraña⁴⁸, que tem um sistema de classificação nominal que é intermediário, combinando propriedades que os tipologistas tradicionalmente chamam de “gênero” e o que comumente denominavam de “classificadores”.

As línguas siníticas ou sínicas são praticamente 100% das línguas classificadoras, embora haja uma gama de funções sintáticas que indicam que os CLs variam de uma língua para a outra dentro do mesmo grupo. Normalmente, os CLs nas línguas do Sul da China têm mais funções sintáticas do que as do Norte, como é o caso do chinês mandarim, considerado por Lyons (1977) uma língua classificadora. De acordo com Cheng e Sybesma (1998), nessa língua: (i) há muitos CLs; (ii) os substantivos de plural têm afixação -men não podem atuar como predicados; (iii) os substantivos simples podem ser interpretados como plural; (iv) a pessoa é marcada com [+ humano], [+ plural] e [+ definido], e - homens não é um marcador plural puro. O CL, no chinês mandarim, é obrigatório entre o numeral e o substantivo e entre o demonstrativo e o substantivo. O CL ocorre nas ações de plural, como representado no exemplo 1 (tradução nossa) extraído de Lyons (1977):

1)

三个橘子 Sān gè júzi <i>três laranjas</i>	一个橙子 Yī gè chéngzi <i>uma laranja</i>	这些橙子 Zhè xiē chéngzi <i>essas laranjas</i>
--	--	---

Tradução nossa (autores)

No exemplo 2, (tradução nossa), também extraído de Lyons (1977), verificamos a marcação de pessoa (ser humano) no plural e no singular:

⁴⁸ Língua Bora-Witoto (Bora-Witotoano ou Bora-Huitoto) constitui uma família de línguas indígenas americanas. Bora é uma língua ameríndia falada no Noroeste da América do Sul, e é falada no Peru e na Colômbia (GRINEVALD; SEIFART, 2004; SEIFART, 2010). No Brasil, é conhecida como Miraña.

2)

三个孩子	这-以-一个孩子
Sān gè háizi	Zhè-yǐ-gè háizi
Três crianças	Isso é uma criança

Tradução nossa (autores)

Dentre muitas outras línguas orais classificadoras, seguimos destacando apenas algumas delas. Para Dai (1991), algumas línguas têm mais CLs do que outras, tais como: (a) a língua Qiang (Tibeto-birmanesa), que contém muitos classificadores; (b) a língua Atayal apresenta algumas especificidades quanto ao CL, por exemplo, os substantivos plurais não atuam como predicados, os substantivos simples podem ser interpretados como plural e a pluralidade via reduplicação não é tão produtiva; já (c) a língua Paiwan, na visão de Dai (1991), conta com poucos CLs, uma vez que os substantivos plurais atuam como predicados, os substantivos simples podem ser interpretados como plural e a pluralidade não é produtiva.

Tal como a língua chinesa, a língua japonesa também é rica em CLs. Para os japoneses, os CLs são usados para enfatizar o número de objetos e a multidão, sendo consideradas partículas (morfemas), que são utilizadas para numerais durante a contagem. Com base no exemplo extraído de Lakoff (1986, p. 25-26), a palavra 本⁴⁹ “hon”, ou seja, o CL japonês “hon” categoriza objetos longos, finos e rígidos para representar paus, canas, lápis, velas, árvores e outros. Da mesma forma, é usado para representar peixes, serpentes mortas e secas, assim como para referir-se a bastões ou espadas (longos ou rígidos), no beisebol (trajetórias retas, forma do taco de beisebol) e injeções médicas (com agulha longa, fina e rígida). O “hon” pode ainda classificar outros conceitos no esporte, tais como tiros e lances livres no basquete. Os programas de rádio, TV e filmes também são classificados com “hon”, por serem uma forma de comunicação a distância, semelhante a escrever cartas e a telefonar.

Com base no exemplo do “hon”, em japonês, que aparentemente não forma uma categoria conceitual, mas pode objetivar as coisas que são categorizadas por

⁴⁹ O “hon” pode significar “um livro”, “o livro”, “alguns livros” e “os livros”. O hon também pode ser um sufixo de contagem para objetos cilíndricos e alongados.

ela, o que podemos perceber até o momento é que os CLs são compreendidos como dispositivos linguísticos e não refletem uma estrutura conceitual.

Lyons (1977), na obra *Linguagem e Linguística: uma introdução*⁵⁰, descreve os CLs numéricos nas línguas orais/faladas do Sudeste da Ásia. Para o autor, a forma [r] contida nas expressões que envolvem fatores numéricos se assemelha à categoria de gênero. Vale ressaltar que vários tipos de CLs foram encontrados por diversos autores (entre outros das línguas orais, destacamos: GREENBERG, 1972; ALLAN, 1977; CRAIG *et al.*, 1986, 2000; DIXON, 1986; AIKHENVALD, 2000; SENFT, 2000; GRUYTER, 2004; e das línguas de sinais, ressaltamos os estudos de: KLIMA; BELLUGI, 1979; SUPALLA, 1980, 1982; FERREIRA BRITO, 1995; FELIPE, 1998, 2002; VALLI; LUCAS, 2000; EMMOREY, 2002; LIDDELL, 2003; ZWITSERLOOD, 2003, 2008; QUADROS; KARNOPP, 2004; BERNARDINO, 2006, 2012; MEIR, 2006; PIMENTA, 2012).

Para Lyons (1977), o termo CL⁵¹ é utilizado para designar uma classe de palavras que fica entre o numeral e o substantivo. De acordo com esse pesquisador, o chinês-mandarim pertence ao grupo de línguas classificadoras, sendo o CL obrigatório, aparecendo entre o numeral e o substantivo, assim como entre o demonstrativo e o substantivo. Grinevald (2003), em seu estudo, ressalta que o termo CL é utilizado para agrupar seres ou itens lexicais com a mesma familiaridade. Nesse sentido, é compreendido como um morfema lexical, assumido, dessa forma, uma função morfossintática. Senft (2000, p. 21), por sua vez, define o termo CL como um morfema que quantifica os substantivos de acordo com os critérios semânticos.

Como observamos até o momento, há diferentes tipos de CLs devido ao seu *status* gramatical, ao grau de gramaticalização, às condições de uso, aos significados, aos tipos de origem e ao modo de aquisição, sendo eles de tipologia funcional. Para aprofundarmos as discussões, a próxima subseção centra-se na definição do CL e sua construção classificadora.

⁵⁰ A Linguística Teórica se subdivide em duas abordagens para descrever uma língua: a formalista e a funcionalista.

⁵¹ “Em muitos casos, o Classificador é o núcleo, mais do que um modificador, nas construções em que ele ocorre. Isso faz com que Classificadores de classe se tornem semelhantes a determinantes.” LYONS, 1977, p. 464).

1.1.1 Definição do Classificador e a sua construção Classificadora

Nas línguas orais, há um vasto estudo sobre CLs, por isso, mobilizamos nesta subseção apenas algumas definições advindas de pesquisas realizadas por linguistas desde a década de 1970 até o período mais atual (2022). Nesse sentido, começamos com as percepções de Allan (1977), em seus estudos iniciais. Para o autor, os CLs ocorrem como afixos ou palavras independentes, afixados a itens lexicais que denotam características semânticas da entidade a qual o item lexical se refere em uma determinada língua.

Allan (1977) definiu os CLs a partir de dois critérios: (i) são realizados como morfemas sob condições específicas; (ii) têm significados e denotam alguma característica presente em uma entidade. O pesquisador afirma que essas características podem incluir distinções em humanos e não humanos. Para ele, o CL nas línguas orais é um morfema que contém significado e referentes, ou seja, os morfemas estão em um sintagma nominal e servem para classificar os referentes de acordo com as características reais, por serem morfemas lexicais e dotados de características semânticas.

Após investigar mais de 50 línguas classificadoras, Allan (1977) conclui que os CLs encontrados constituem um grupo completo e universal em línguas agrupadas em quatro tipos:

- (i) Línguas com CLs numerais: o CL é obrigatório nas mais diversas expressões de quantidade, em expressões anafóricas e dêiticas, a exemplo a língua Thai (ALLAN, 1977);
- (ii) Línguas de CL concordante: nesses casos, os CLs são afixados (geralmente em prefixos), apresentam nomes e seus modificadores, predicados e proformas⁵². Esses CLs estão presentes em algumas línguas africanas e australianas, por exemplo, a língua Tonga da família Bantu (COLLIS, 1962; ALLAN, 1977);
- (iii) Língua de CLs predicativos: algumas línguas têm verbos CLs que variam no seu radical de acordo com as características das entidades das quais

⁵² A definição de Cuxac (1985) considera que a iconicidade dos sinais tem um papel importante e formal na constituição da gramática da língua, isto é, as proformas são conhecidas como CLs manuais, com suas respectivas especificações.

participam como argumentos do verbo. Os primeiros estudos a esse respeito foram iniciados por Hoijer nos anos de 1945;

- (iv) Línguas classificadoras intralocativas: são línguas em que os CLs nominais são apresentados em expressões locativas que obrigatoriamente acompanham nomes nos mais diversos contextos. De acordo com Allan (1977), apenas três línguas se encaixam nessa descrição: Esquimó, Dyirbal e Toba. É importante ressaltar que o número de CLs nas línguas pode variar, mas o autor indica sete categorias: material, forma, consistência, tamanho, localização, arranjo e quantidade.

Lyons (1977) também apresenta os classificadores como uma categoria de determinantes e quantificadores, analisados como modificadores. Já Dubois *et al.* (1993) chamam a atenção ao afirmarem que o “[...] classificador é um afixo utilizado, em particular nas línguas negro-africanas, para indicar uma classe nominal pertencente a uma palavra.” (DUBOIS *et al.* 1993, p. 112). Para Lock (1996), por sua vez, os CLs são palavras que subclassificam as coisas, podendo ser realizados por adjetivos, substantivos ou participios. Às vezes, um CL categoriza outro CL, algo semelhante a um disjuntor elétrico.

As pesquisas sobre CLs tornaram-se objeto de estudo de muitos linguistas e, com isso, foram cada vez mais aprofundadas. Grinevald (19986), por exemplo, define o fenômeno CL em: (i) o CL é um morfema explícito; (ii) o CL constitui um subsistema morfossintático; (iii) os morfemas CLs são sistemas de classificação semanticamente motivados que não categorizam todos os substantivos; e (iv) os CLs estão sujeitos a condições de uso pragmático-discursivos. Ainda, a pesquisadora pontua que os CLs “[...] parecem mais com lexemas do que com elementos gramaticais.” (GRINEVALD, 2000, p. 62) Com isso, a autora quer dizer que os CLs servem para derivar novos itens lexicais, em vez de serem usados para marcar concordância, e sua ocorrência pode estar limitada a um subconjunto dos substantivos da língua ou a certos contextos específicos. Posteriormente, em 2003, Grinevald afirmou que o termo CL é usado para agrupar seres ou itens lexicais de mesma familiaridade. Em seu estudo de 2004, a pesquisadora argumentou que os CLs constroem representações de mundo, as quais são codificadas em palavras das línguas.

Outra pesquisadora importante é Aikhenvald, que, em sua pesquisa realizada em 2000, apresenta os CLs nas línguas orais como sendo morfemas afixados a itens lexicais que denotam características semânticas da entidade a qual o item lexical se refere. Desse modo, Aikhenvald (2000) compara o termo CL a rótulo para apresentar categorias. No entanto, em suas pesquisas, são apresentados diferentes tipos de CLs com seu *status* gramatical, significado, condição de uso e modo de aquisição. De acordo com a pesquisadora, “[...] todas as línguas têm alguns significados gramaticais para categorização de nomes nominativos.” (AIKHENVALD, 2000, p.1). Ela continua:

Os “classificadores são definidos como morfemas que ocorrem em estruturas de superfície sob condições específicas, denotam algumas características importantes percebidas ou imputadas da entidade à qual um substantivo associado se refere e são restritas a determinados tipos de construção conhecidos como construções classificadoras. Construções classificadoras são entendidas como unidades morfossintáticas que requerem a presença de um tipo particular de morfema, cuja escolha é ditada pelas características semânticas dos referentes da cabeça de uma frase substantiva. (AIKHENVALD, 2000, p. 13).

Senft (2000), por sua vez, defende que os CLs são definidos, geralmente, “[...] como morfemas que classificam e quantificam substantivos de acordo com critérios semânticos.” (SENF, 2000, p. 21)⁵³. Para ele, os CLs classificam um substantivo de forma inerente, uma vez que designam e especificam características semânticas ligadas ao nominal e dividem o conjunto de substantivos de uma determinada língua em classes separadas.

Com relação à definição de CL, podemos notar que quase todas as línguas humanas têm alguns meios gramaticais para categorizar substantivos e nominais. São geralmente definidos como morfemas que classificam e quantificam substantivos de acordo com critérios semânticos, além de classificarem um substantivo intrinsecamente. Portanto, como apresentado em Senft (2000), designar e especificar são características semânticas totalmente ligadas ao sentido literal do nominal, assim como dividir o conjunto de substantivos de uma determinada língua em classes separadas. Os CLs não apenas são definidos como morfemas que ocorrem em estruturas de superfície sob condições especificáveis, mas também denotam algumas características notórias que podem ser percebidas ou podem ser atribuições da

⁵³ Para definições gerais de conceitos “Classificadores, Classificadores de nomes, Classificadores nominais”.

entidade a qual um substantivo associado se refere. Nesses casos, são restritos a determinados tipos de formulações conhecidas como construções de classificadores.

Para Aikhenvald (2000), as construções classificadoras podem ser compreendidas como unidades morfossintáticas (podem ser sintagmas nominais de diferentes tipos, frases verbais ou orações) que requerem a presença de um tipo particular de morfema, cuja escolha é ditada pelas características de um referente principal de um sintagma nominal. Para a autora, existem vários tipos de CLs nas línguas, e afirma que o nome e o classificador podem suportar pelo menos dois tipos de relações semânticas. Tais aspectos foram explorados na seção 1.2.

Até o momento, percebemos que é de consenso entre pesquisadores das diferentes línguas que os CLs são morfemas ou palavras usadas para descrever propriedades dos objetos no mundo ou contidos em um dado cenário. Essas características podem estar relacionadas à localização, ao movimento e/ou a propriedades visuais geométricas. Sua construção (a do classificador), bem como o critério de escolha do classificador desejado toma por base não apenas as propriedades semânticas e os aspectos visuais geométricos relacionados a um objeto, mas também são afetados por aspectos determinados pela ação a ser descrita⁵⁴.

Senft (2000) reforça que o CL se refere apenas a um objeto na realidade extralinguística ou à categoria intralinguística (substantivo), mudando o seu significado. O CL se refere a um “referente” no mundo real ou a um substantivo, uma entidade no léxico de uma língua.

Aikhenvald (2003) fez uma análise de todos os CLs distribuídos no mundo, investigando aproximadamente 500 línguas nas quais localizou vários tipos de CLs. Ela observou a ocorrência do mesmo morfema em diferentes contextos. A pesquisadora destacou que muitos CLs têm o foco na semântica, com o objetivo de apresentar o uso, as funções e as aquisições. Conforme seus achados, em algumas línguas, os CLs têm dispositivos anafóricos e geralmente se manifestam pela gramaticalização de substantivos. Também, a autora faz referência a dois tipos principais de funções que os CLs podem assumir: (i) semântico, em que ocorre o referencial do léxico; e (ii) pragmático, que contribui para a organização do discurso.

⁵⁴ Elaboramos essa definição a partir de um trecho do livro de Emmorey (2002), intitulado *Language, Cognition, and the Brain: Insights From Sign Language Research*, mas especificamente na página 194 do capítulo 5 (*Sign Language Acquisition*).

Ao analisar os CLs em tantas línguas distintas, Aikhenvald (2000) lançou mão de alguns critérios, tais como: (i) se um determinado fenômeno é encontrado em mais da metade das línguas consideradas, ela os chamou de “relativamente frequentes”; (ii) se for encontrado em um número restrito de idiomas (de 1 a 10), ela cita todos e indica a sua raridade; (iii) também optou por não fornecer nenhuma contagem estatística, uma vez que, para Aikhenvald (2003), 500 não é mais do que 1/10 de todas as línguas humanas. Em decorrência disso, a pesquisadora achou mais prudente seguir, em suas pesquisas, uma abordagem qualitativa. Algo que nos chamou a atenção nas escolas feitas pela autora é a afirmação de que algo “[...] que nos parece raro no estágio atual do conhecimento pode se tornar frequente quando começamos a aprender mais sobre as línguas e áreas até então pouco conhecidas.” (AIKHENVALD, 2000, p. 5).

Com relação às tipologias dos CLs, nas pesquisas realizadas para esta dissertação, o sistema de categorização de substantivos parece ser mais recorrente, uma vez que se apresenta como um foco de investigação em várias línguas. O motivo disso talvez seja o fato de esse tipo de CL fornecer uma visão única de como as pessoas categorizam o mundo por meio de sua língua.

De acordo Aikhenvald (2000), os estudos tipológico-sistemáticos de classificadores ainda são recentes, visto que tiveram início apenas há cerca de duas décadas. Tais pesquisas dividem-se em duas categorias: uma voltada às tentativas de criar um quadro tipológico geral e outra voltada aos estudos de tipos individuais. No entanto, ambas não podem ser facilmente separadas, pois cada descoberta de um novo tipo fornece um *feedback* no quadro tipológico geral. Sobre a tipologia dos classificadores, aprofundamos a reflexão a seguir.

1.2 TIPOLOGIAS DOS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS

Ao longo desta pesquisa, com relação à tipologia dos CLs nas línguas, notamos que há uma grande diversidade. Há também vários CLs que se enquadram em subtipos, dependendo do contexto morfossintático de sua realização. Com base nas leituras realizadas, é possível afirmar que uma grande parte dos referenciais teóricos revisitados se refere aos CLs como sendo morfemas que indicam uma classe semântica ou morfológica das palavras ou expressões afins. Mas se voltarmos aos estudos com base semântica, notaremos que os CLs têm formato, mobilidade, *status*,

animação e dimensão. Os CLs, portanto, surgem a partir dos itens lexicais, das classes abertas (nome, verbo) e subclasses abertas (nomes próprios, verbos de ação). O mais comum seria que os CLs tivessem sua origem mais em nomes do que em verbos, no entanto, não é bem assim que acontece.

Pesquisas atuais vêm apresentando que a característica tipológica do sistema CL é *per se*. Entretanto, também podemos verificar que os CLs têm propriedades morfossintáticas. Nesse sentido, há diferentes tipos de CLs, mas vamos nos ater às categorizações de Allan (1977), Craig (1989), Aikhenvald (2000) e Grinevald (2000). Allan (1977), após observações em mais de 50 línguas classificadoras, concluiu que os sistemas de CLs presentes nas línguas faladas formam um conjunto completo absoluto, agrupando-se em quatro tipos, apresentados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Agrupamento das línguas Classificadoras conforme Allan (1977)

1. Línguas de CL numeral
<p>As línguas com CLs de numerais contêm muitas expressões de quantidade, assim como expressões anafóricas ou dêiticas. Allan (1977) apresentou como exemplo as ocorrências na língua Thai, citadas por Hass (1942 <i>apud</i> ALLAN, 1977).</p> <p>a) khru lâ-j khon Professor três pessoa = três professores</p> <p>b) Mă sî tua 'cão quatro corpo' = 'quatro cães' Cão quatro corpo "Quatro cães".</p> <p>Vale dizer que Mă pode se referir a animais quadrúpedes (cachorro, cavalo etc.) e sî depende muito do seu contexto de uso em Thai, podendo referir-se a estar presente ou pertencer ao campo semântico da morte.</p>
2. Línguas de CL concordante
<p>Os CLs concordantes se afixam aos substantivos, aos modificadores, aos predicados e à retomada anafórica. Por exemplo, em Bantu (Idioma Tonga), o CL "ba" é um CL que corresponde ao plural de humano, como demonstrou Collins (1962 <i>apud</i> ALLAN, 1977).</p> <p>(a) ba-sika ba-ntu bo-bile 'ba+ter+chegar ba+homem bo+dois' "Dois homens chegaram".</p> <p>Nesse exemplo, "ba" corresponde ao CL de plural para seres animados (uma pessoa, nesse caso). Já em (b), o item "vi" refere-se ao CL de plural para seres inanimados:</p> <p>(b) VI-SU VI-Dogo Vi-Wili Hi-Vi Amba-Vy-o Ni-Li-Vi-Nunua Ni Vi-Kali Sana. 'VI+Faca VI+Pequeno VI+Dois VI+essa(e) VI+Que I+VI+Comprado ser Vi+afiada/forte Ay'. "Essas duas pequenas facas que eu comprei são muito afiadas".</p>
3. Línguas de CL predicativo

Línguas de CL predicativo têm verbos CLs que variam seu radical de acordo com as características das entidades que participam como argumentos do verbo, por exemplo, os de movimento/localização em Navajo, conforme explicou Hoijer (1945 *apud* ALLAN, 1977), e verbos CLs em outras línguas atabascanas (faladas por povos nativos americanos da América do Norte).

(a) **Béésò sì-Pá**

“Dinheiro perfeito-mentira (CL de entidade redonda)”

“Uma moeda/dinheiro falso”.

(b) **Béésò sì-nil**

“Dinheiro perfeito-mentira (CL de coleção)”

“Dinheiro falso está na coleção”.

(c) **Béésò sì-Itsòòz**

“Dinheiro perfeito-mentira (CL de entidade flexível plana)”

“Tem nota falsa”.

Relações verbais classificatórias semelhantes ocorrem em outras línguas atabascanas, e as classes substantivas que identificam correspondem notavelmente às línguas numéricas e concordiais.

4. Línguas de CL intralocativo

Nas línguas de CL intralocativo, os CLs nominais são incorporados em expressões locativas que obrigatoriamente acompanham os nomes em diferentes contextos. Por enquanto, tais CLs foram identificados em apenas três línguas: a Toba (língua sul-americana), a Eskimó e a Dyirbal (do noroeste da Austrália).

Conforme ressalta Landar (1965), o sistema de classificação da língua Navajo aparentemente consiste em dois morfemas: “[...] um referente ao aspecto, o outro classificatório.” (LANDAR, 1965, p. 330):

Aspecto	Arredondado	Animado	Conjunto	Massa
Imperfeito momentâneo	Paah	thyeeh	níil	tzááh
Imperfeito continuativo	Páh	thyé	tžaah	tzááh
Perfeito	Pá	thi	nil	tžaah?
Progressivo	Páál	thyéél	nil	tzih
Iterativo	Pááh	thyéél	nil	tzih
Optativo	Paal	thyéél	níil	tzááh

Fonte: Adaptado pelo autor (2021) de Allan (1977, p. 285-304).

Dentre as pesquisas sobre CLs, os numéricos parecem ser os mais citados nas diferentes línguas. Algumas características de suas realizações também se destacam, quais sejam: (i) ocorrem dentro das construções com um substantivo e um numeral (um quantificador); (ii) são formas léxico-sintáticas diferentes dos sistemas gramaticais fechados; (iii) são frequentes e obrigatórios em expressões de quantidade; (iv) são operadores de quantidade, visto que têm uma semântica física com forma, textura e tamanho; (v) na maioria das vezes, são afixados aos numerais como morfema livre, por isso, podem ser realizados como itens lexicais

independentes, afixos de números ou termos de quantificação, formando um constituinte com um substantivo.

Como se pode notar no Quadro 1, Allan (1977) apresenta os CLs numéricos como sendo aqueles que são usados com expressões de quantidade. Nas línguas japonesas, tailandesas e maias, dentre outras, o autor sugere que todos os sistemas de CLs numéricos têm também CLs em expressões dêiticas e anafóricas. Os CLs numerais são divididos em CL de medida e CL de tipo.

Os de medida são usados para unidades de medida, para substantivos de massa e substantivo contáveis, mais comum nas línguas chinesa e Tai. Por exemplo, “resma de papel”, “porção de açúcar”, entre outros. Os CLs de tipo, por sua vez, não têm equivalência nas línguas classificadoras. Nesses casos, os morfemas especificam as unidades, isto é, são reconhecidos pela essência do nome/objeto, por exemplo, “uma maçã redonda”, “uma piscina com água”, “um professor”. Podem ser usados, ainda, para referenciar algum objeto, e, conforme pontua Craig (1989), os CLs de tipo têm a função de individualizar no discurso os substantivos considerados como de conjunto ou de conceito.

Quanto à tipologia, Aikhenvald (2000)⁵⁵ apresenta: os CLs numéricos, que ocorrem nas expressões numéricas; os classificadores possessivos, que ocorrem em construções possessivas; os classificadores substantivos, que são incorporados a um sintagma nominal; os classificadores verbais, que são adjungidos a um verbo ou predicado; e os classificadores locativos, que são agregados a uma expressão locativa. A maioria dos CLs requer a presença de um determinado tipo de morfema, e a escolha é feita conforme as características semânticas do referente. No Quadro 2 apresentamos as tipologias de CLs descritos por Aikhenvald (2000):

Quadro 2 - Tipos de Classificadores descritos por Aikhenvald (2000)

1. CLs – Numéricos
<p>Para Aikhenvald (2000), o classificador é um morfema que aparece ao lado de um numeral ou quantificador, categorizando o referente de um substantivo. Por exemplo, no mandarim chinês, tem-se:</p> <p style="padding-left: 40px;">sān gè rén três CL de número: pessoa 'três pessoas'</p>

⁵⁵ Aikhenvald (2000), em sua obra *Classifiers: A typology of noun categorization devices*, analisa os tipos de CLs com o foco na semântica, no uso, nas funções e na aquisição.

Os CLs numéricos normalmente são lexemas independentes, porém, podem ser afixos a expressões numéricas e quantificadoras. Apresentamos, a seguir, dois exemplos do chinês mandarim:

yī bēi jiǔ
 um **CL de número** VIDRO / COPO vinho
uma taça de vinho

yī jīn jiǔ
 um **CL de número** vinho
um tipo de vinho

Os classificadores numéricos são mais comuns nas línguas do Sudeste e Sul da Ásia, nas línguas australianas/austronésico, em algumas línguas norte-americanas e sul-americanas e nas línguas do extremo Oriente (Coreano e japonês).

2. CLs Possessivos: possuídos; relacionais; possuidores

Para Aikhenvald (2000), os CLs relacionais se diferem de qualquer outro tipo de CL. Para além de caracterizar um substantivo, tais CLs também caracterizam a relação de posse entre os substantivos. Assim, os CLs de substantivo estão associados ao próprio substantivo e são independentes de qualquer outro elemento em um Núcleo do Predicado (NP) ou em uma sentença. O NP é justamente para se referir a uma ação/um estado que não expressa(o) passado. Os CLs possessivos, de acordo com a literatura estudada, são considerados um fenômeno raro de se encontrar. Aikhenvald (2000) diz que a escolha de CLs em construções possessivas pode ser determinada pela natureza do referente do substantivo possuído em termos de sua animação, forma e outros aspectos. Ela também descreve três formas de categorizar os substantivos em construções possessivas, e essas formas correspondem a três tipos de recursos para a categorização de substantivos:

(i) CLs “possuídos”: esse tipo de CL caracteriza o termo possuído em uma construção possessiva. Ele não envolve acordo e a sua escolha é estritamente semântica, pois são compartilhadas propriedades com CLs de numerais e de substantivos. Além disso, os CLs possuídos caracterizam os substantivos em termos de sua animação, tamanho, forma e estrutura, mas não são expressos fora do sintagma nominal possessivo. No entanto, em uma língua, os substantivos podem não necessariamente ter um classificador possuído, já outras línguas podem ter um CL “genérico” que substitui outros CLs mais específicos.

(ii) CLs “relacionais”: esses CLs, conforme explica Aikhenvald (2000), “[...] são diferentes de qualquer outro tipo de classificador.” (AIKHENVALD, 2000, p. 133), pois, em vez de caracterizarem apenas um substantivo, estabelecem também uma relação possessiva entre substantivos. Esses CLs apresentam algumas características como: (a) não são marcados fora do núcleo do predicado possessivo; (b) não é usual que cada substantivo em uma língua necessariamente leve um CL relacional; (c) morfologicamente, podem ser percebidos como palavras independentes ou como afixados ao substantivo possuído ou ao marcador de posse; (d) os CLs relacionais estão quase sempre restritos a construções de posse alienável⁵⁶. A distinção entre posse

⁵⁶ Os nomes alienáveis dizem respeito àqueles itens que, de forma transferível ou transitória, podem ser possuídos por alguém.

alienável e inalienável é outra forma de categorizar uma relação possessiva; por conta disso, os CLs relacionais são comparados com a distinção entre alienável e inalienável⁵⁷. CLs de possuidores: “[...] são usados para categorizar o possuidor em uma forma possessiva.” (AIKHENVALD, 2000, p. 139). São morfemas cuja escolha é condicionada pelas propriedades de possuidor. De fato, assim como as pesquisas mostram, os três tipos de categorização nas construções possessivas são relativamente independentes entre si.

3. CLs Locativos

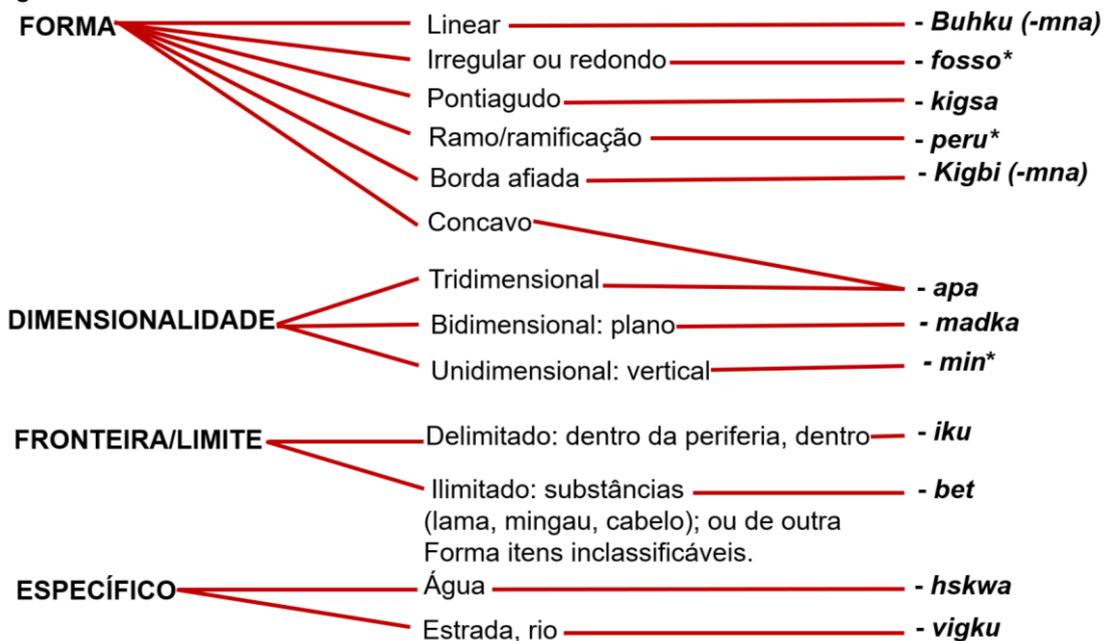
São morfemas que ocorrem em sentenças com substantivos locativos; em outras palavras, são morfemas que se realizam em sintagma nominal locativo. Sua escolha é determinada pelo caráter semântico do substantivo; é o argumento de uma disposição locativa. Os CLs que ocorrem em posições locativas são muito mais raros, a exemplo do Palikur, que é uma língua Arawak do Brasil. Para ilustrar, destacamos dois exemplos citados por Aikhenvald (2000, p. 3):

pi-wan **min**
Zso-arm on+ VERT
“no seu braço (vertical)”

ah **peu**
tree on+BRANCH.LIKE
“na árvore (em forma de galho)”

A autora organizou dois diagramas para representar os CLs locativos e os CLs verbais na língua Palikur, que traduzimos e adaptamos para o português brasileiro.

Diagrama 1 – Estrutura referente aos CLs locativos em Palikur

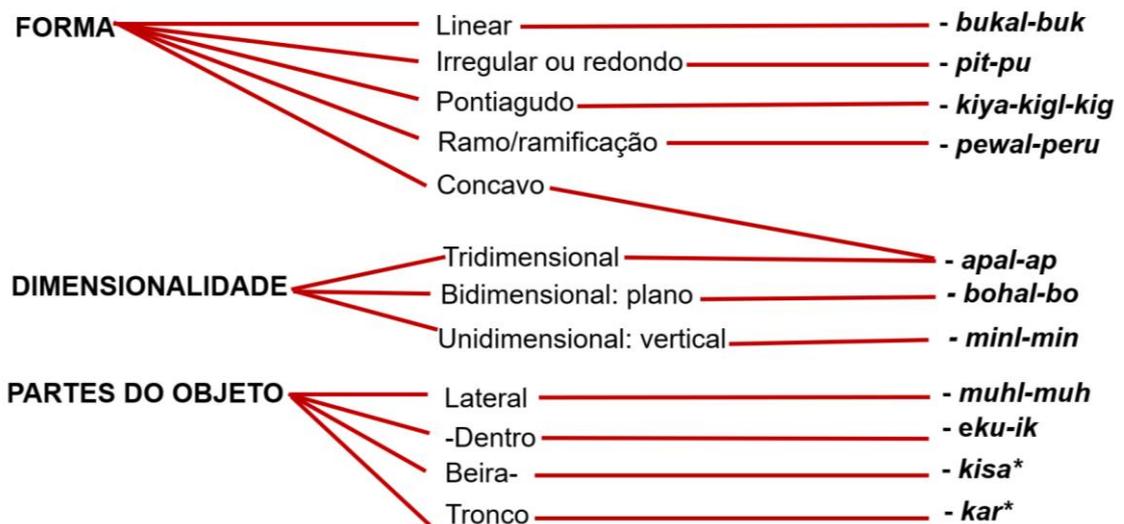


Fonte: Aikhenvald (2000, p. 173, tradução e adaptação nossas).

⁵⁷ Correspondem aos itens lexicais que estão diretamente ligados aos seus possuidores.

De acordo com Aikhenvald (2000), conforme o Diagrama 1, a escolha de CLs locativos é baseada na forma, na dimensionalidade e na delimitação do substantivo principal, não envolvendo distinção de animacidade. Alguns morfemas em Palikur podem ser usados como adposições locativas pelo seu próprio significado, independente de fazer referência cruzada de pessoas, número e gênero do nominal principal. Nessa língua, os CLs verbais são os mesmos em se tratando da forma e dos termos da dimensionalidade. No entanto, há uma diferença na limitação do nominal relacionado e nos CLs específicos. Para ilustrar as semelhanças e diferenças entre os CLs locativos e verbais em Palikur, Aikhenvald faz uma marcação com um asterisco (*) no CL correspondente, conforme ilustrado no Diagrama 2:

Diagrama 2 – Estrutura referente aos Classificadores verbais em Palikur



Fonte: Aikhenvald (2000, p. 164, tradução e adaptação nossas).

Os CLs locacionais, por sua vez, são lexemas que se ligam aos nomes que designam uma “locação”. Esses tipos de CLs ocorrem nas línguas como o Thai (Ásia Oriental) e Kiriwina (Oceania), marcando a concordância com o substantivo principal; assim, podem ser afixados a um locativo.

4. CLs Dêiticos

Os CLs dêiticos têm relação de referência e ocorrem com elementos dêiticos como os artigos e os demonstrativos. A sua escolha é semântica e tem a função de categorizar o nominal em termos de sua forma, animacidade e posição no espaço, aparecendo sempre no próprio substantivo.

Estudos de Klein (1979), Vidal (1995, 1994, 1997), Ceria e Sandalo (1995) e Aikhenvald (2000) consideraram alguns CLs como raros e problemáticos. A existência de classificadores dêiticos como um tipo especial foi demonstrada para as línguas da família Guacuruana, da Argentina, e Arawak (língua falada em parte da América do Sul e na Amazônia), uma das línguas indígenas do Brasil. Diferentes tipos de acordo podem ser perdidos em diferentes velocidades na obsolescência da linguagem. Na visão de Aikhenvald (2000), pode ser difícil distinguir um tipo de CL de outro, no entanto, sua escolha é semântica, categorizando o substantivo em termos de sua forma, animação e posição no espaço. Esses tipos de CLs nem sempre aparecem no próprio substantivo; se

uma língua tem CLs usados em demonstrativos, pode não estar claro se isso implica a presença de classificadores dêíticos ou apenas de classes de substantivos.

5. CLs Substantivos

Os CLs assumem características conforme com cada língua. Por exemplo, de acordo com Aikhenvald (2000) “[...] a escolha de qual conjunto de substantivos se torna classificador é tipicamente específica da língua, família ou área [...]” (AIKHENVALD, 2000, p. 133), isso porque certos substantivos se tornam gramaticalizados como CLs em algumas línguas, mas não em outras. Tal fator pode ser explicado, até certo ponto, por convenções e tradições socioculturais das línguas. As línguas australianas usam mais os substantivos genéricos como “comida vegetal”, “carne” ou “animal comestível”, além de várias divisões humanas, por exemplo, “homem”, “mulher”, “pessoa”, como CLs genéricos. As línguas maias, por sua vez, apresentam vários CLs que se referem ao domínio da interação social, cultura e crenças, como de “parentes masculinos”, “homens respeitados” e “divindades”.

6. CLs Verbais

Aikhenvald (2000) define os CLs verbais como aqueles que aparecem no verbo, cuja finalidade é categorizar o referente de seu argumento em termos de sua forma, consistência, tamanho, estrutura, posição de animacidade. Ela observa que na maioria das línguas os CLs verbais podem ser usados como uma função de rastreamento anafórico ou de referência em uma narrativa. Os classificadores verbais (predicados) se manifestam em três formas distintas: (i) com a incorporação de um substantivo classificatório, (ii) os classificadores verbais como afixos e (iii) com classificadores verbais supletivos com são apresentados em (2000, p. 149). Aikhenvald (2000, p. 171), afirma que “não há classificadores verbais nas línguas da África ou Eurásia⁵⁸ ou família austronésia”.

As formas semânticas dos CLs verbais, fornecidas no diagrama 02 acima, em Palikur, Aikhenvald (2000, p.165-167) diz que: “se um CL é usado com verbos estativos e transitivos, a primeira forma dada é aquela usada com o verbo estativo e a segunda é a usada com um verbo transitivo (diferenças de superfície são devidas a morfologia)”.

Fonte: Organizado pelo autor (2022) com base em Aikhenvald (2000).

Com relação aos CLs relacionais (Quadro 2), de acordo com Aikhenvald (2000) esses podem se combinar com CLs possuídos para criar um sistema integrado que inclui ambos os tipos de categorização, uma vez que o modo como um substantivo é 'possuído' pode estar correlacionado às suas propriedades inerentes. Sobre essa questão, Guirardello (1992) já havia identificado algumas construções com nomes alienáveis e inalienáveis na língua Trumai, falada por uma tribo indígena brasileira que habita o parque indígena do Xingu. Dois exemplos de construção alienáveis extraídos de Guirardello (1992, p. 101 -102) são estes:

⁵⁸ Eurásia entende-se a grande massa continental formada pelos continentes da Europa e da Ásia.

- (a) **karaju-kate** **so**
 branco <sufixo de posse> fogo
 “fogo do branco (fósforo)”
- (b) **hai-kte** **si**
 1 <1ª pessoa sing.> _ Sufixo Possessivo> canoa
 “minha canoa”

Em (a), o item lexical **karaju** é o que tem um objeto representado pelo **so**, ou seja, o fósforo. Em (b), tal relação possessiva também acontece, pois **hai** corresponde à primeira pessoa do singular pronominal e tem um item social que é **si**, que significa “canoa”. De acordo com Guirardello (1992), o que podemos observar é que, tanto em (a) quanto em (b), os objetos possuídos não são partes inseparáveis de seus possuidores, mas itens que são usados por um grupo. Essa seria a razão pela qual são considerados como alienáveis em Trumai.

Já as construções inalienáveis, de acordo com Nichols (1988), dizem respeito ao tipo de relação de proximidade que estabelecem com seus proprietários. Esses itens são agregados às instâncias como parentesco, partes do corpo, conceitos relacionalmente espaciais, partes de outros itens, estados físicos e mentais, dentre outros. Sandalo (1995) pesquisou a língua Kadiwéu, outra língua indígena do Brasil. Em sua dissertação (produzida na língua inglesa), ela descreve a gramática da língua Kadiwéu, e, dentre os exemplos por ela citados relacionados à ocorrência de nomes inalienáveis, destacamos apenas uma representação que indica algo que não é de uso social ou coletivo, como é o caso de “cabeça/sua cabeça”, assim como no exemplo a seguir, no qual cabeça é algo individual e não coletivo:

Gad-akilo

2 <peessoa do sing. posse> - cabeça
 Cabeça - “sua cabeça”

Como podemos perceber, os CLs relacionais têm a função de categorizar a natureza semântica de uma relação entre o possuído e o possuidor em uma determinada construção possessiva. Quanto aos CLs genitivos ou relacionais/possessivos, sob a ótica de Grinevald (2000) tais tipos de CLs “[...] são operadores de localidade o qual fazem parte das construções possessivas nas mais diferentes línguas.” (GRINEVALD, 2000, p. 78). Para a pesquisadora, o sistema de CLs genitivos seleciona objetos essenciais do meio ambiente, tais como alimentos,

roupas e transportes. Os CLs possuidores equivalem ao substantivo possuído e geralmente são afixados nele, podendo ser expressos por meio de uma palavra. Os CLs relacionais concatenam com a natureza da relação possessiva, são geralmente lexemas independentes, mas podem também ser afixados ao substantivo ou a um pronome possuidor.

De acordo com Grinevald (2000), a tipologia dos CLs tem base morfossintática. Os CLs ocorrem em uma subclassificação de diversos tipos de sistemas classificatórios linguísticos, constituindo um sistema aberto de categorização nominal de origem lexical, em que se destacam estes tipos de CLs: (i) os numerais (morfemas livres ou presos que ocorrem em contexto de quantificação); (ii) os de nome (morfemas livres que se situam nos limites de um sintagma nominal); (iii) os genitivos (morfemas que ocorres normalmente preso à marca de possuidor enquanto classifica semanticamente o objeto possuído); e (iv) os verbais (morfema localizado no interior da forma verbal, enquanto classifica um dos argumentos do verbo).

Grinevald (2000) também apresenta uma tipologia para os CLs, que consiste em um conjunto de unidades enquadrado nos vários tipos de sistema de classificação nominal. Nesse caso, os CLs seriam uma subclassificação dos diversos tipos de sistemas classificatórios linguísticos existentes, sendo os mais comuns os numéricos, os nominais, os genitivos e os verbais. E na tentativa de obter uma tipologia mais acessível, a pesquisadora fez a sua proposição com base morfossintática. Conforme explica Grinevald (2000), os CLs “[...] constituem um sistema aberto de categorização nominal de clara origem lexical usado em específicas construções morfossintáticas.” (GRINEVALD, 2000, p. 61). Do ponto de vista do comportamento morfossintático, Grinevald (2000) corrobora que “[...] são vários os tipos de CLs que correlacionam com em perfis semânticos.” (GRINEVALD, 2000, p. 74).

A tipologia de Grinevald (2000), representada no esquema a seguir, distingue os sistemas de classificação nominal do contínuo entre o sistema lexical, que geralmente é chamado de classes abertas. Os CLs são representados pelos termos de medição e pelos termos de classe. Já a gramática ou as classes fechadas é (são) representada(s) pelo sistema de gênero e classes nominais, isto é, os sistemas CLs são posicionados no centro do contínuo léxico-gramatical e compartilham propriedades com os elementos dos dois exemplos, assim como o esquema desenvolvido por Grinevald (2000) exposto na Figura 2:

outros determinantes do substantivo “e” são crucialmente encontrados independentes da operação de quantificação.” (GRINEVALD, 2000, p. 64).

Grinevald (2000) argumenta que são vários os tipos de CLs com perfis semânticos de uma determinada língua. Para ela, os CLs têm a tipologia morfossintática para novos tipos de CL, tais como CL locativo, CL verbal, CL dêitico, os mesmos discutidos por Aikhenvald (2004). Assim, “[...] os CLs constituem um sistema aberto de categorização nominal, de clara origem lexical usado em específicas construções morfossintáticas.” (GRINEVALD, 2000, p. 61). Do ponto de vista do comportamento morfossintático, identificam-se vários tipos de CLs: (i) numeral como morfemas livres ou presos, ocorrendo em contexto de quantificação, a exemplo⁵⁹ da língua japonesa; (ii) de nome, em que os morfemas livres, que se situam nos limites de um sintagma nominal e têm por função determinar o nome do referente, são encontrados com mais frequência nas línguas mesoamericanas; (iii) genitivo, relativo ao morfema que ocorre normalmente preso à marca de possuidor, ao passo que classifica semanticamente o objeto possuído; e (iv) de verbo, que corresponde ao morfema localizado no interior da forma verbal, enquanto classifica um dos argumentos do verbo. De acordo com Grinevald (2000), os CLs verbais podem desenvolver uma classificação lexical, encontrada também em outras modalidades de língua.

As tipologias apresentadas por Grinevald (2000) consistem, portanto, em um conjunto de unidades contido nos vários tipos de sistema de classificação nominal. Os tipos de CLs podem se correlacionar a perfis semânticos em uma determinada língua. Desse modo, há CLs que podem ser uma subclassificação dos diversos tipos de sistemas classificatórios linguísticos existentes, e os mais comuns são os numéricos, os nominais, os genitivos e os verbais. Os CLs verbais desenvolvem uma classificação lexical que pode ser encontrada em qualquer modalidade de língua oral/falada ou de língua de sinais/sinalizada.

Como ressaltamos nesta seção, muitas pesquisas se referem aos CLs como sendo morfemas que indicam uma classe semântica ou morfológica das palavras ou

⁵⁹ 本 二 冊

hon ni satsu

CL dois livro

dois livros.

expressões afins, todavia, no caso de estudos com base semântica, verificamos que os CLs têm formato, mobilidade, *status*, animação e dimensão. Assim, podemos dizer que os CLs surgem a partir de itens lexicais, de classes abertas (nome, verbo) e de subclasses abertas (nomes próprios, verbos de ação). O mais comum seria que os CLs tivessem sua origem mais em nomes do que em verbos, no entanto, não é bem assim que acontece.

Ademais, como podemos notar nas exposições dos teóricos supracitados, há uma gama enorme de CLs nas mais diferentes línguas mundo afora. Embora evidenciamos algumas pesquisas e alguns exemplos relacionados às línguas de um modo geral, que, de algum modo, contribuem para ampliar a nossa compreensão acerca da tipologia dos CLs nas línguas, na próxima seção, tematizamos a respeito dos CLs nas línguas orais e, na seção 1.4, nas línguas de sinais.

1.3 OS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS ORAIS E SEUS ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Quando se trata de CLs nas línguas, uma questão muito recorrente é: Em que situações os CLs aparecem? Para tal pergunta não há uma resposta exata, visto que a manifestação dos CLs vai depender muito da língua e da gramática de determinada língua classificadora. Na maioria das vezes, os CLs se apresentam quando um substantivo é precedido de um numeral ou quando o substantivo é ligado a um demonstrativo (isto, aquilo). Das mais variadas línguas existentes no mundo, os CLs estão mais presentes nas línguas chinesas, japonesa, coreana, do Sudeste asiático, bengali, assamês, persa, austronésias⁶⁰, maias, línguas indígenas do Brasil (Trumai, Kadiwéu, Arawak) e tantas outras. Pesquisas apontam que os CLs se apresentam apenas em alguns ambientes sintáticos e podem ser influenciados pela pragmática.

Teoricamente, como já pontuado, há línguas classificadoras e línguas não classificadoras. Sobre isso, Allan (1977), ao chamar a atenção para o fato de que algumas línguas são classificadoras, como é o caso da língua tailandesa, que é altamente classificadora, e outras não, como a língua inglesa, lança mão três critérios para distingui-las: (i) características inerentes e salientes das entidades como percebidas nelas ou atribuídas a elas pelo falante da língua (pode-se categorizar como

⁶⁰ São línguas faladas nas ilhas do Sudeste asiático e do Pacífico.

CL locativo); (ii) ocorrem como morfemas em estruturas de superfície em condições especificáveis; e (iii) um sentido pode ser percebido a partir de sua manifestação em algum objeto e/ou ser. O autor afirma que essas características podem incluir distinções entre humano e não humano, tamanho e forma, constituindo categorias de classificação, tais como: material, tamanho, consistência, forma e localização. Assim, com base nesse pesquisador, podemos dizer que o CL é uma forma que existe em algumas línguas e tem um tipo de concordância.

Nesse sentido, todas as línguas orais contam meios gramaticais para representar quantidade. Com relação às línguas orais, Allan (1977) expõe que são geralmente vistos como morfemas dentro de um sintagma nominal, servindo para classificar os referentes de acordo com as características reais; por serem morfemas lexicais, têm características semânticas. De acordo com o pesquisador, os CLs: (a) ocorrem como morfemas na estrutura da superfície sob condições especificáveis; e (b) têm significado, no sentido de que um CL denota alguma característica saliente percebida ou imputada da entidade à qual o substantivo associado se refere ou pode se referir. Dito de outro modo, para Allan (1977), os CLs ocorrem com afixos ou palavras independentes, mas não como nomes próprios. Algumas características são de fato percebidas ou imputadas da entidade à qual substantivo associado se refere.

Para Lakoff (1986), os CLs são sistemas de categorização de nomes, e há muito tempo são objetos de suas línguas. Algumas vezes, os CLs podem ser vistos com formas arbitrárias, podendo contribuir com o entendimento dos fenômenos da categorização humana. Já para Dixon (1986), um conjunto de classificadores pode distinguir-se por três critérios: (i) seu tamanho - sistema pequeno e finito ou um conjunto maior e mais aberto; (ii) seu *status* morfológico - morfologia não flexional ou morfemas lexicais livres; (iii) seu uso gramatical - conjunto de regras e certa disposição discursiva.

Como é possível notar, quando se trata de CL de substantivo, não é um tipo muito comum de classificação nominal. Se, por um lado, Grinevald (2000) argumenta que esses CLs são percebidos como morfemas livres que estão em um substantivo em uma sentença, por outro, Aikhenvald (2000) aponta que esses tipos de CLs são um tipo de dispositivo de categorização de substantivo não concordante, em que sua escolha é determinada pela seleção lexical. No entanto, ambas as pesquisadoras convergem ao assumirem que os CLs nas línguas orais ocorrem de diferentes formas

dependendo da posição frasal. Os CLs de substantivo são um tipo de sistema encontrado nas línguas da América do Sul e da Austrália.

Aikhenvald (2003) define os CLs como sendo morfemas abertos constituintes de um sistema gramatical, servindo para organizar referentes nominais em uma definição semântica. A língua tem CLs de construções, sendo definidos por Aikhenvald (2003) como lexemas independentes ou como morfemas que se afixam. Quanto a essa definição, percebemos que é semelhante à de Allan (1977), no entanto, ela apresenta tipologias distintas conforme já apresentadas na seção anterior.

Os CLs de substantivos também são encontrados em algumas línguas australianas, mesoamericanas, austronésias e amazônicas ocidentais. Por exemplo, nas línguas australianas, Dixon (1982, p. 1920) apresenta o seguinte classificador substantivo:

Bama	waguja
CL – Pessoa	CL - Homem
“Um homem”	

Algumas línguas permitem a ocorrência de um ou mais CL em uma sentença nominal, como exemplifica Dixon (1977, p. 484), com base na língua Yidiny:

Bama	waguja	wurgun
CL – Pessoa	CL - Homem	menino
“Um adolescente”		

Outro tipo de CL, também identificado em várias línguas orais, o CL de verbo, teve sua origem na língua Navajo⁶¹, tendo como uso atributivo um verbo classificatório que se restringe ao significado do substantivo. Na língua navajo, Hoijer (1945, p. 13) identificou, além do CL de verbo, outros CLs para diferentes tipos de dinheiro. As expressões são usadas conforme os exemplos apresentados a seguir:

a) **béésò** **sì-? á**
dinheiro CL <predicador de uma entidade redonda>
Uma moeda está lá?

⁶¹ Navajo é uma língua com um tipo de classificado de predicado (verbos classificatórios), em que o verbo de movimento ou a localização equivale a ser, dar.

b) **béésò** **sì-nìl.**
 dinheiro CL <de coleções>
 Um pouco de dinheiro.

c) **béésò** **sì-X-tsòòz.**
 dinheiro CL <predicado de uma entidade plana e flexível>
 Uma nota de dinheiro.

Nas línguas norte-americana e sul-americana, são encontrados tanto os CLs verbais quanto os verbos classificadores. Nesse sentido, é importante destacar que os CLs e os verbos classificadores devem ser diferenciados, pois o uso de ambos pode variar dependendo da sua realização em contextos linguísticos. Apesar de sua proximidade terminológica, há uma diferença crucial entre um e outro: (i) os CLs verbais exercem uma modificação ou classificação do conceito semântico expresso pelo verbo e, portanto, ocorrem no verbo e classificam um dos seus argumentos. Não devem ser confundidos como meios de classificação nominal, que servem à modificação ou à classificação do conceito semântico expresso pelo substantivo; (ii) os verbos CLs, por sua vez, ocorrem no verbo e classificam um dos seus argumentos. Assim, eles categorizam ou modificam o conceito que é expresso pelo verbo e não um dos seus argumentos nominais.

Aikhenvald (2000) define “[...] os classificadores verbais como aqueles que aparecem no verbo, categorizando o referente de seu argumento em termos de sua forma, consistência, tamanho, estrutura, posição de animacidade.” (AIKHENVALD, 2000, p. 149). Para ela, os CLs verbais (predicados) ocorrem de três formas: (i) com a incorporação de um substantivo classificatório; (ii) como afixos; e (iii) com CLs verbais supletivos ou verbos classificatórios, que “[...] aparecem no verbo, mas eles categorizam um substantivo, que normalmente está na função ‘S’ (sujeito intransitivo) ou ‘O’ (objeto direto), em termos de sua forma, consistência e animação.” (AIKHENVALD, 2000, p. 153). A pesquisadora também observa que, na maioria das línguas, os CLs verbais podem ser usados como uma função de rastreamento anafórico ou de referência em uma narrativa. Tanto Aikhenvald (2000) quanto Grinevald (2000) inseriram os CLs predicados dentro de uma tipologia geral de classificação de substantivos.

Os CLs verbais, de acordo com Grinevald (2000), desenvolvem uma classificação lexical que pode ser encontrada em qualquer modalidade de língua. De

acordo com a autora, os CLs numerais têm características das formas presas, mas os CLs numéricos representam um tipo de CL nominal que é considerado por Allan (1977) como um paradigma das línguas classificadoras. Os CLs numéricos estão presentes nas línguas do Sudeste Asiático⁶², nas línguas das Américas⁶³ e nas línguas Oceânicas⁶⁴, seguindo um princípio quase que universal: “[...] um classificador relaciona com um quantificador, locativo, demonstrativo ou predicado para formar um vínculo que não pode ser interrompido pelo substantivo que o classifica.” (ALLAN, 1977, p. 288).

É importante ressaltar que as línguas com CLs numéricos se diferem das demais. Na visão de Grinevald (2000), os sistemas de classificação nominal são de diferentes naturezas. Por exemplo, para a pesquisadora, termos de medidas são lexicais, isto é, são semanticamente sintagmas nominais, e os termos de classe são lexicais, operando como morfemas derivacionais, tanto que os CLs e os termos de medidas são da mesma natureza sintática, porém, são considerados como CLs sortais e de medidas.

Na língua japonesa, os CLs são mais anafóricos, com a função de carregar funções específicas, o que se difere da língua Yagua, do Noroeste do Peru, em que os CLs numéricos são um sistema concordante. Assim, para os linguistas, é um consenso que os sistemas de CLs fazem parte dos fenômenos de uma língua natural. No mandarim, por exemplo, os CLs também são realizados com números ou demonstrativos. Para ilustrar, temos o exemplo extraído de Erbaugh (1986, p. 402, tradução nossa):

那 三 只猫
 Nà sān zhī māo.
 Aqueles três CL <animal – gato>
 Aqueles três gatos.

⁶² Brunei ->. Malaio, inglês, - Camboja -> Khmer, - Cingapura ->. Malaio (nacional), inglês, mandarim, tâmil, - Filipinas ->. Filipino, inglês, Tagalo, - Indonésia -> Bahasa, - Laos ->. Laociano, - Malásia ->. Malaio, inglês - Mianmar ->. Birmanês, - Tailândia ->. Tailandês, - Timor-Leste -> Português e Tétum, - Vietnã ->. Vietnamita

⁶³ Língua creek, Língua cubeo, Língua onondaga, Língua seri.

⁶⁴ Compreendem aproximadamente 450 línguas, constituindo-se um subgrupo da família malaio-polinésia das línguas austronésias.

Na língua chinesa, os CLs numerais são conhecidos como CLs numéricos, aqueles que fornecem uma “medida” de massa estruturada, assim como podemos observar em outro exemplo:

五本书
 五 本 书
 wǔ bēn <CL> shū <substantivo>
 Cinco **CL** <numeral> livro “de publicação”
 Cinco livros.

Com base no exemplo, sem a presença do classificador **bēn** e do substantivo **shū**, a sentença torna-se incontável ou até mesmo agramatical. Nesse caso, o CL é necessário na língua chinesa para quantificar os substantivos. E isso se replica a todos os substantivos, tais como carros, objetos individualizados e, às vezes, seres humanos.

Allan (1977) apresenta alguns extratos de CLs numerais na língua tailandesa, do povo Tai:

ครูสามคน		สุนัขสี่ตัว
Khrū sām <CL numeral> khn.		Sunaḵh sī <CLnumeral> taw.
Professor três <numeral> pessoas.		Cachorro quatro <numeral> corpo.
Três professores.		Quatro cachorros.

Em algumas línguas, os CLs têm dispositivos anafóricos, manifestados, geralmente, pela gramaticalização de substantivos, por meio de substantivos genéricos, partes do corpo e em termos de parentesco. Esses CLs caracterizam as grandes áreas da Linguística e têm dois tipos principais de funções: (i) semântica, em que ocorre o poder de referencial do léxico; e (ii) pragmática, contribuindo para a organização do discurso. Os exemplos de CLs a seguir ocorrem nas anáforas ou nos dêiticos na língua Tai:

(a) hmā taw nâṇ' “De cachorro corpo que ” “ Aquele cachorro”	(b) taw nâṇ' “corpo que ” = aquele “animal, casaco, calças ou mesa”
---	--

Nos exemplos (a) e (b), notamos que o CL dêitico (nesses dois casos, o pronome demonstrativo ‘aquele’) categoriza o substantivo a que se refere. De acordo com Aikhenvald (2000), os CLs dêíticos “[...] ocorrem dentro de um sintagma nominal e categorizam o substantivo referente em termos de suas propriedades inerentes e posição no espaço, como horizontal ou vertical.” (AIKHENVALD, 2000, p. 468). Conforme suas pesquisas, esses CLs são encontrados em línguas Siouan-Catawban da América do Norte, nas quais os substantivos são tipicamente classificados por sua posição canônica, que se correlaciona com a sua forma e extensão (AIKHENVALD, 2000). Assim como ocorre na língua Pilagá, uma língua Guaicurua da Argentina, “[...] fogo e pedras são classificados como horizontais, e edifícios e animais como sentados.” (AIKHENVALD, 2000, p. 468)

De modo particular, consideramos relevante para esta pesquisa os parâmetros semânticos que são prepostos pelos CLs, os quais foram descritos por Aikhenvald (2000). Para a pesquisadora, todos os recursos de categorização de substantivos usam um mesmo conjunto de parâmetros principais, que incluem:

(i) animacidade; (ii) propriedades físicas que abrangem forma e dimensionalidade (objetos de uma, duas ou três dimensões, incluindo referentes longos, planos e redondos) e direção; tamanho; consistência (flexível, dura ou rígida, líquida); material (do que o objeto é feito, por exemplo, tecido); (iii) propriedades funcionais (relacionadas com usos específicos de objetos ou tipos de ação tipicamente realizados sobre eles), incluindo *status* social, que pode ser considerado um subtipo de categorização funcional; (iv) arranjo, ou seja, configuração de objetos, por exemplo, um rolo de corda ou um monte. (AIKHENVALD, 2000, p. 468).

No Quadro 3, extraído de Aikhenvald (200), são representadas “apenas tendências” que dependem de um tipo de dispositivo de categorização de substantivos:

Quadro 3 - Parâmetros semânticos preferidos em classificadores

Classificador	Semântica típica	Relação genérica-específica
Classes de substantivos	Animacidade, humanidade, propriedades físicas, raramente de natureza ou função.	Não

Classificadores numéricos	Animacidade, humanidade, propriedades físicas, natureza, raramente propriedades funcionais.	Raro
Classificadores de substantivos	Status social, propriedades funcionais, natureza.	Sim
Classificadores verbais	Propriedades físicas, raramente animacidade, natureza.	Sim
Classificadores relacionais	Propriedades funcionais	Não
Possuídos	Propriedades físicas, natureza, animacidade.	Sim
Classificadores	Propriedade funcional.	
Classificadores locativos	Propriedades físicas, raramente animacidade.	Não
Classificadores dêiticos	Direcionalidade, propriedades físicas.	Não

Fonte: Traduzido e adaptado de Aikhenvald (2000, p. 469).

Como observamos no quadro, a semântica de um CL pode variar conforme a sua complexidade, pois, dependendo da língua, alguns CLs são semanticamente simples, mas outros podem sofrer extensões semânticas e sua escolha pode ser menos direta. No entanto, a classificação nas línguas pode se manifestar de várias formas. Na língua portuguesa, por exemplo, a classificação acontece por desinência, partículas finais que indicam algumas flexões das palavras. As desinências podem ser nominais e verbais, de modo que classificam os substantivos e os adjetivos em gênero (masculino e feminino: menino**o** – menina**a**) e em número (singular e plural: menino**s** – menina**as**), respeitando algumas particularidades e regras da língua. Contudo, a adjetivação que descreve algo, que atribui uma qualidade a uma coisa (por exemplo, algo circular, quadrado etc.), não pode ser confundida com “classificador”.

A Teoria da Gramática Funcional, em 1989, define que uma das funções dos CLs nas línguas é marcar um processo de individualização de substantivos conceituais. Nas línguas classificadoras, os substantivos são reconhecidos como substantivos conceituais, em que ocorre a necessidade do uso de CLs para individualizá-los. Por exemplo, na língua chinesa, os CLs categorizam os substantivos. Para ilustrar, consideremos o CL 条 *tiáo*, que, além de individualizar uma unidade de número, por exemplo, ‘corda**s**’, também fornece uma classificação semântica para o substantivo ao indicar o objeto 绳子 *shēngzǐ* (corda), o qual assume a forma longa e estreita.

De modo geral, os CLs têm uma função linguística de categorização dos nomes, uma motivação semântica e características morfossintáticas e pragmáticas.

Eles são diferentes dos itens lexicais, pois marcam uma categoria de nome, tendo uma origem lexical definida e sendo utilizados em construções sintáticas específicas.

Muitas outras funções são atribuídas aos CLs. Para Denny (1976), a função do CL é “[...] comunicar por algumas classes em que os objetos se encaixam de modo a interagirmos com o CL.” (DENNY, 1976, p. 125). Os CLs podem desempenhar um papel anafórico, embora restrito. Com relação aos objetivos dos CLs, Denny (1976) é categórico em dizer que o propósito dos classificadores é sinalizar como os seres humanos interagem com o mundo, social, física e funcionalmente. Na mesma direção, Craig (2000) atribui aos CLs a função de interagir com os objetos em relação ao referente. Adams (1989), em uma análise mais específica, argumenta que, além de ter função nominal de substantivo em várias línguas, os CLs também funcionam como substitutos nominais, como nominalizadores de palavras, como outras formas e classes, como marcadores de definição, como marcadores de posse e vocativos, além de servirem para desambiguar sentenças e estabelecer coerência no discurso.

Ainda sobre a funcionalidade dos CLs, Klima e Bellugi (1979), a partir de seus estudos sobre a ASL, afirmam que os CLs funcionam como CL de pronomes como marcadores de referência. Já Edmondson (2000), para além do que mencionam as pesquisadoras supracitadas, acrescenta que os CLs funcionam como marcadores de concordância, assumindo várias funções, por exemplo, atuam como CLs gramaticais, com condições de uso, significados e origem diferenciados (ZWISTERLAND, 2003). Na distribuição sintática, os CLs, além de indicarem a concordância em suas construções, servem a uma função anafórica no discurso.

Como podemos observar, as pesquisas e estudos a respeito dos CLs nas línguas orais são muito amplos e relevantes para compreendermos inclusive a sua manifestação nas línguas de sinais. Por isso, ressaltamos que nesta seção nos valem apenas de algumas pesquisas sobre a temática, já que não é nosso escopo e esgotá-la, mas sim verificar o papel dos CLs na Libras, bem como os contextos linguísticos de suas realizações. Na direção de atender a esse objetivo geral, na seção seguinte, concentramo-nos em discorrer acerca dos CLs nas línguas de sinais.

1.4 CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS DE SINAIS

O número de línguas orais que são classificadoras vai muito além do que geralmente pensamos. Essa falsa impressão pode ser oriunda do fato da enorme

quantidade de CLs presentes nas línguas de sinais. Assim, quando se fala em CLs, logo vêm à mente as realizações de CLs em diferentes contextos linguísticos das mais variadas línguas de sinais. Essa referência é motivada pelos avanços de estudos linguísticos das línguas de sinais, os quais apontam o termo CL como um fenômeno muito presente e comumente usado nessas línguas, seja por seus falantes ou em contextos de tradução e de interpretação.

Os CLs passaram a ser objeto de pesquisa e interesse dos linguistas aproximadamente na década de 1970, com o objetivo de capturar suas propriedades semânticas universais. Sobre os CLs, estudos das línguas de sinais desenvolvidos por pesquisadores como Baker e Cokely (1980), McDonald (1982), Ferreira Brito (1995) e outros, com base nas línguas orais, assumem o CL como sendo um morfema afixado a um item lexical, ao qual é atribuído a propriedade de pertencer à determinada classe. Pesquisadores como Supalla (1986, 1990), Hoffmeister *et al.* (1997), Emmorey (2002), Grinevald (2003), Shembri (2003) e Sandler e Lillo-Martin (2006) investigaram os CLs nas línguas de sinais presente no mundo.

Na Espanha, além da Língua de Sinais Espanhola (LSE), existe a Língua de Sinais Catalã, usada pela comunidade surda catalã. Na LSE, os CLs são estudados na *Gramática Didáctica de La Lengua de Signos Española (LSE)*, produzida por Herrero-Blanco (2009), que insere os CLs em uma classe gramatical intitulada *Quantificação e classificação do nome*. Assim como outros, o autor concebe os CLs como morfemas, porém, seu foco está nos CLs de plural descritivos. Para ele, “[...] a incidência de plural descritivo em LSE é especialmente recorrente quando o enunciador realiza o sinal.” (HERRERO-BLANCO, 2009, p. 150). O pesquisador define classificador como uma configuração manual que substitui uma classe de objetos e se usa para:

- (i) Referir-se aos objetos dentro de um predicado (um verbo, um adjetivo etc.) ou em um local determinado, conforme demonstra a Figura 3, correspondente a CARRO (coche) em LSE:

Figura 3 - Representação de CL do sinal de CARRO (coche) em LSE

(1a) Coche	(2a) CL coche	(3a) El coche está volgado.
Carro (sinal)	CL Carro	O carro está capotado/virado.



Fonte: Traduzida e adaptada de Herrero-Blanco (2009, p. 150).

Nesse exemplo, o sinal de CARRO é substituído por seu CL cuja CM é , para expressar “O carro capotou”.

(ii) Realizar quantificações descritivas, como indica a Figura 4:

Figura 4 - Representação de CL do sinal de GATO (gato) em LSE

(1b) Gato (2b) CL Gato (3b) CL "tres gatos em fila".
 Gato (sinal) CL Gato CL “TRÊS GATOS LADO A LADO”



Fonte: Traduzida e adaptada de Herrero-Blanco (2009, p. 150).

Na Figura 4, enfatizamos a forma como a quantificação de “gatos” se realiza a partir do CL, que expressa número (plural). O sinal de gato é repetido por meio do seu classificador (ver na imagem 2b CL gato), expressando-se o plural descritivo: “três gatos em fileira ou lado a lado”.

Referente aos estudos sobre os CLs na ASL, Supala (1972, 1974, 1978), Valli e Ceil (2001) e Emmorey (2002) os compreendem como morfemas que marcam os verbos de movimento e os de localização. Em Libras, temos como base as pesquisas desenvolvidas por Ferreira Brito (1995), Felipe (2002), Quadros e Karnopp (2004), Bernardino (2012), Pimenta (2012) e outros, as quais compartilham das mesmas definições estabelecidas nos estudos da ASL. Ferreira Brito (1995), por exemplo, utiliza o conceito abordado por Allan, ao dizer que “[...] um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica.” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 102). A autora examina os classificadores na Libras com base no que Allan (1977) chamou

de CL predicado. Ela também extraiu de Allan (1977) os estudos sobre os verbos classificatórios da língua navajo, utilizando-os como base para seu trabalho, em que definiu os classificadores da LSB ⁶⁵ como “[...] partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização.” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 103).

Na Língua de Sinais Alemã (DGS), os estudos sobre CLs são analisados com base nas pesquisas desenvolvidas por Glück e Pfau (1997), cuja proposta é considerar os CLs especificadores separadamente, visto que se manifestam na mudança da forma/configuração da mão. Além disso, são comparados com os sistemas de concordância de classes de substantivos nas línguas orais.

É de consenso entre os pesquisadores da área que os CLs existem tanto em línguas faladas/línguas orais quanto nas línguas sinalizadas/línguas de sinais. Ferreira Brito (1995) afirma que “[...] as línguas orais orientais são as que mais apresentam classificadores.” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 102). Entretanto, o que se percebe é que, em Libras, a incidência de classificadores é frequente, e uma das explicações para isso baseia-se no fato de que a modalidade dessa língua é visual, gestual e espacial, utilizando-se multidimensionalmente do espaço. Ainda que haja avanços acerca dessa temática, como signo de estudo, ainda se procura uma definição adequada para nomeá-lo de acordo com as suas especificidades linguísticas.

A complexidade morfológica dos CLs em língua de sinais, por mais de cinco décadas, vem desafiando os linguistas. A iconicidade das línguas sinalizadas geralmente foi reconhecida em parte do léxico dessas línguas. Ted Supalla (1986) apresenta uma definição bastante relevante sobre os CLs na língua de sinais, assumindo que são morfemas incorporados aos verbos (de movimento), marcando a classe ou a categorização dos substantivos referentes. Apesar dessa posição, foi Nancy Frishberg (1975) que mencionou em suas pesquisas que algumas das iconicidades, ou "motivações", poderiam ser oriundas da complexidade morfológica que permeiam os sinais, uma vez que, na ASL, os articuladores manuais às vezes

⁶⁵ Língua de Sinais Brasileira (LSB) e/ou Brazilian Sign Language (BSL) são nomenclaturas que foram (e ainda são) usadas por muitos pesquisadores brasileiros para se referirem à língua de sinais do Brasil. O uso desses termos foi muito mais frequentes antes da Lei nº 10.436/2002 reconhecer a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Uma das justificativas para o uso da LSB ou BSL é a tentativa de padronização do termo para fins de publicações de pesquisas em nível internacional, uma vez que a maioria das línguas de sinais apresenta siglas cuja letra inicial é L (língua), seguida de S (sinais) e do nome do país, ou vice-versa. Por exemplo, ASL – American Sign Language, BSL - British Sign Language, AUSLAN – Australian Sign Language, DGS - Deutsche Gebärdensprache, dentre outras.

aparecem para expressar certas características semânticas de argumentos substantivos. Sob essa ótica, ela também foi a primeira pesquisadora a descrever e a usar o termo e os elementos da ASL como classificadores. Desde então, os estudos acerca dessa temática vêm ganhando mais espaço entre os estudiosos das diferentes línguas de sinais. Acredita-se que as formas/configurações de mãos podem ser analisadas como morfemas CLs, algo que está mais detalhado em Zwitserlood (2003, 2012), que tem trabalhos bastante significativos e com muitas contribuições na língua de sinais holandesa.

Atualmente, em se tratando dos estudos de CLs nas línguas de sinais, embora não encontramos muitas pesquisas interlinguísticas (entre as línguas de sinais), as informações, as referências, as descrições e os exemplos de CLs em várias línguas de sinais se assemelham. Na Língua Holandesa de Sinais (NTG), Zwitserlood (2003) investigou as CMs como formas de classificadores. Já Aikhenvald (2003) apresentou os CLs nas línguas de sinais sobre uma perspectiva tipológica. Para a autora, a maioria das línguas de sinais têm classificadores verbais que são realizados com a mão. Assim, a pesquisadora, com base no material das línguas de sinais de diferentes partes do mundo, fomenta os seguintes questionamentos :

1. Quais são as propriedades de definição das construções de classificadores?
2. Quais são os inventários de morfemas do classificador, por exemplo, formas de mão do classificador e os parâmetros semânticos empregados? Em que eles são diferentes daqueles das línguas faladas? Que extensões semânticas são naturais para as línguas de sinais? As categorias de classificadores podem ser semanticamente complexas?
3. Quais são as funções dos classificadores? Eles são usados para categorizar os referentes substantivos como membros de classes de entidades conceitualmente distintas? (Observe que a intuição dos falantes nativos é crucial aqui). Como o uso de classificadores se correlaciona com as propriedades discursivas-pragmáticas dos referentes nominais – como sua atualidade – e com sua função sintática? (AIKHENVALD, 2003, p. 89).

Estudos aprofundados nas diferentes línguas de sinais vêm tentando cada vez mais inventariar e analisar as construções de CLs. Nesse sentido, Emmorey (2003) apresenta uma descrição de CLs nas línguas de sinais como verbos “policomposicionais”, isto é, estruturas produtivas nas línguas de sinais que envolvem construções verbais. Conforme explicita Liddell (1980), os CLs foram analisados como

possuidores de combinações de morfemas incorporados a ações e locais, também conhecidos na literatura como “predicados classificadores”.

Supalla (1986) também explicita uma definição sobre os CLs como morfemas incorporados aos verbos, ao passo que Sutton-Spence e Woll (1999) acreditam que os CLs são utilizados para referenciar grupos de elementos que compartilham características comuns; são, desse modo, proformas e encontrados em verbos de movimentos e de localização. Os proformas, por sua vez, têm função anafórica, sendo realizados nas línguas de sinais por uma determinada configuração de mão, orientação específica a que se referem. Cuxac (1985) refere-se às proformas como CLs manuais que têm suas especificações, considerando que a iconicidade dos sinais assume um papel importante e formal na constituição da gramática da língua.

Podemos, por muitas vezes, até pensar que o CL é idêntico a um sinal, mas vale ressaltar que esse tem uma estrutura semântica um tanto complexa. Ele seria um tipo de morfema livre, representando, em alguns momentos, um sintagma nominal ou um sintagma verbal. Os CLs são unidades com função gramatical. Os estudos já citados apontam que a função dos CLs nas línguas de sinais é descrever algumas funções semânticas de um antecedente nominal, e não para substituir um predicado.

Com base na literatura internacional e nacional, tem sido possível observar que em se tratando de unidade gramatical, os CLs vão além do que poderíamos imaginar em um primeiro momento. O termo CL, de um modo mais genérico, é utilizado para representar aspectos morfológicos em dado contexto com relação ao sistema de uma língua. A terminologia CL tem sido usada para se referir a elementos da CM, verbos de movimentos, localização e manuseio de seres animados e inanimados. Em Frishberg (1975) e Supalla (1978), as CMs representam categorias de entidades que compartilham algumas características, como notamos na Figura 5, a partir de um exemplo da Língua de Sinais Britânica (BSL), extraído de Cormier *et al.* (2012), os quais, por sua vez, pautaram-se nos registros de Brennan (1992). Nesse caso, o CL

refere-se a CM , que corresponde a uma entidade (PESSOA) em movimento.

Figura 5 - Representação de um CL verbal na BSL



MAN DC⁶⁶: upright. stick. shaped. entity+move+ from. location. x+to.location.y
 HOMEM (vertical. comprido. forma. entidade. mover.a partir de.localx+para.localy)
 HOMEM MOVER-SE de local X para local Y.

Fonte: Cormier *et al.* (2012).

Em muitas línguas de sinais (por exemplo, ASL, Libras, BSL, LSE e outras), a



CM tem sido geralmente descrita como a forma de mão que identifica a classe do referente. Na Figura 5, é interessante observar que, para a construção e para a realização da ação “HOMEM MOVER-SE LOCAL X – PARA LOCAL Y”, é necessária uma simultaneidade de ações: o item lexical HOMEM (que marca a entidade pessoa masculino), seguido de uma forma de mão, da orientação da palma da mão, de uma locação (não aleatória), de um movimento e de uma expressão não manual (facial). Foi, portanto, a junção desses cinco parâmetros articulados entre si que possibilitou a construção do enunciado.

Sobre a construção de entidades em línguas de sinais, há várias pesquisas que documentam muitos exemplos (AARONS; MORGAN, 2003; SLOBIN *et al.*, 2003; CUXAC; SALLANDRE, 2007; QUINTO-POZOS, 2007). O estudo de Schembri (2003) descreve critérios para a definição dos classificadores na Língua de Sinais Australiana (Auslan), isso com base na tipologia de Grinevald (2003), com o intuito de distinguir os sistemas CLs de outros tipos de sistemas classificatórios. O curioso é que, em se tratando de línguas de sinais, Schembri (2003) observa que as CMs utilizadas para um CL na língua de sinais necessitava de um termo para suprir os critérios terminológicos. Os CLs em Auslan são compreendidos por Johnston e Schembri

⁶⁶ DC - Depicting Constructions. Cormier *et al.* (2012) optaram por usar o termo DC (terminologia introduzida por Liddell (2003a), que também utiliza o termo DESCRIÇÃO DE UNIDADES DE FORMA DE MÃO ou DESCRIÇÃO DE FORMAS DE MÃO) para referir-se às CMs usadas na representação de construções em vez de “classificador”. A justificativa foi, segundo eles, para “[...] facilitar a exposição ao fazerem referências a toda a gama do conjunto de formas em línguas de sinais.” (CORMIER *et al.*, 2012, p.330).

(2007) como “[...] itens lexicais complexos nos quais cada uma das unidades de a configuração de mãos, orientação, localização e movimento pode ter seu próprio significado.” (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007, p. 165).

Nessa mesma perspectiva, notamos que outros pesquisadores fazem uso de terminologias distintas ao invés de “classificador”; referem-se, por exemplo, aos morfemas CLs como sendo “sinais polimorfêmicos”, “sinais policomponenciais”, “sinais representativos”, “verbos representados”, “retrato de construções” e outras terminologias. Cormier *et al.* (2012), como destacado, optaram por usar o termo DC para se referirem às CMs usadas na representação de construções em vez de “classificador”.

Outro tipo de CL presente nas línguas de sinais é o de substantivos (nombres classificatórios), isto é, são substantivos comuns que, de acordo com Herrero-Blanco (2009), “[...] encontram-se em diversos graus de gramaticalização.” (HERRERO-BLANCO, 2009, p. 199). O CL substantivo atua como morfema livre para complementar o seu significado lexical. Por exemplo, na LSE, o CL para nomes de árvores frutíferas é ARBOL NARANJO (árvore + laranja = laranjeira). Nesse caso, a palavra espanhola ‘naranja’ usa na LSE o nome classificatório ÁRBOL, seguido do sinal NARANJA = NARANJO (laranjeira); logo, ÁRBOL é um classificador nominal de laranja (ÁRBOL NARANJA), assim como visualizamos na Figura 6:

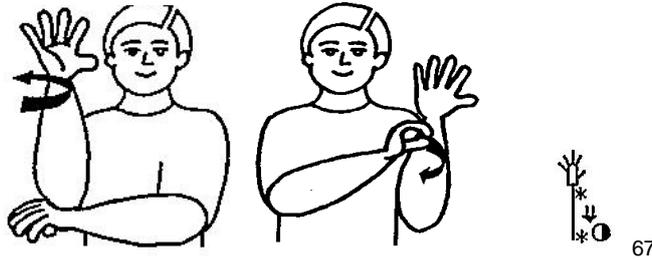
Figura 6 - Representação do CL substantivo NARANJO (laranjeira) em LSE



Fonte: Herrero-Blanco (2009, p. 199).

No entanto, na LSE, os substantivos CLs de grande uso são os de TRABAJO (trabalho), ÁGUA (água), PERSONA (pessoa), DINERO (dinheiro) e TIENDA (loja). Em Libras, embora essa discussão seja aprofundada no Capítulo 3, adiantamos que o CL nominal para o caso de algumas árvores frutíferas acontece da mesma forma que na LSE. Por exemplo, JABUTICABEIRA é composta pela adjunção do sinal ÁRVORE (morfema livre) com um morfema formado por uma CM que representa bolinhas sendo colocadas no tronco (morfema preso), conforme a Figura 7:

Figura 7 - Representação da composição do CL nominal JABUTICABEIRA



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1.577).

Podemos dizer que as línguas de sinais têm por descrição unidades morfológicas que consistem em parâmetros. Esses, por sua vez, são usados para representar as características de algo.

Na Língua de Sinais Russa (RSL), os CLs semânticos, conforme explica Khristoforova (2003), são CMs que apresentam determinada classe semântica, ou seja, classe de objetos, classe de seres humanos, assim como a construção representada na Figura 8:

Figura 8 - Representação de um classificador semântico em RSL



LH⁶⁸: Loc(right) – CL ():HORSE – STAY HUMAN-

RH⁶⁹: Loc(left) – CL ():

APPROACH– Loc(center)

MD: LOC (à direita) - CL (): cavalo – Fica parado.

MD: LOC (esquerda) - CL (): humano aproximação- LOC (centro)

“Um humano aproximou-se do cavalo parado”.

Fonte: Traduzida e adaptada de Khristoforova (2017, p. 2).

⁶⁷ Representação da figura 07 em escrita de sinais.

⁶⁸ LH – *Left hand* – Mão Esquerda.

⁶⁹ RH - *Right hand* – Mão Direita.

Conforme demonstra Khristoforova (2017), na RSL, os predicados do CL podem ser produzidos simultaneamente por duas CMs, mas que se movem separadamente e indicam diferentes referentes e seus movimentos. Na Figura 8, a

mão direita, que assume a forma do referente X (humano) pela CM  , marca a localização inicial da mão (Loc); o classificador, portanto, corresponde à forma da mão (o referente), seguido do significado lexical do predicado, que é dado pela Localização final da mão (Loc) (se o movimento ocorrer). Já a mão esquerda assume a forma do

referente Y (cavalo), por meio da CM  , seguido da Localização inicial da mão (Loc) e do classificador forma da mão – CM, que é associado ao significado lexical do predicado pela Localização final da mão (Loc) (se o movimento ocorrer).

É curioso notar que em Libras, diferentemente da RSL, ambas as CMs  e  , na posição vertical, são CLs que predicam seres humanos em movimento ou

parados, porém, a CM  , na posição horizontal, classifica seres humanos deitados (tomando sol ou acamados).

Os CLs predicados, por sua vez, são metáforas espaciais, visualizações de cenas ou mesmo descrições pantomímicas. O CL predicativo seria um sinal complexo normalmente precedido por uma frase nominal. Poderíamos dizer que o sinalizador realizaria um movimento tridimensional com as mãos em comunicação. Esse tipo de CL é ideal para descrever ferramentas de manipulação, tamanho, movimento e processos visuais ou espaciais.

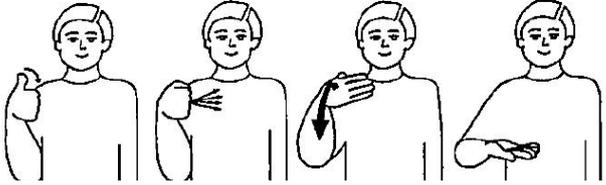
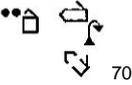
No Dicionário impresso de Libras, o conceito de CL diz respeito:

[...] aos diferentes modos como um, sinal é produzido, dependendo das propriedades físicas específicas do referente que ele representa. Os classificadores geralmente representam algumas características físicas do referente como seu tamanho e forma, ou seu comportamento ou movimento, o que confere grande flexibilidade denotativa e conotativa aos sinais. **O sinal CAIR, por exemplo, é**

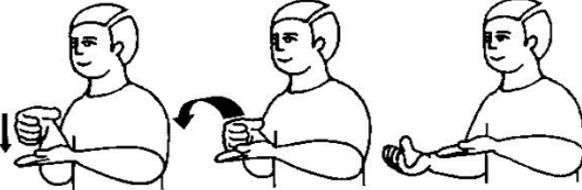
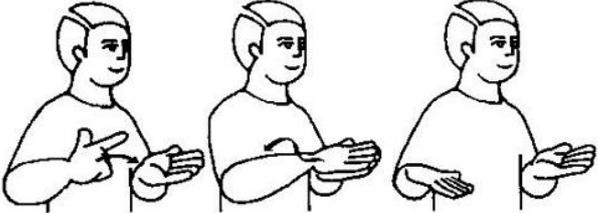
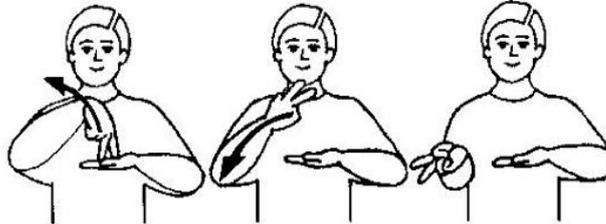
classificador, pois sua forma varia de acordo com o objeto referido, ou seja, que sofre a queda (e.g., papel, copo, pessoa). Quando um sinal funciona como classificador, sendo que sua forma específica varia dependendo das circunstâncias particulares de seu uso, a sigla CL aparece após o verbete [...]. (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 33, grifos nosos).

A afirmação em destaque nessa citação requer algumas reflexões. Tumtavitikul *et al.* (2009), ao apresentarem suas pesquisas acerca dos CLS nas línguas de sinais Thai - Thai SL, afirmam que “[...] geralmente são afixos realizados em verbos. Um classificador verbal refere-se às propriedades inerentes do substantivo que está tematicamente relacionado ao verbo como seu sujeito ou objeto.” (TUMTAVITIKUL, *et al.*, 2009, p. 36). De acordo com Capovilla *et al.* (2017), o sinal CAIR está lexicalizado no dicionário com a função gramatical de um CL, uma vez que a ação de cair é realizada conforme o ser animado ou inanimado que sofre a queda. A composição do registro lexicográfico em Libras para CANETA-CAIR, COPO-CAIR, PAPEL-CAIR e PESSOA-CAIR, leva-nos a pelo menos duas questões: (i) Teriam esses sinais a função de CL?; (ii) Poderíamos compreender um CL sendo um morfema anexado a algum tipo de raiz?; (iii) O verbo CAIR em Libras só se realiza quando o parâmetro movimento é incorporado ao objeto ou ao referente pessoa? No Quadro 4, destacamos os quatro sinais de CAIR citados por Capovilla *et al.* (2017).

Quadro 4 - Registro lexicográfico da realização do verbo CAIR em Libras conforme Capovilla *et al.* (2017)

ITEM LEXICAL COM VERBO CL – CAIR	COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA
<p style="text-align: center;">(1) CANETA-CAIR</p>  <p>(CAPOVILA <i>et al.</i>, 2017, p. 508).</p>	<p>O item lexical composto pelo sinal de CANETA e um sinal semelhante a derrubar algo.</p> <p>SINAL <morfema livre> + CL <morfema lexical></p> <p>Representação em Escrita de Sinais</p>  <p style="text-align: right;">70</p>
<p style="text-align: center;">(2) COPO-CAIR</p>	<p>O item lexical é composto pelo morfema</p>  <p>lexial e a ele é incorporado o</p>

⁷⁰ Item lexical em escrita de sinais.

 <p>(CAPOVILA <i>et al.</i>, 2017, p. 508).</p>	<p>parâmetro M, que exerce a ação de cair.</p> <p>CL <morfema lexical> + CL <morfema preso></p> <p>Representação em Escrita de Sinais</p>  <p>71</p>
<p>(3) PAPEL-CAIR</p>  <p>(CAPOVILA <i>et al.</i>, 2017, p. 508).</p>	<p>O item lexical é composto pelo sinal de PAPEL. Ao sinal de papel são incorporados outros dois parâmetros: uma CM e um M do tipo sinuoso:</p>  <p>SINAL <morfema livre> + CL <morfema lexical></p> <p>Representação em Escrita de Sinais</p>  <p>72</p>
<p>(4) PESSOA-CAIR</p>  <p>(CAPOVILA <i>et al.</i>, 2017, p. 508).</p>	<p>O item lexical é composto pelo CL de PESSOA <classifica pernas/pessoa andar>. Ao CL pessoa é incorporado o parâmetro M <que infere o movimento de cair>.</p> <p>CL <morfema lexical> + CL <morfema preso></p> <p>Representação em Escrita de Sinais</p>  <p>73</p>

Fonte: Organizado a partir de Capovilla et al. (2017, p. 508-509).

A partir desse quadro, vamos retomar nossas inquietações. Com relação à primeira questão, teriam esses sinais a função de CL? O que compreendemos até o momento, considerando que nas línguas o léxico é composto por palavras que são morfologicamente compostas por CLs, é que esses são itens lexicais morfologicamente compostos por diferentes tipos de morfemas. Em (1), CANETA é um sinal que pode receber ação de outros parâmetros, por exemplo, se, ao realizar o sinal de CANETA, o interlocutor acrescentar um movimento de rabiscar com força,

⁷¹ Item lexical em escrita de sinais.

⁷² Item lexical em escrita de sinais.

⁷³ Item lexical em escrita de sinais.

simultaneamente a uma expressão facial de negação, pode-se compreender que a caneta não está funcionando, não está escrevendo. Portanto, nesse caso, CANETA é um morfema livre ao qual pode ser adjungido um ou mais parâmetro(s). Como podemos notar, em (1), juntamente com sinal de CANETA há um item lexical semelhante a derrubar algo, ao qual estamos considerando como um morfema lexical, visto que um morfema lexical (radical/raiz) é responsável pela base do significado. Assim, podemos dizer que estamos diante de um item lexical (CANETA) que recebe uma modificação ou uma classificação de um conceito semântico que é expresso pelo



verbo (morfema lexical cuja composição pelos parâmetros CM, L e M forma a base para um item lexical de algo caindo, sendo derrubado ou capotado). Um verbo CL, desse modo, é constituído por morfemas que classificam ou quantificam substantivos de acordo com critérios semânticos, isto é, eles classificam um substantivo de forma específica. Isso já responde à segunda indagação: Poderíamos compreender um CL sendo um morfema anexado a algum tipo de raiz?

Quanto à terceira pergunta - O verbo CAIR em Libras só se realiza quando o parâmetro movimento é incorporado ao objeto ou ao referente pessoa? -, como notamos nos exemplos (1), (2), (3) e (4) do Quadro 4, CAIR é um verbo CL composto por morfemas lexical e preso; o uso de um tipo ou de outro vai depender do substantivo.

Com o exposto, vale dizer que não basta apenas afirmar que o “sinal” CAIR “é classificador, pois sua forma varia de acordo com o objeto referido, ou seja, que sofre a queda (e.g., papel, copo, pessoa)”, mas, pricipalmente, identificar o tipo de CL com o propósito de compreender os contextos de suas realizações.

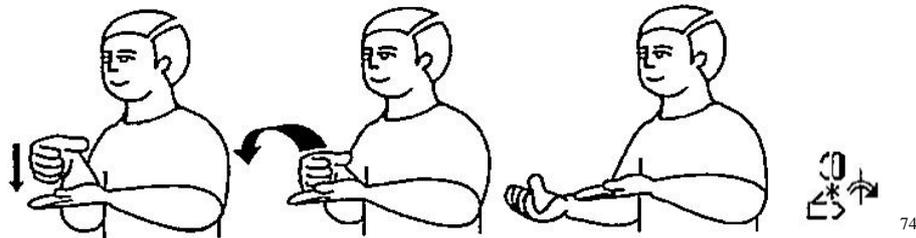
Além das discussões já mobilizadas a respeito dos CLs em línguas de sinais, é preciso considerarmos outro elemento, as formas cristalizadas, algo feito na subseção seguinte.

1.4.1 Formas cristalizadas: Classificadores ou Sinais?

Assim como em outras línguas de sinais, em Libras, há sinais em que a CM tem uma denotação semelhante como quando usada em um predicado que expressa

um movimento ou um local de um referente. Para Kooij (2002), Zwitserlood (2003) e outros, essas podem ser ocorrências de sinais motivadas por semelhanças com o referente ou com a ação. Por exemplo, em Libras, “COPO-CAIR”, conforme representado no Quadro 4, é um item lexical no qual a primeira raiz é ancorada e a segunda é deslocada, sendo formado por um CL de entidade média e cilíndrica que se move bruscamente no local de realização, referindo-se a: (alguém) derrubou o copo ou X-mover-LOC_{bruscamente}.CL:ent. med.cilín.:

Figura 9 - CL referente a COPO-CAIR em Libras.



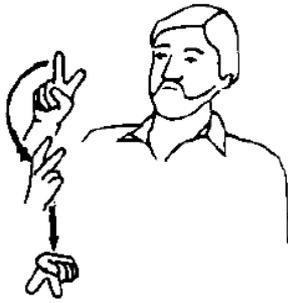
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 508).

Como já mencionado na seção anterior, o CL está lexicalizado no dicionário de Capovilla *et al.* (2017). Nesse sentido, pesquisadores como Boyes-Braem (1981), Supalla (1982), Johnston e Schembri (1999) e outros alegam que esses sinais são “cristalizados” ou lexicalizados. Conforme esses estudiosos, sinais como esses são formados por regras produtivas⁷⁵ na língua, mas que podem se comportar inesperadamente em vista dessas normas. Assim, o significado, as características morfossintáticas ou a produtividade podem ser diferentes do esperado. Por causa desse comportamento, muitos pesquisadores de línguas de sinais consideram esses sinais como 'cristalizados' ou lexicalizados. De acordo com Supalla (1986), há um contínuo entre sinais produtivos (novas formas) e os sinais que não têm mais complexidade morfológica interna (formas cristalizadas). No entanto, o autor se refere a esse tipo de comportamento linguístico com base no sinal de CAIR em ASL, ilustrado na Figura 10:

⁷⁴ Classificador COPO-CAIR em escrita de sinais.

⁷⁵ A produtividade ou criatividade de um sistema de comunicação é a propriedade que possibilita a construção e interpretação de novos enunciados (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Figura 10 - Sinal de CAIR em ASL



“To fall down” – CAIR

Fonte: Supalla (1986, p. 206).

No sinal de CAIR, de Supalla (1986), a CM usada provavelmente deveria refletir uma entidade de pernas. Entretanto, conforme Zwitterlood (2003), atualmente, tal sinal é usado para todas as entidades, como livros, carros e canetas, não apenas para entidades com pernas. De fato, concordamos que, desse modo, a CM não funciona mais como um verdadeiro CL.

Na Libras, todavia, encontramos um conjunto significativo de sinais lexicalizados que são complexos e mantêm os atributos de um verdadeiro CL, como é o caso de COPO-CAIR (Figura 9). Em vista disso, analisaremos os sinais complexos lexicalizados - CLs da Libras -, com a finalidade de identificar os CLs nominais e os CLs verbais a partir da sua composição morfológica.

De acordo com Campello (2008), o CL é visual, sendo um auxiliar da língua de sinais, utilizado para determinar as especificidades e “dar vida” a uma ideia, a um conceito ou a signos visuais. Pizzio *et al.* (2009) conceituam classificadores como:

Um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixados a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico). (PIZZIO *et al.*, 2009, p. 13).

Ferreira Brito (1995), ao assumir os CLs como morfemas, reforça a ideia de que a incidência de CL é frequente nas línguas de sinais, de modo particular na Libras. Uma das explicações para esse fato deve-se à sua modalidade e ao uso multidimensional do espaço. A linguista define os CLs com base em Allan (1977), a partir de dois critérios: (i) eles se realizam na estrutura de superfície sob condições

específicas; (ii) eles têm significado, já que os CLs denotam alguma característica imputada a uma entidade que é referida por nome.

Nas línguas de sinais, a função dos CLs é descrever algumas colocações semânticas de um antecedente nominal, e não substituir um predicado. Pesquisadores das línguas de sinais (tais como SUPALLA, 1980, 1982, 1986; EMMOREY, 2002; ZWITSERLOOD, 2003, 2012; HERRERO-BLANCO, 2009), ao estudarem os CLs semânticos, consideram que eles formam classes e são finitos. O CL pode, desse modo, representar uma frase ou parte de uma frase. Ademais, é possível que se manifestem de duas formas: CL nominal ou CL verbal.

Na Auslan, os CLs são compreendidos por Johnston e Schembri (2007) como "Itens lexicais complexos nos quais cada uma das unidades de a configuração de mãos, orientação, localização e movimento pode ter seu próprio significado." (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007, p. 165). Nesse sentido, pode-se dizer que as línguas de sinais têm por descrição unidades morfológicas que consistem nos parâmetros CM⁷⁶, L, M, OR e ENM, que são usados para representar as características de algo.

Supalla (1982, 1986) considera o movimento das mãos como a "raiz" em um predicado de CL, tendo em vista que o movimento já denota um evento e, além disso, não pode ser alterado sem uma mudança no significado do predicado. Ele distingue três tipos de raízes básicas que foram identificadas na ASL:

- (i) **Raízes estativas:** indicam uma posição estática no espaço. A forma ancorada na locação não apresenta nenhum movimento ou atividade, mas indica que a entidade em questão é parada em uma determinada posição no espaço enunciativo. A forma deslocada tem um movimento, porém, não demonstra o movimento de uma entidade, mas o esboço, a forma e/ou o tamanho de uma entidade. Em Libras, também é possível essa identificação, como os exemplos a seguir: 1a) correspondente à raiz estativa ancorada (CAPOVILA *et al.*, 2017, p. 2.263) e 1b) correspondente à raiz estativa deslocada (CAPOVILA *et al.*, 2017, p. 2.348).

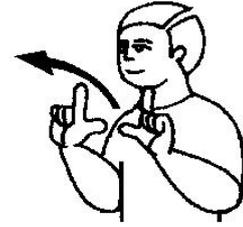
Raiz estativa ancorada no espaço neutro
1a)

Raiz estativa ancorada no espaço neutro
1b)

⁷⁶ Elas determinam os referentes principais a serem classificados.



Entidade – circular (PRATO)

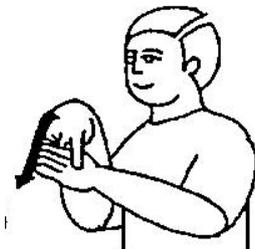


Entidade – quadrada (QUADRO)

- (ii) **Raiz de contato:** apresenta um movimento curto e, geralmente, descendente em direção a uma posição específica no espaço de realização. A forma ancorada mostra contato com a outra CM ou com uma parte do corpo, enquanto a forma deslocada destaca apenas um movimento marcado para baixo. Aqui também apresentamos dois exemplos em Libras: 2a) correspondente à raiz de contato ancorada (CAPOVILA *et al.*, 2017, p. 1.888) e 2b) correspondente à raiz de contato deslocada (CAPOVILA *et al.*, 2017, p. 2.171).

Raiz de contato ancorada

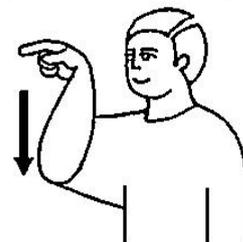
2a)



Ser - animado (PESSOA)
 Ser - animado (ANIMAL)
 CL – MONTAR

Raiz de contato deslocada

2b)

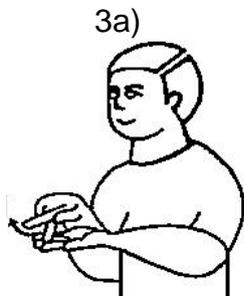


Ser - animado (PESSOA)

- (iii) **Raiz ativa:** expressa uma atividade de uma entidade. A forma ancorada mostra uma mudança na CM ou na orientação da mão, indicando uma mudança na forma ou na orientação da entidade. A forma deslocada evidencia uma mudança no local e indica o movimento de uma entidade por meio do espaço. Supalla (1986) registrou três tipos de raízes ativas: (1) linear; (2) semicircular; e (3) circular. Em Libras, seguem dois exemplos referentes à raiz ativa com movimento semicircular: 3a) referente à raiz ativa ancorada

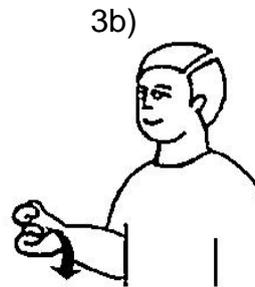
(CAPOVILA *et al.*, 2017, p. 925) e 3b) referente à raiz ativa descolada (CAPOVILA *et al.*, 2017, p. 926).

Raiz ativa ancorada



Ser – animado (PESSOA-ESCORREGAR).

Raiz ativa descolada



Ser – inanimado
(SEGURAR/GIRAR objetos pequenos
(GIRAR-CHAVE, LIGAR-BOTÕES).

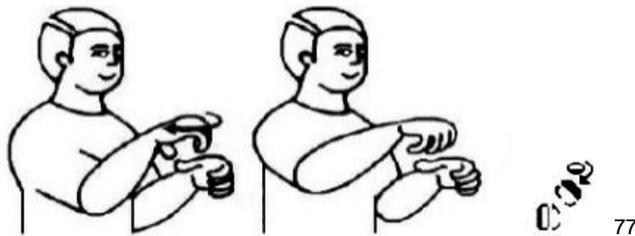
Ainda de acordo com Supalla (1986), com base em seus estudos da ASL, há cinco tipos de classificadores que também são incorporados ou estudados em outras línguas de sinais, como é o caso da Libras. A tipologia para CLs de Supalla (1986) corresponde a:

- 1) **Especificadores de tamanho e forma:** a CM representa a dimensão do referente, com o uso correto dos parâmetros o CL é apresentado;
- 2) **Classificadores semânticos:** esses se referem às propriedades semânticas. Supalla (1986) cita como exemplos: pernas e bases de móveis, pessoas, animais; objetos manobráveis (que podem mover no espaço) e objetos de colunas (o uso do antebraço para representar árvore ou colunas);
- 3) **Classificadores corporais:** geralmente usados para representar algum ser animado, ou para se referir a formas;
- 4) **Classificadores de partes do corpo:** a CM tende a assumir a forma de alguma parte do corpo (orelhas compridas, olhos arregalados, nariz grande etc.);
- 5) **Classificadores de instrumentos:** esses utilizam a CM para mostrar os objetos em uso. Supalla (1986) separa esse grupo em dois: (i) Classificador manual instrumental, em que a CM representa o objeto a ser manipulado; (ii) Classificadores de ferramenta, em que o objeto é

manipulado como se fosse uma ferramenta; a CM incorpora a forma de uma ferramenta.

Para Quadros e Karnopp (2004), os verbos manuais em Libras “[...] são realizados em uma configuração de mão no qual se representa estar segurando um objeto.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 204). Para as autoras, a classe dos verbos manuais poderia inserir tanto os CLs que incorporam a informação verbal da sentença quanto os que incorporam ao objeto um tipo de verbo. Por exemplo, no caso do verbo TAMPA-ABRIR, em Libras, tem-se a Figura 11:

Figura 11 - Item lexical correspondente a TAMPA-ABRIR



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 67).

A ação de abrir uma lata de refrigerante é reproduzida com as duas mãos (CMs bimanual); a mão dominante configura a forma como se estivesse segurando uma lata e a outra o executa a ação de abrir. Para abrir uma lata com o abridor, a forma de segurar a lata é a mesma, porém, o movimento e a maneira de abrir serão diferentes. Para cada situação de uso com o verbo ABRIR será assumido o modo da ação do que está sendo aberto (janela, vidro de azeitona, armários, creme dental). Essas formas de representação instigam o pensamento de que se estaria realizando uma mímica e não expressando uma língua, o que não é verdade, uma vez que há explicações linguísticas para tal fato. Portanto, nos itens lexicais TAMPA-ABRIR

, JANELA-ABRIR  ⁷⁸, o que temos são dois núcleos, um que predica o objeto (nominal) e o outro, que é realizado pelo parâmetro M, que predica a ação de abrir (o verbo). Nesse sentido, teremos um CL do tipo predicado verbo-nominal. No entanto, pesquisadores como Quadros (2004) compreendem essas realizações como sendo

⁷⁷ Item lexical TAMPA-ABRIR em escrita de sinais.

⁷⁸ Item lexical JANELA-ABRIR em escrita de sinais.

verbos CLs manuais que não têm flexão, mas a função de incorporar a ação de determinadas situações.

De acordo com Liddell (2003), os verbos representativos (os CLs) são compostos por elementos linguísticos e sinais/gestos. Segundo o pesquisador, a CM e o M são unidades lexicais, e o uso da L e da OR é considerado gesto/sinal. A posição de Liddell (2003) assemelha-se a de Emmorey (2003) com relação aos CLs serem estruturas específicas da língua de sinais destinadas a caracterizar as formas e os tamanhos dos objetos, denotando relações espaciais com movimento. Como podemos perceber, há uma grande semelhança com os CLs verbais nas línguas faladas.

Consta na literatura da linguística da língua de sinais que os CLs são de diferentes tipos. Os CLs de entidade são representações que proporcionam informações icônicas, formas ou animações, movimento ou localização. O CL de entidade, geralmente utilizado para representar pessoas, é efetuado pela mão com os dedos na posição vertical para cima, movimentando o antebraço para cima e para baixo. O CL de manuseio retrata a maneira como é manuseado um objeto, isso conforme a escolha da CM, como visualiza-se na Figura 12, com o item lexical correspondente a “COPO-DAR-ALGUÉM:

Figura 12 - Item lexical correspondente a “COPO-DAR-ALGUÉM”



Fonte: O autor (2020).

Como podemos notar na Figura, o CL é usado para destacar formas e tamanhos dos objetos em relação à espacialidade. De fato, a maioria dos usuários da língua de sinais reconhece os CLs por meio do uso das CMs que representam seres animados e inanimados.

Em Língua LSE, os CLs estudados por Herrero-Blanco (2009) são inseridos em uma classe gramatical intitulada *Quantificação e Classificação do nome*. Assim como os demais pesquisadores, o autor também concebe os CLs como um morfema, porém,

seu foco está nos CLs de plural descritivos que, de acordo com ele, “[...] a incidência de plural descritivo em LSE é especialmente recorrente quando o enunciador realiza o sinal.” (HERRERO-BLANCO, 2009, p. 186-187).

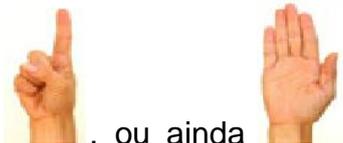
Na Língua de Sinais Alemã (DGS), os estudos sobre CLs são analisados com base nas pesquisas desenvolvidas por Glück e Pfau (1997, p. 187), cuja proposta é considerar os CLs especificadores separadamente, visto que esses se manifestam na mudança da CM. Assim sendo, são comparados com os sistemas de concordância de classes de substantivos nas línguas orais.

Mesmo que os conceitos para os CLs estejam mais próximos de ser um morfema, existentes tanto nas línguas de sinais quanto nas orais, e sua definição esteja baseada no campo da morfologia, o seu lugar ainda é instável. Nesta pesquisa, vamos considerar os CLs como recursos linguísticos que, ao serem constituídos por determinados movimentos no espaço enunciador da Libras (espaço frente ao corpo ou ancorado no corpo), associados a uma ou duas CMs e expressões faciais e corporais, podem contribuir para expressar situações, fatos ou conceitos mais complexos da Língua Portuguesa, cujo sinal em Libras ainda não tenha sido criado ou convencionado na comunidade surda.

Em Libras, uma das dificuldades encontradas está relacionada ao lugar do CL, visto que o seu papel está diretamente ligado à morfologia, à sintaxe e à semântica. Vejamos: em Libras, <COBRA>⁷⁹ é um réptil cujo sinal que o representa



substantivamente é ⁸⁰. Contudo, se a COBRA estiver em movimento, rastejando, haverá uma CM e um modo específico para representá-la. A forma de mão



que classifica a cobra em movimento é, respectivamente , ou ainda (dependendo da espécie ou tamanho do réptil). Em uma outra situação, por exemplo, o réptil pode estar preparado para o ataque, isto é, em ação, nesse caso, a forma de

⁷⁹ De acordo com Supalla (1982), COBRA é considerada como um CL de entidade.

⁸⁰ Figura extraída de Capovilla, Raphael e Mauricio (2001, p. 605).



representação será ⁸¹. As possibilidades de alterações, dependendo do contexto, não se esgotam nesses exemplos. Em dado contexto, no qual a cobra esteja subindo em uma árvore, as representações a partir dos CLs são específicas,



ou seja, a partir do sinal de ÁRVORE ⁸² (realizado com uma das mãos, a qual se mantém parada em determinado ponto do espaço), deve ser acrescentado



o sinal de COBRA, com base na CM ⁸³, realizada com a outra mão que será responsável pelo movimento de enrolar e subir na árvore, começando pelo 'tronco'



⁸³. Essa representação mostra uma das formas de CL em Libras, correspondente a uma sentença, e, quando traduzida para a língua portuguesa, pode corresponder à seguinte tradução: “A cobra sobe na árvore lentamente” (dependendo da velocidade do movimento realizado no CL).

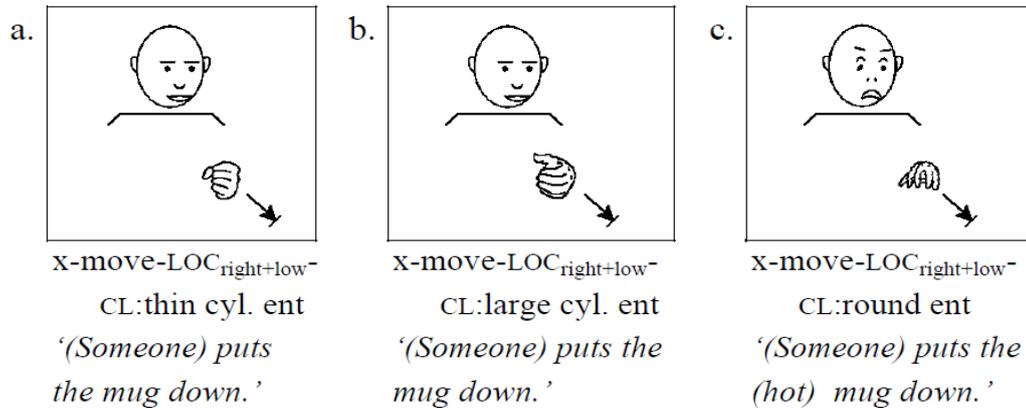
Para Supalla (1986), é possível combinar várias raízes sequencialmente dentro de um verbo. Ele observou que, em ASL, essas raízes podem ser “simultaneamente” combinadas com outros tipos de afixos. Um exemplo dado por Zwitserlood (2003) envolve um predicado de classificador em ASL sequencialmente complexo, em que três raízes ativas são combinadas, conforme representado na Figura 13. A primeira e a terceira raízes são ancoradas e envolvem uma mudança de CM, enquanto a segunda raiz é deslocada:

⁸¹ Figura extraída de Capovilla, Raphael e Maurício (2001, p. 605).

⁸² Figura extraída de Capovilla, Raphael e Maurício (2001, p. 302).

⁸³ Figura extraída de Capovilla, Raphael e Maurício (2001), adaptada pelo autor da pesquisa: COBRA-SUBIR-ÁRVORE.

Figura 13 - Representação de um CL sequencialmente complexo em ASL, conforme Supalla (1986), exemplificado por Zwitserlood (2003)



Fonte: Zwitserlood (2003, p. 135).

A notação usada por Zwitserlood (2003) para descrever os CLs em (a), (b) e (c) corresponde a: X é o referente; LOC é a locação (locativo), seguido do movimento e direção; e CL – entidade cilíndrica fina. Portanto, (a) corresponde a: X-mover-locativo + baixo-CL: entidade cilíndrica fina, referindo-se à ação de “(Alguém) colocar a caneca para baixo”, nesse caso, segurando na alça da caneca. Em (b) X-Mover-locativo + lentamente-CL: entidade grande cilíndrica, referindo-se a: “(Alguém) colocar a caneca para baixo”, nesse caso, segurando-a no meio e não na alça. Em (c) X-mover-locativo + lentamente -CL: entidade de borda / ao redor, referindo-se a “(Alguém) colocar a caneca (quente) para baixo”. Contudo, é possível perceber que o verbo COLOCAR, nessa situação, indica que a forma inicial “segurar pela alça” não foi mantida durante a realização da ação, mas que toda a caneca foi mantida na mão, ou que foi mantida pela borda, por exemplo, porque o conteúdo estava quente.

Zwitserlood (2003), em seus estudos, ressalta a respeito da variação que ocorre na escolha de um CL. Para ele, a variação tem três causas: (i) a estrutura do argumento do verbo; nesse caso, os CLs de entidade são usados em verbos intransitivos, lidando com CLs em verbos transitivos; (ii) a variação alofônica, isto é, algumas CMs não são CLs distintos, mas a forma particular da mão em um predicado é resultado de restrições às possibilidades articuladoras; (iii) a variação livre, ou seja, um sinalizante escolhe um determinado CL sobre outro, a fim de se concentrar em uma característica específica do referente.

Enquanto Zwitserlood (2003) concentrou-se na orientação da entidade e, assim nos deu grandes contribuições com sugestões para explicar a representação das propriedades que ocorrem dentro de um CL, concentraremos-nos mais na morfologia dos CLs em Libras, a fim de verificarmos o quão são morfologicamente complexos. Nesse sentido, na próxima subseção, apresentamos alguns aspectos da morfologia voltada aos CLs que já são discutidos em Libras com base nos estudos de outras línguas de sinais.

1.4.2 Composição morfológica dos CLs nas Línguas de sinais

Antes de falarmos sobre a composição morfológica dos CLs nas línguas de sinais de um modo geral e, de modo particular em Libras, é importante abordarmos conceitos sobre morfologia, morfemas, morfemas lexicais, morfemas gramaticais, morfemas presos e morfemas livres. Para tanto, uma concepção de unidade léxico-gramatical abordada por Azeredo (2010) nos parece ser aplicável também à unidade léxico-gramatical da Libras. Para esse autor,

A unidade léxico-gramatical que se chama de “palavra” é o fundamento da distinção tradicional entre **morfologia** – que analisa e explica a ‘transparência’ (relação motivada entre forma e sentido) das palavras; e a **sintaxe**, que analisa e explica a transparência (relação motivada entre forma e sentido) das orações. A palavra é o limite entre esses dois domínios: a morfologia vai até ela, a sintaxe começa nela e termina na oração. (AZEREDO, 2010, p. 127, grifos do autor).

As palavras do autor nos levam a refletir sobre a unidade léxico-gramatical formada por um “sinal” em Libras. A forma ou a composição de um item lexical sinalizado (sinal), ou um CL em Libras, mostra-se muito sensível aos fenômenos sintáticos. De acordo com Azeredo (2010), “[...] a morfologia segundo sua conceituação tradicional, trata de fatos que dizem respeito ora ao léxico ora à sintaxe.” (AZEREDO, 2010, p. 127).

Em seus estudos da morfologia da Libras, Quadros e Karnopp (2004) definem morfologia como “[...] o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 86). Os morfemas, desse modo, são as unidades mínimas de significado.

Para Herrero-Blanco (2009), “[...] o estudo gramatical começa com a morfologia, isto é, com o estudo dos tipos de palavras que ocorrem na língua e as modificações das palavras (mudanças que as palavras passam para marcar os valores gramaticais).” (HERRERO-BLANCO, 2009, p. 100). No entanto, nem todas as línguas têm o mesmo tipo de palavra ou usam as mesmas modificações. Esses podem ser alguns dos aspectos que se tornam critérios de comparação entre os idiomas. De acordo com Herrero-Blanco (2009), esse é o caso da LSE e da língua oral espanhola.

Por outro lado, de acordo com o autor, todos os idiomas têm dois tipos de palavras: (i) as palavras lexicais, tanto em espanhol quanto em LSE: substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, que podem ser variáveis, ou seja, mudam para incorporar determinados valores gramaticais (como número, hora, concordância etc.). Há nesse conjunto as palavras que têm um significado próprio e constituem um inventário aberto (pode ser ampliado por empréstimo, por composição ou por derivação); (ii) e as palavras gramaticais, que são invariáveis, isto é, não podem ser modificadas; têm apenas significado relacional e constituem um inventário fechado (existem palavras específicas em cada língua e apenas essas). Entre as palavras gramaticais estão as preposições (ou posposições), as conjunções e outras auxiliares. Essa distinção é geral em todos os idiomas.

Entre as palavras lexicais e gramaticais, existem palavras intermediárias que combinam propriedades das palavras lexicais e gramaticais (como demonstrativos ou pronomes pessoais), as quais têm significados como palavras lexicais, mas são limitadas (constituem um inventário fechado) como palavras gramaticais.

Com relação ao conceito de morfema, Herrero-Blanco (2009) menciona que “[...] as palavras lexicais podem mudar sua forma para incorporar valores gramaticais em seu significado lexical. Esses valores gramaticais são chamados de morfemas (daí o termo morfologia).” (HERRERO-BLANCO, 2009, p. 104). Os valores gramaticais podem ser expressos na forma de palavras independentes, sendo chamados de morfemas livres ou modificações fonológicas de palavras lexicais. Tais alterações são denominadas de morfemas presos, e geralmente consistem na adição ou na modificação dos componentes fonológicos da palavra e/ou sinal. Dito de outro modo, e considerando também tal manifestação na Libras, alguns morfemas por si só constituem palavras ou sinais, outros nunca formam palavras ou sinais, apenas são partes delas/deles. Esses são os chamados morfemas presos que, em geral,

correspondem aos prefixos e aos sufixos, visto que não podem ocorrer isoladamente. Já os morfemas livres são aqueles que constituem palavras/sinais com significados.

Na subseção seguinte, discorreremos acerca dos morfemas classificadores.

1.4.3 Morfemas⁸⁴ Classificadores

Em Libras, linguistas e pesquisadores como Ferreira Brito (1995), Felipe (1998, 2002), Quadros e Karnopp (2004), Bernardino (2012), Pizzio *et al.* (2009), Pimenta (2012), entre outros, definem os CLs com base nos estudos de Supalla (1982, 1986), como sendo morfemas⁸⁵. Uma exceção é o estudo de Campello (2008), que, sob o viés da Pedagogia Visual na educação dos surdos-mudos, compreende os CLs em Libras como Expressão da Visualidade.

O que é possível compreender até aqui é que os CLs são considerados sinais complexos, e que um morfema lexical (sinal) pode ser afixado a outros parâmetros para mencionar a que classe pertence o referente desse sinal. Os morfemas afixados tendem a descrever a entidade quanto à forma e ao tamanho, ou ainda podem descrever a maneira como o referente se comporta na ação verbal, a partir da associação ou não de outro morfema gramatical em Libras, que pode ser marcado por uma forma de mão específica, expressões faciais e movimentos. Por exemplo, em

Libras, o morfema lexical  é a raiz para a formação de vários sinais como SAPATO, CASA, CARRO (em movimento), entre outros. Esse morfema lexical, associado a um morfema gramatical, pode ser representado por expressões faciais

(bochecha sugada, bochecha inflada etc.) e por outras CMs como: , , 

. Ao ser associado ao morfema gramatical  e aos morfemas lexicais de

⁸⁴ Se retornarmos aos estudos de Stokoe (1960), é possível constatar que existem dois tipos de morfemas na língua de sinais: o sinal-morfema, constituído por propriedades estruturais exclusivas das línguas de sinais e que encontra uma palavra equivalente na língua oral, e o morfema ocasionado de uma palavra na língua oral. O sinal-morfema equivale a menor unidade da língua com significado lexical.

⁸⁵ "Nas línguas de sinais, as configurações de mãos que eram consideradas fonemas passaram a ser tidas como morfemas, devido ao fato de serem usadas como afixos Classificadores que se juntam ao verbo, para representar características das entidades às quais os nomes que substituem se referem." (FERREIRA BRITO, 1995, p. 102).

bochecha inflada e , formará um sinal de sapato com solado grosso (plataforma). Assim, outros sinais para demais tipos de sapatos poderão ser gerados, por exemplo:

 +  + bochecha sugada = SANDÁLIA;  +  +  + bochecha sugada = SAPATO SCARPIN.

No entanto, apenas afirmar que os CLs nas línguas de sinais são constituídos por morfemas lexicais e gramaticais não é o suficiente para descrever esse recurso linguístico muito presente na constituição dos enunciados das línguas de sinais. Nesse sentido, muitas indagações surgem ao tentar entender a real função dos CLs na Libras, assim como busca-se uma definição adequada para nomeá-lo conforme a modalidade linguística das línguas visuais e espaciais.

Com base nos estudos apresentados nesta pesquisa, percebemos que o CL na língua de sinais além de ocupar um espaço enunciado, pertence a uma construção tridimensional. Semelhante às línguas orais, as línguas de sinais têm mais CLs do tipo morfema gramatical (livres), sendo esse afixado a um morfema lexical (preso) para apresentar a classe à qual pertence. Para uma melhor compreensão, analisemos a Figura 14 subsequente:

Figura 14 - Representação dos morfemas em Língua Portuguesa e em Libras



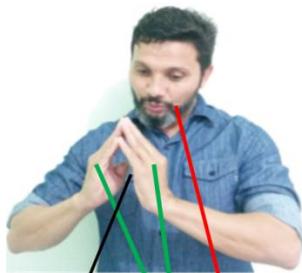
Fonte: O autor (2022).

A partir da representação em português, é possível observar que cada entrada é composta por: um morfema lexical e um morfema gramatical. Nessa representação, em Libras, os CLs (CASA, CASA-PEQUENA^{<casinha>}, CASA-GRANDE^{<casarão>}) podem



ser compreendidos como parte de morfema livre CASA, em que são afixados morfemas gramaticais, compostos por dois parâmetros (M e ENM), que descrevem a forma e o tamanho na ação verbal do objeto a ser representado, como visualizamos nas imagens que representam CASA-PEQUENA^{<casinha>} e CASA-GRANDE^{<casarão>}.

CASA-PEQUENA



Morfema livre
 Movimento<pequeno – palma das mãos próximas>
 + ENM<de algo pequeno>

CASA-GRANDE



Morfema livre
 Morfemas gramatical:
 Movimento<grande – palmas das mãos afastadas>
 + ENM<de algo grande>

Tanto na língua portuguesa quanto na Libras, o que percebemos é a formação da palavra/sinal CASA, para uma definição melhor de CL no aspecto linguístico. Além do exemplo de CAS-A^{<morfema lexical /raiz>}, tanto na língua Portuguesa quanto na Libras, o sinal CASA^{<morfema livre>} recebe acréscimos morfológicos para constituição da palavra/sinal, o que se difere das palavras “nó, papel e lápis”, que, na língua portuguesa, correspondem a somente um morfema gramatical, não possibilitando sua divisão em unidades menores significativas. Em Libras, os parâmetros M e ENM (facial) são afixados e geralmente geram um novo sinal com o sinal ‘casa’: CASA-PEQUENA^{<casinha>} e CASA-GRANDE^{<casarão>}.

Com base nesses exemplos, notamos que as Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS) na Libras têm morfemas presos quando não podem ocorrer isolados, mas são exclusivamente ligados a outros morfemas. Quanto ao termo CMs classificadoras,

correspondem aos morfemas livres que podem assumir estatuto morfológico a partir do radical. Essas CMs equivalem a um referente e à incorporação da ação, como é o caso do CL para “carro desviou do poste”, que, em uma sentença cristalizada, o ato de “passar por” e “desviar” é o que vai mostrar a ação. O verbo estará aglutinado ao morfema lexical, conforme sentença que aparece na Figura 15:

Figura 15 - Representação do CL com aglutinação do verbo em Libras – CL verbal

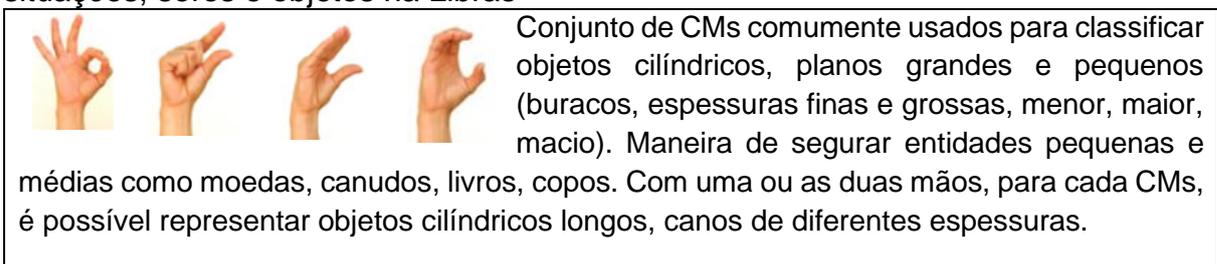


Fonte: O autor (2022).

Supalla (1986) compreende que o sistema classificador nas línguas de sinais é semelhante ao das línguas orais em termos de tipologia e de relações semânticas. Assim, os CLs existem como morfemas na estrutura de superfície em condições específicas e têm algum significado, apresentando-se como um conjunto complexo e universal das línguas orais e sinalizadas.

Selecionamos, por ora, algumas CMs que têm a função de morfema lexical e tendem a classificar determinados recursos linguísticos da Libras. No Quadro 5, representamos alguns exemplos de CMs cuja função é a de classificar determinadas situações, seres e objetos na Libras:

Quadro 5 - Representação de CMs cuja função é a de classificar determinadas situações, seres e objetos na Libras



 <p>CM que pode representar texturas ásperas, esferas, marcar regiões, continentes e descrever o globo terrestre.</p>	 <p>CM mais utilizada para descrever superfícies planas, lisas ou onduladas. Pontos de referência, em cima, em baixo.</p>	 <p>CM utilizada para classificar os meios de transporte terrestre em movimento (carro, ônibus, caminhão) superfícies planas (horizontal, vertical, diagonal etc.).</p>
 <p>De acordo com Ferreira Brito (1995), essa CM incorpora-se ao verbo, descrevendo e substituindo o nome, além de localizar os referentes. Aparece em sinais icônicos como: VACA, TOURO, ANDAR-DE-SALTO-ALTO, TELEFONE, AVIÃO. Com as duas mãos também podem descrever fios elétricos.</p>	 <p>Essa CM tem a função primordial de segurar objetos, funciona como parte do verbo e representa o ser ou objeto que se move, como: PASSAR-ROUPA, ANIMAIS-AMINHANDO, VARRER.</p>	 <p>Nas disciplinas escolares, tal CM pode ser utilizada para representar árvores, marcação de sequência explicativa (1º, 2º, 3º), movimentos sociais, entre outros.</p>
 <p>M com o propósito de descrever objetos ou locais (quadrados, redondos, retangulares etc.). Com a ponta do indicador marcam-se referentes a partir da apontação (dêitico). Também serve para representar pessoas, rabo de animais etc.</p>	 <p>CM que pode ser utilizada para representar pernas (pessoas andando, paradas, deitada, caindo, dentre outros), além de representar os ângulos em matemática e física.</p>	 <p>CM usada para pessoas sentadas, ajoelhadas, animais de pequeno porte caminhando, picada de animais peçonhentos e aracnídeos.</p>

Fonte: O autor (2022).

Os CLs estão presentes nas línguas orais e nas línguas de sinais, sendo constituídos por morfemas lexicais e morfemas gramaticais. Com relação às línguas orais, Allan (1977) expõe que os CLs são geralmente vistos como morfemas dentro de um sintagma nominal, servindo para classificar os referentes de acordo com as características reais. No caso das línguas de sinais, Supalla (1982) os define como um tipo de morfema, utilizado por meio das CMs que podem ser afixadas a um morfema lexical (sinal).

Neste capítulo, apresentamos os aspectos teóricos a respeito dos CLs nas línguas orais e nas línguas de sinais, seguidos da composição morfológica dos CLs nas línguas de sinais, de uma breve apresentação e discussão se as formas

cristalizadas são CLs ou sinais e, por fim, discutimos ainda sobre os morfemas classificadores. Esses conceitos serão retomados no Capítulo 3, momento que analisaremos o corpus. Todavia, antes disso, no Capítulo 2, a seguir, apresentamos as perspectivas metodológicas utilizadas neste trabalho.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, adotamos a perspectiva da Linguística Teórica (LT) e da Análise Linguística⁸⁶ (GIL, 2002; BEZERRA; REINALDO, 2013), sendo um estudo de natureza básica e de cunho qualitativo, focalizando as peculiaridades de um fenômeno linguístico específico: os CLs e os impactos provocados no registro do léxico da Libras, tanto no âmbito morfofonético quanto semântico. Da Linguística Teórica, tomamos como base as teorias descritivas sobre as línguas naturais.

Adotamos a perspectiva da Linguística Teórica e da Análise Linguística, visto que o propósito deste trabalho é analisar e descrever a evolução e os critérios linguísticos utilizados na composição morfológica de um item lexical CL na Libras. De modo geral, tal perspectiva nos deu o suporte para lidarmos com a descrição e a análise dos referidos elementos. O foco investigativo, desse modo, não está na prescrição dos achados da pesquisa, mas no processo que envolve, especificamente, a sua ocorrência em um determinado contexto.

Silveira e Córdova (2009), a respeito da natureza básica da pesquisa, argumentam que “[...] objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34). Logo, a sua utilização se justifica por pretendermos agregar conhecimento para o avanço dos estudos em uma área da gramática que envolve os CLs da Libras, versando a respeito de um tema pouco investigado em sua essência.

De igual modo, adotamos como ferramentas a revisão bibliográfica e documental, uma vez que foi preciso realizar levantamento bibliográfico sobre o tema, além de identificar, sistematizar e analisar os dados extraídos do Dicionário de Capovilla *et al.* (2017). Nesse contexto, segundo Gil (2002), a revisão bibliográfica toma como base materiais já elaborados, e a sua principal vantagem é que nos permite um olhar mais apurado sobre uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se obteria ao se pesquisar diretamente.

Recorremos também à pesquisa documental, para esquematizar um quadro geral contendo os tipos de CLs e suas manifestações nas línguas. A organização dos

⁸⁶ Em nosso caso, a análise foi viabilizada com auxílio do computador, por meio de registros organizados no *Google Forms*.

CLs a partir do esquema proposto, ou quiçá de uma taxonomia para os CLs nas línguas, serviu-nos como apoio para a elaboração do *corpus*, constituído a partir de registros de sinais complexos (os CLs) da Libras com base em dados extraídos de Capovilla *et al.* (2017). A pesquisa documental, para Gil (2002), vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da investigação. Assim, o documento é tratado como um elemento primordial, uma espécie de matéria-prima disponível nas mãos do pesquisador, em que se propõe a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar formas de compreender os fenômenos, a partir do “dado bruto”. Para Triviños (1987), a análise documental também é um tipo de estudo descritivo, que “[...] fornece ao investigador a possibilidade de reunir uma grande quantidade de informações [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 111) sobre diferentes áreas e assuntos.

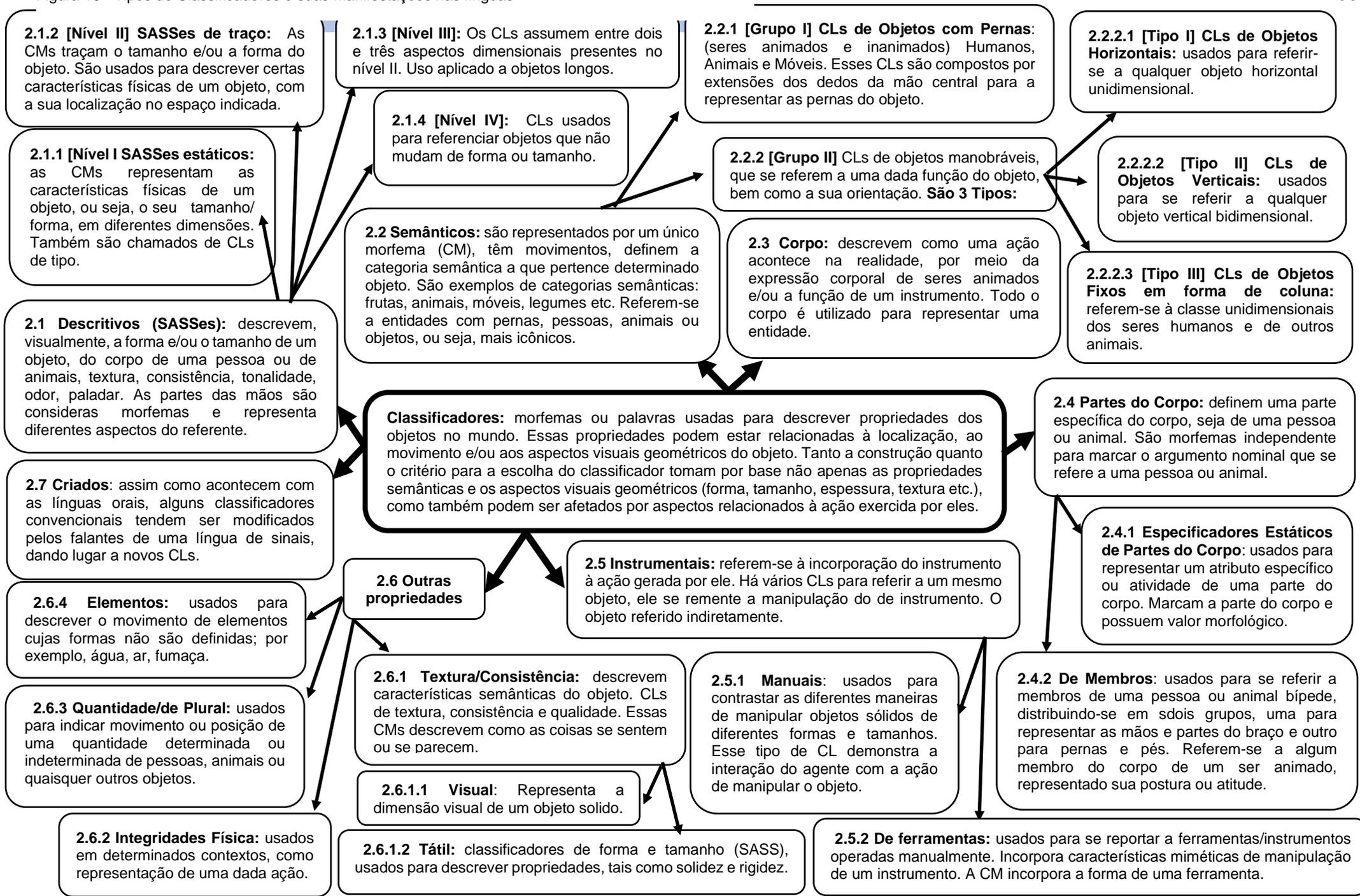
Notamos que, até o presente momento, não há uma gramática da Libras que descreva os CLs. No entanto, em nossas pesquisas, percebemos que há dois aspectos que delimitam os CLs: o primeiro aspecto como categorias fixas e bem definidas; o segundo como natureza semiótica, em que o CL pode ser compreendido como sinal linguístico, produzido com os princípios gramaticais.

Nesse sentido, a fim de compreendermos o funcionamento dos CLs nas línguas de sinais de modo geral, e em particular na Libras, reportamo-nos também às pesquisas sobre o funcionamento dos CLs nas línguas faladas. Perini (2010) chama a atenção para que a língua seja estudada como ela é, sendo necessário, desse modo, usar noções gramaticais novas, haja vista que “[...] a estrutura de uma língua é muito mais complexa do que geralmente se imagina.” (PERINI, 2010, p. 22).

Perini (2006) diz que a proposta fundamental da gramática descritiva é registrar as regras gramaticais de uma língua, sem, no entanto, preocupar-se em prescrevê-las. O autor, à luz da linguística descritiva, propõe um percurso de estudos em que explica como o sistema é descrito de acordo com a referida gramática, por meio de um *corpus* composto por exemplificações de uso da fala e contextos diversos. A partir desse *corpus*, o modelo teórico em questão busca descrever as formas da língua. Para tanto, com base na observação dos fatos, procura-se constituir regras que sejam ao mesmo tempo gerais e que deem conta dos fatos linguísticos, considerando-se as diferentes formas de combinações que são possíveis.

A seguir, apresentamos o quadro geral dos tipos de classificadores e suas manifestações nas línguas com base nos estudos de Allan (1977), Supalla (1980,

1982,1986), Aikhenvald (2000) e Zwitserlood (2003, 2008, 2012). Considerando as diferentes tipologias dos CLs e suas ocorrências nas mais diversas situações de uso, a partir da sua adjunção aos seres animados e inanimados, ao organizarmos este quadro geral, tivemos uma visão mais ampla das possíveis ocorrências quanto à natureza dos CLs em Libras. As anotações que compõem o esquema a seguir (Figura 16) fornecem uma sistematização visual dos CLs nas línguas de modo geral.



Com base aos estudos de Allan (1977), Supalla (1980,1982,1986), Aikhenvald (2000) e Zwitserlood (2003, 2008, 2012). Podemos compreender que os Classificadores são morfemas ou palavras usadas para descrever propriedades dos objetos no mundo, ou seja, eles possuem propriedades que podem ser relacionadas à localização, ao movimento e/ou aos aspectos visuais geométricos (forma, tamanho, espessura, textura etc.).

De acordo com a figura 16, podemos dizer que os classificadores são divididos e subdivididos em:

1º Descritivos que são conhecidos por SASSes⁸⁷ e subdivididos nos níveis I, II, III e IV. São conhecidos como CLs de tipo o qual são representados pelas CMs as características físicas em um determinado conteúdo. Em resumo eles são usados para referenciar objetos que mudam de forma ou tamanho.

2º São Semânticos divididos em 2 grupos, onde em sua maioria são representados por um único morfema (CM), onde o movimento define a categoria semântica a que pertence. O grupo I são os CLs de Objetos com Pernas, o grupo II são os CLs de objetos manobráveis que subdividem em três tipos: O tipo I são os CLs de objetos, o tipo II são os CL de objeto verticais e o tipo III CLs de objetos fixos em forma de coluna.

3º CL de Corpo são aqueles que descrevem a ação por meio da expressão corporal. Aqui todo o corpo é utilizado para representar uma entidade.

4º CL de partes do corpo também dividido em duas categorias, além de definir uma parte específica do corpo, eles são separados em especificadores estatístico de parte do corpo que são usados para representar atributos ou atividade de uma parte do corpo. De membros, ou seja, são usados para se referir a membros e de uma pessoa ou animal. São morfemas independentes para marcar o argumento nominal.

5º CL instrumental, encontra-se na incorporação do instrumento à ação gerada por ele. Eles são divididos em CLs manuais e em CLs de ferramentas, os CLs manuais são aqueles que demonstram a interação do agente com a ação de manipular o objeto e uma segunda divisão que são os de ferramentas, aqueles que incorporam as características miméticas de manipulação de um instrumento.

6º Conhecidos como CLs de outras propriedades, ou seja, CLs de textura/consciência, que descrevem características semânticas do objeto. Com propriedade Visual com o foco de representar a dimensão visual de um objeto. Com propriedade Tátil que nos remete aos SASS

⁸⁷ Descrevem a forma, tamanho do objeto, do corpo (pessoa ou animal), também a textura, consistência, tonalidade etc. Nas línguas de sinais são conhecidos como morfemas as partes das mãos em relação ao referente.

usados para descrever propriedades como solidez e rigidez. Restando mais três subcategorias neste grupo de propriedades, a propriedade de integridade física, que são usadas para determinar o contexto na representação de uma dada ação. Nesta mesma subcategoria temos a propriedade de quantidade de plural, estes são usados para indicar o movimento e a quantidade para pessoas, animais ou outros objetos. E por fim neste grupo de propriedades temos as propriedades dos elementos que são usados para descrever elementos das mais diferentes formas.

7º e última divisão de acordo com os estudos de Allan (1977), Supalla (1980,1982,1986), Aikhenvald (2000) e Zwitserlood (2003, 2008, 2012). São os CLs Criados, estes são reconhecidos nas línguas orais e tende serem modificados nas línguas de sinais.

Os CLs podem ser afetados por aspectos relacionados à ação exercida por eles. Podemos concluir de acordo com a figura 16, que os CLs são definidos como morfemas e denotam algumas características imputadas de alguma entidade.

2.1 CORPUS E CONTEXTO DA PESQUISA

Para as análises que envolvem a morfologia constitutiva de um item lexical CL na Libras, buscamos investigar no dicionário Capovilla *et al.* (2017) possíveis indexações de sinais que são tipificados como CLs em Libras. Para a nossa surpresa, nesse dicionário, embora a busca se dê pela ordem alfabética da Língua Portuguesa, deparamo-nos com um conjunto bastante significativo de entradas de itens lexicais CLs.

Antes de apresentarmos o *corpus* de análise, é importante enfatizarmos alguns dos conceitos que adotamos para morfologia e morfemas. Com base nos estudos linguísticos da ASL realizados por Valli e Lucas (2000)⁸⁸, assumimos que morfologia é o estudo das menores unidades significativas na língua e de como elas são usadas para construir novas palavras ou sinais. Portanto, em linhas gerais, é o estudo da formação de palavras/sinais, de como uma língua usa unidades menores para construir unidades maiores. Nesse sentido, a menor unidade significativa de uma língua é um morfema. Assim como ocorre nas línguas orais, nas línguas de sinais, conforme pontuam Valli e Lucas (2000), em ASL, alguns morfemas podem ocorrer por si mesmos, como unidades independentes; esses são chamados de morfemas

⁸⁸ A obra *Linguistics of American Sign Language: an introduction* Valli e Ceil teve sua 3ª edição publicada no ano de 2000 pela Universidade Gallaudet. Vale destacar que as 1ª e 2ª edições são respectivamente as de 1992 e 1995, sendo publicadas pela Gallaudet University – USA.

lexicais. Em Libras, o conjunto de parâmetros CM, OR, L e M constitui a base para o



item lexical de COPO (); esse é um exemplo de morfema lexical. Todavia, alguns morfemas não podem ocorrer como unidades independentes, necessitando o acréscimo de outros morfemas, chamados de morfemas gramaticais. As línguas de um modo geral têm muitas maneiras de construir novas palavras ou sinais. Usando os padrões de palavras ou sinais que já existem, podem ser criados itens lexicais totalmente novos., assim como é possível criar palavras ou sinais compostos combinando duas formas que já existem.

Considerando que os CLs são morfemas, verificamos, então, se esses elementos seriam morfemas lexicais ou gramaticais, morfemas livres ou presos, conforme os conceitos apresentados no Capítulo 1. Para isso, usamos como fonte de levantamento de dados o dicionário de Libras (CAPOVILLA *et al.*, 2017), em que selecionamos somente os itens lexicais complexos - CLs lexicalizados -, mas não cristalizados. Escolhemos, desse modo, apenas os CLs que mantêm os predicativos de um verdadeiro CL, como é o caso do sinal CL representado na Figura 17:

Figura 17 - Sinal CL de ANDAR/CAVALGAR em cima de algum animal de grande porte



ANDAR A CAVALO (1) (sinal usado em: **DF, PR, RS, SC, SP**)
 (Inglês: *to ride on horseback, to practice horseback riding, to mount a horse, to jockey*): expressão. Ser conduzido ou transportado por um cavalo. Ex.: *Gosto muito de andar a cavalo.* (Fazer este sinal **MONTAR A CAVALO**: Mão esquerda em B horizontal; mão direita em V invertido, palma para trás, apoiada sobre o lado do indicador esquerdo. Mover as mãos em arcos para frente (sentido horário).)

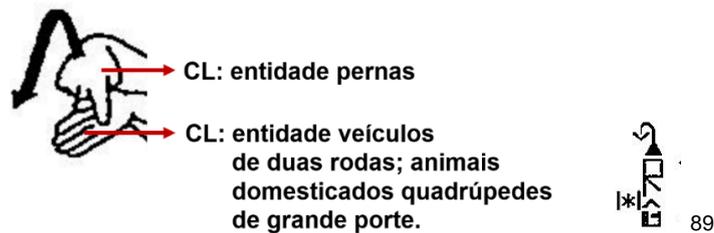
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 196).

Embora no dicionário o significado se refira a “ANDAR A CAVALO”, considerando a produtividade/criatividade da Libras, tal sinal CL pode ser usado em diferentes contextos em que uma pessoa monta em algum animal quadrúpede de grande porte (cavalo, boi, burro, elefante etc.). Portanto, consideramos que o sinal CL

em questão é morfologicamente constituído por dois morfemas - um lexical  e

um gramatical , os quais correspondem ao CL para entidades com pernas (bípedes) e ao CL para entidade (veículos de duas rodas; animais domesticados quadrúpedes de grande porte), conforme representado na Figura 18:

Figura 18 - Representação morfológica do CL MONTAR-ANIMAIS



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Com base nisso, elaboramos um formulário no *Google Forms* para registros dos sinais CLs. O formulário, intitulado *Análise sobre a natureza gramatical dos Classificadores*, conta com dois campos: no **Campo 01** consta: (i) o pesquisador responsável pelo registro; (ii) o registro do tipo do item lexical, se é um NOMINAL ou se é um VERBO, cuja seleção de um dos dois é obrigatória; (iii) o registro da fonte de pesquisa; (iv) o registro da imagem do item lexical (inserimos a imagem correspondente ao CL); (v) o registro do nome do item lexical conforme a indexação no dicionário; o **Campo 02** é composto pelo registro da composição morfológica do item lexical / CL, em que, obrigatoriamente, deve ser marcada a composição do item lexical que está sendo registrado no momento. Logo, o item lexical deve ser composto por:

- SINAL + SINAL <bimanual>
- SINAL + CL <tipo> <bimanual>
- CL <tipo> + SINAL <bimanual>
- CL <tipo> + CL <tipo> <bimanual>

⁸⁹ Classificador MONTAR-ANIMAIS em escrita de sinais.

- CL<tipo> (apenas uma CM = CL) <monomanual>

Por fim, quando o item lexical for composto apenas por um CL, deve ser registrada a imagem da CM correspondente, além da possibilidade de anotar observações pertinentes aos CLs.

Para fins desta pesquisa, estamos considerando o seguinte:

- (1) SINAL + SINAL - itens lexicais bimanuais (com as duas mãos), CLs formados por dois morfemas livres;
- (2) SINAL + CL - os itens lexicais bimanuais, CLs formados por um morfema livre adjungido a um CL (morfema lexical, morfema preso ou gramatical);
- (3) CL + SINAL – itens lexicais bimanuais que correspondem à composição lexical de um CL (morfema lexical, preso ou gramatical) adjungido a um SINAL (morfema livre);
- (4) CL + CL - itens lexicais bimanuais, compostos pela adjunção de dois morfemas (lexical, preso ou gramatical);
- (5) CL – item lexical monomanual (realizado somente com uma das mãos) apenas por morfema lexical, preso ou gramatical associado a outros parâmetros.

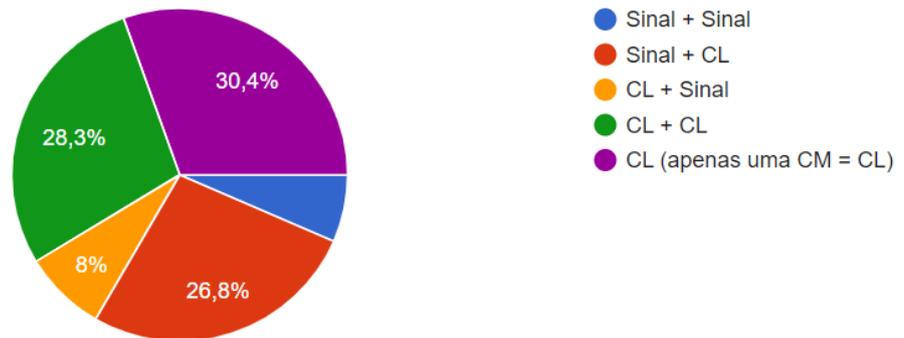
Os dados extraídos de Capovilla *et al.* (2017) somaram 140 itens lexicais. Desses registros, 37 são nominais, 14 são verbais, 40 são predicativos nominais, 17 são predicados verbo-nominal, 17 são verbos classificadores e 15 são classificadores verbais. A opção pelos registros no *Google Forms* se deu não apenas pela facilidade de armazenamento dos dados, mas também pela quantificação dos dados, o que facilita a forma posterior de análises. Quanto à composição morfológica dos CLs registrados, o *Forms* nos forneceu um gráfico, exposto na Figura 19:

Figura 19 - Gráfico referente à composição morfológica dos CLs

COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA DO ITEM LEXICAL / CLASSIFICADOR

ITEM LEXICAL CLASSIFICADOR COMPOSTO POR:

138 respostas



Fonte: O autor (2022). Respostas fornecidas pelo *Google Forms* após registros da pesquisa.

A priori, quando pensamos no *Dicionário (impresso) da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017) para a seleção de nossa base para extração dos dados, a primeira coisa foi pensar se seria possível a indexação de classificadores. O fato é que, como observamos até o momento, os CLs são morfemas, unidades mínimas dotadas de significado que formam as palavras/sinais e alteram o seu significado. Há, desse modo, morfemas que só terão sentido quando se congregam com outros morfemas, por exemplo: morfema livre, morfema lexical, morfema gramatical, morfema preso. No entanto, ficamos surpresos com a quantidade de itens lexicais considerados CLs que se encontra indexada no dicionário em questão.

De acordo com Quadros (2019), “[...] a estrutura morfológica das línguas de sinais compreende sequencialidade e simultaneidade.” (QUADROS, 2019, p. 62). A pesquisadora apresenta alguns resultados de Aronoff, Meir e Sandller (2005) sobre as especificidades morfológicas das línguas de sinais, ressaltando o fato de haver dois tipos:

- (i) **Morfologia Simultânea** com características: (a) complexa flexional (combinação de vários elementos simultaneamente); (b) morfemas sobrepostos uns aos outros (produzidos ao mesmo tempo); (c) construções morfológicas simultâneas são produtivas; (d) construções morfológicas simultâneas são mais estáveis entre os sinalizantes; (e) morfologia semanticamente coerente.

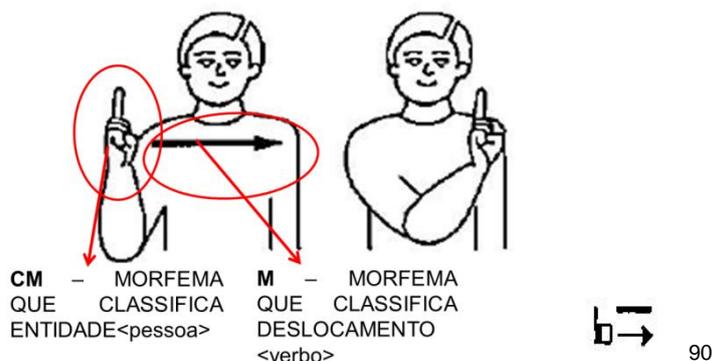
(ii) **Morfologia Sequencial** cujas características são: (a) morfologia simples afixial (linear); (b) morfemas concatenados; (c) construções morfológicas sequenciais de produtividade frequentemente limitada; (d) construções morfológicas sequenciais variáveis entre os sinalizantes; (e) variação individual considerável; e (f) morfologia menos semanticamente coerente. (QUADROS, 2019, p. 62, grifos nossos).

Valemos-nos também das análises Aronoff *et al.* (2005) para avaliar os itens lexicais CLs que identificamos em Capovilla *et al.* (2017). Corroboramos do entendimento de Quadros (2019), ao afirmar que “[...] os classificadores envolvem uma categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais [...]”, uma vez que “[...] esse tipo de produção abrange uma combinação de morfemas altamente complexos simultaneamente articulados, que apresentam diferentes tipos: (a) de tamanho e forma; (b) de entidade; e (c) de manipulação.” (QUADROS, 2019, p. 66).

Em nossas análises, identificamos, por meio dos morfemas classificadores, o seu papel em contextos gramaticais, cuja realização pode caracterizar um item lexical como: (i) Classificador Nominal; (ii) Classificador Verbal; (iii) Verbo Classificador; Classificador Predicado Nominal; e (iv) Classificador Predicado Verbo Nominal. Vale ressaltar que, nesse caso, dependendo do item lexical, os parâmetros CM, OR, L, M e ENM passam a ter também o valor de um morfema, seja um parâmetro individual ou adjungido a outros parâmetros.

Antes de passarmos para a análise propriamente dita, vamos brevemente mostrar como ela foi realizada. Utilizamos, para exemplificar, o item lexical PESSOA-PASSAR (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 509):

Figura 20 - Modelo de análise: item lexical PESSOA-PASSAR



⁹⁰ Item lexical PESSOA-PASSAR em escrita de sinais.

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 509).

Como podemos notar, o item lexical PESSOA-PASSAR⁹¹ é monomanual, realizado com apenas uma mão; no entanto, é composto por dois morfemas classificadores: CL¹ e CL². O CL¹ corresponde à CM que tem a função de classificar entidade^{<peessoa>}, e o CL² ao M (Movimento) retilíneo realizado no espaço, que parte do referente marcado pela CM. O que temos, então, é um item lexical composto por dois núcleos, um predica o nominal (peessoa) e o outro predica o verbo (passar). Esse é um item lexical do tipo Classificador Predicado Verbo-Nominal. Com isso em mente, no Capítulo 3, analisamos os dados selecionados para este estudo.

⁹¹ Optamos pela glosa PESSOA-PASSAR e não PASSAR-PESSOA (como consta na entrada do dicionário), pelo fato de que PESSOA é o primeiro referente marcado no espaço, sendo a ele agregado um movimento que indica a ação de PASSAR^{<na frente de algo>}.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos CLs inventariados nos dados extraídos do dicionário de Libras de Capovilla *et al.* (2017). Para tanto, exibimos algumas observações realizadas sobre a composição dos itens lexicais CLs, considerando a descrição linguística. Destacamos, ainda, algumas impressões acerca da existência de CLs nominais e CLs verbais em Libras que, embora estejam lexicalizados, continuam com os atributos de CLs.

3.1 COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA DOS CLASSIFICADORES EM LIBRAS

Em nossas análises, exploramos as estruturas morfológicas em itens lexicais CLs nominais e verbais. Na Libras, há verbos que, na representação da ação, incorporam-se à característica do objeto. A literatura os denomina como verbos classificadores; entretanto, consideramos que esse CL que aparece no verbo é um classificador nominal. Em outras palavras, entendemos que não é um CL do verbo, mas sim do seu referente nominal. O morfema CL está embutido no verbo devido ao referente. Essa constatação não tem a intenção de ressignificar o verbo CL, mas refletir de fato sobre a sua composição.

Ao analisarmos os CLs lexicalizados no dicionário Capovilla *et al.* (2017), foi necessário desconsiderar a tradução do português, sendo importante olhar apenas para o item CL a fim de verificar, sem interferência, a sua realização. Para isso, pensemos no CL <PEGAR-CABO-PANELA>. A CM usada para pegar entidades



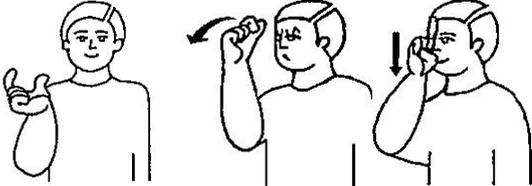
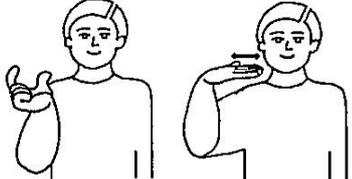
longas finas e cilíndricas é , portanto, tal CM refere-se ao cabo da panela, ao objeto que será pegado. Assim, o que se pega não é o verbo, mas a forma que se refere ao nominal. A mesma percepção serve para PEGAR-CHOCOLATE-BARRA, PEGAR-XÍCARA, PEGAR-COPO etc. Portanto, é o verbo que requer a presença de um nominal e não o inverso. Sob essa perspectiva, podemos estar diante de um CL verbo nominal ou de um CL nominal verbal?

Quanto aos CLs nominais, identificamos um conjunto com 11 sinais formados



pelo morfema preso adjungido à direita de outro morfema preso, ou de um ou mais sinal(is) composto(s) por um ou mais morfema(s) lexical(ais), conforme o Quadro 6:

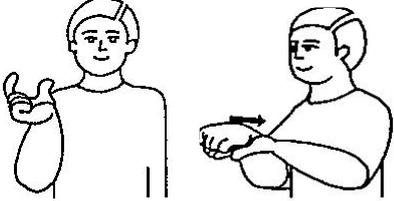
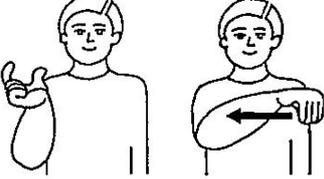
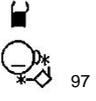
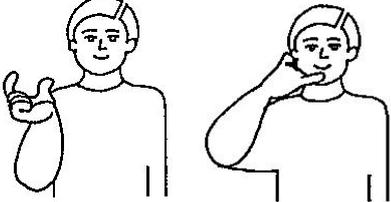
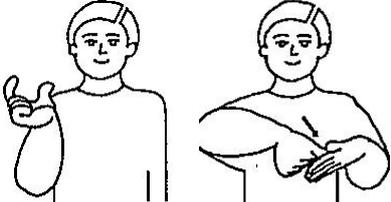
Quadro 6 - Representação de itens lexicais - CL nominal

ITEM LEXICAL CL	COMPOSIÇÃO
<p>1. CARTÃO  92</p> 	<p>CL¹</p> <p>CL¹ - Entidade - forma pequena. Um CL morfema lexical/raiz<algo pequeno> permite que a ele seja ancorado outro morfema. O item lexical, nesse caso, funciona como base do significado e, de algum modo, pode nos remeter a um ou vários conceitos existentes.</p>
<p>2. CARTÃO AMARELO  93</p> 	<p>CL¹+CL²+SINAL³</p> <p>CL¹ - morfema lexical/raiz<algo pequeno> CL² – morfema lexical <segurar objeto fino > permite que a ele seja adjungido outros parâmetros (movimento, Locação, ENMs) que produzirá outros itens lexicais (ABANAR <com LEQUE> , PESCAR <com vara>). SINAL³ - AMARELO</p>
<p>3. CARTÃO BANCO  94</p> 	<p>CL¹ + SINAL²</p> <p>CL¹ morfema lexical/raiz<algo pequeno> SINAL² - BANCO</p>

⁹² Item lexical CL (cartão) em escrita de sinais.

⁹³ Item lexical CL (cartão amarelo) em escrita de sinais.

⁹⁴ Item lexical CL (cartão banco) em escrita de sinais.

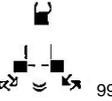
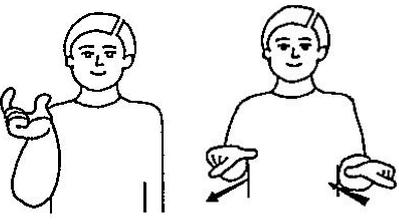
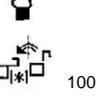
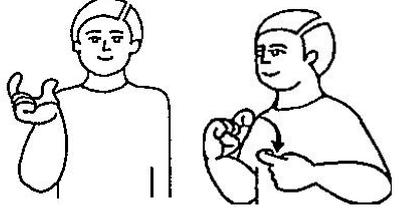
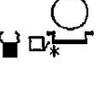
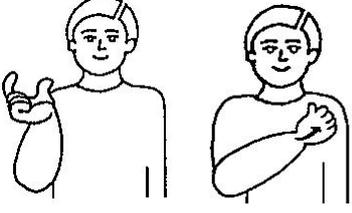
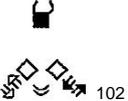
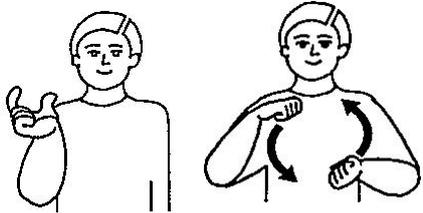
<p>4. CARTÃO-CRÉDITO  95</p> 	<p>CL¹ + CL² CL¹ morfema lexical/raiz <algo pequeno> CL² morfema lexical <algo que pode ser puxado></p>
<p>5. CARTÃO-CRÉDITO / CARTÃO-ELETRÔNICO  96</p> 	<p>CL¹ + CL² CL¹ morfema lexical/raiz <algo pequeno> CL² morfema lexical <segurar algo fino></p>
<p>6. CARTÃO-TELEFONE  97</p> 	<p>CL¹ + SINAL² CL¹ morfema lexical/raiz <algo pequeno> CL² Morfema livre – TELEFONE – o item lexical tem um significado básico que, quando associado a outros parâmetros, principalmente, L e M, dão origem a outros sinais como: TELEFONAR; TELEFONE-TOCAR, TELEFONE-ATENDER.</p>
<p>7. CARTÃO-IDENTIDADE  98</p> 	<p>CL¹ + SINAL² CL¹ morfema lexical/raiz <algo pequeno> SINAL² – IMPRESSÃO DIGITAL.</p>

95 Item lexical CL (cartão - crédito) em escrita de sinais.

96 Item lexical CL (cartão – crédito/ cartão eletrônico) em escrita de sinais.

97 Item lexical CL (cartão - telefone) em escrita de sinais.

98 Item lexical CL (cartão – identidade) em escrita de sinais.

<p>8. CARTÃO-TRABALHO </p> 	<p>CL¹ + SINAL² CL¹ morfema lexical/raiz<algo pequeno> CL² Morfema livre – TRABALHAR - o item lexical tem um significado básico que, quando associado aos parâmetros M e ENM (que correspondem a um morfema gramatical), marcam a intensidade, o grau em termos semânticos da atividade realizada.</p>
<p>9. CARTÃO-CONVÊNIO </p> 	<p>CL¹ + SINAL² CL¹ morfema lexical/raiz<algo pequeno> SINAL² - FILIAÇÃO / CONVÊNIO</p>
<p>10. CARTÃO-ESTUDANTE </p> 	<p>CL¹ + SINAL² CL¹ morfema lexical/raiz<algo pequeno> SINAL² – ALUN@</p>
<p>11. CARTÃO-DIRIGIR </p> 	<p>CL¹ + SINAL² CL¹ morfema lexical/raiz<algo pequeno> SINAL² – DIRIGIR<verbo></p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 580-587).

⁹⁹ Item lexical CL (cartão – trabalho) em escrita de sinais.

¹⁰⁰ Item lexical CL (cartão – convênio) em escrita de sinais.

¹⁰¹ Item lexical CL (cartão – estudante) em escrita de sinais.

¹⁰² Item lexical CL (cartão – dirigir) em escrita de sinais.

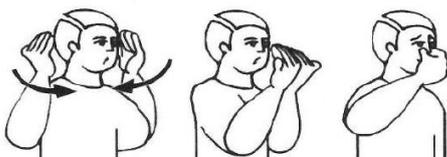
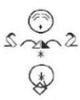
Com base nesses registros, podemos perceber que a CM tende a refletir a maneira pela qual uma entidade é normalmente tratada. No caso de CARTÃO, a CM parece segurar sua forma e espessura. Esse comportamento da CM na composição desse tipo de CL é percebido também em outras situações, por exemplo, uma flor é

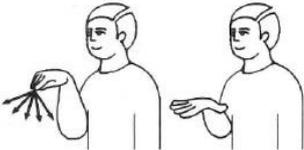
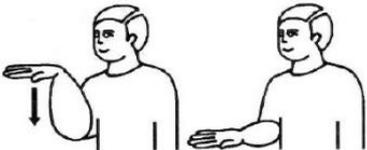
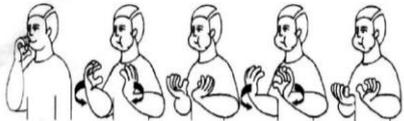
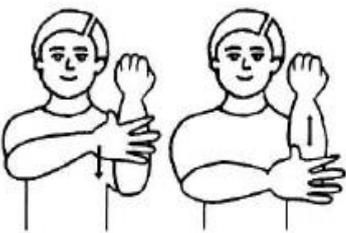
geralmente referida por uma CM , que representa sua haste, a qual é formada por uma CM de classificador. Uma frigideira, uma caneca, uma xícara também são

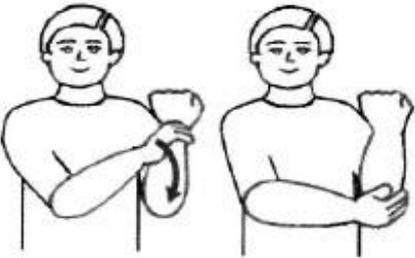
referidas pela CM  e geralmente são representadas pela alça/cabo. Essa evidência de CL nominal na Libras, assim como acontece com as línguas orais classificadoras, parece ser uma realização bastante recorrente, porém, ainda pouco discutida.

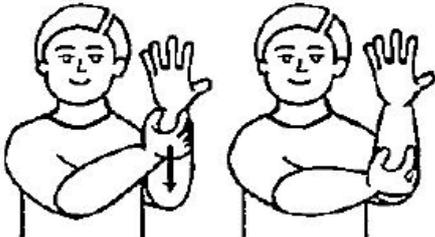
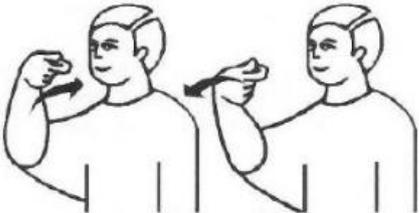
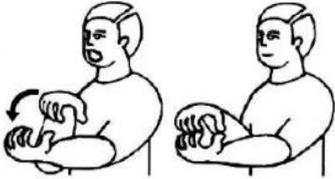
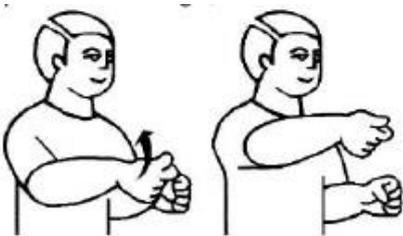
Já os registros apresentados no Quadro 7 (um recorte dos dados inventariados) nos permite analisar qual a natureza gramatical do CL em Libras, assim como verificar alguns critérios operacionais envolvidos na identificação e na categorização dos sistemas de classificação na Libras.

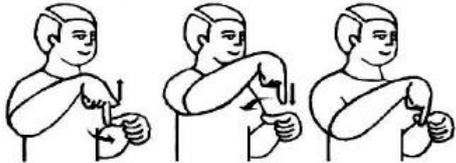
Quadro 7 - Registros de itens lexicais CLs, sua composição morfológica e tipologia

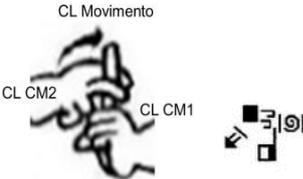
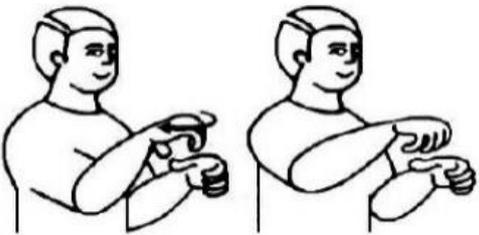
ITEM LEXICAL CLASSIFICADOR	COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA	TIPOLOGIA
1. ABAFADO 	CL¹ + CL² CL ¹ Morfema Lexical <redondo-cheio> - bimanual CL ² Morfema Lexical <tapar nariz> - monomanual 	CL. NOMINAL
2. ABAJUR 01 	CL¹ + CL² CL ¹ Morfema Livre <luz / acender> - monomanual CL ² Morfema Lexical <puxar algo fino> - monomanual 	CL. NOMINAL

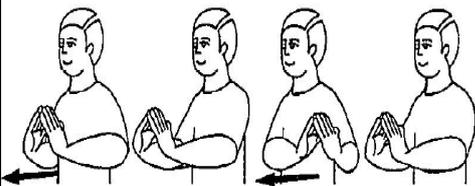
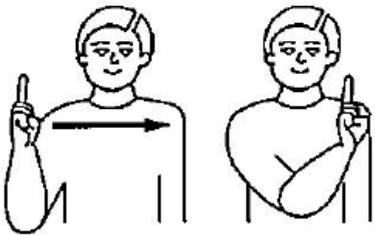
<p>3. ABAJUR 02</p> 	<p>CL¹</p> <p>CL¹ Morfema Livre <luz /acender> - monomanual</p> 	<p>CL. NOMINAL</p>
<p>4. ABAJUR 03</p> 	<p>CL¹ + CL²</p> <p>CL¹ Morfema Preso <forma trapezoidal - cilíndrica> - bimanual</p> <p>CL² Morfema Livre <luz /acender> - monomanual</p> 	<p>CL. NOMINAL</p>
<p>5. ABAIXAR</p> 	<p>CL¹</p> <p>CL¹ Morfema Lexical <elevar para baixo> - monomanual</p> 	<p>CL. VERBAL</p>
<p>6. ABÓBORA 01</p> 	<p>CL¹ + CL²</p> <p>CL¹ Morfema Lexical <forma de bola / grosso> - bimanual</p> <p>CL² Morfema Gramatical <especifica o objeto agregando os parâmetros: Movimento + ENM (inflar a bochecha)></p> 	<p>CL. NOMINAL</p>
<p>7. ABÓBORA 02</p> 	<p>SINAL¹ + CL²</p> <p>CL¹ Morfema Livre <sinal alaranjado> - bimanual</p> <p>CL² Morfema Lexical <forma de bola / grosso> - ENM</p> 	<p>CL. NOMINAL</p>
<p>8. ABÓBORA 03</p> 	<p>CL¹⁺²⁺³</p> <p>Item lexical bimanual composto por um:</p> <p>CL¹ Morfema Lexical <parte do caule de uma árvore></p> <p>CL² Morfema Preso <forma comprida e arqueada></p>	<p>CL. NOMINAL</p>

	<p>CL³ Morfema Preso Movimento <retilíneo com contato de esfregar>.</p> <p>CL¹⁺²⁺³ como Raiz de Contato: Nesse item lexical, optamos por retomar Supalla (1982, 1986) conforme mencionado no Capítulo 1. Assim como identificou em ASL, o autor considerou o movimento das mãos como a “raiz” em um predicado de CL, uma “Raiz de Contato”. O item lexical apresenta um movimento curto e, geralmente, descendente em direção a uma posição específica no espaço de realização. A forma ancorada mostra contato com a outra CM ou com uma parte do corpo, enquanto a forma deslocada mostra apenas um movimento marcado para baixo, o que parece ser o caso do item lexical em questão.</p> 	
<p>9. ABÓBORA 04</p> 	<p>CL¹⁺²⁺³</p> <p>Item lexical bimanual composto por um: CL¹ Morfema Lexical <parte do caule de uma árvore> CL² Morfema Preso <forma comprida e arqueada> CL³ Morfema Preso Movimento <semicircular, abaulado, e arqueado>.</p> <p>Idem ao item lexical anterior (ABÓBORA 03)</p> 	<p>CL NOMINAL</p>

<p>10. CAULE</p> 	<p>CL¹⁺²</p> <p>Item lexical bimanual composto por um:</p> <p>CL¹ Morfema Livre <Sinal de ÁRVORE></p> <p>CL² Morfema Preso Movimento <retilíneo com contato de esfregar>.</p>	<p>CL</p> <p>NOMINAL</p>
<p>11. ABANAR-SE</p> 	<p>CL¹</p> <p>Item lexical monomanual.</p> <p>CL1 Morfema lexical <segurar objeto fino> permite que a ele seja adjungido outros parâmetros (movimento, Locação, ENMs) que produzirão outros itens lexicais (e.g. PESCAR <com vara>, DAR CARTÃO <no futebol>).</p> <p>– monomanual.</p> 	<p>VERBO CL</p>
<p>12. ABOCANHAR</p> 	<p>CL¹</p> <p>CL¹ Morfema lexical – bimanual composto pelos parâmetros CM, OR, L, M e ENM realizados simultaneamente.</p> 	<p>VERBO CL</p>
<p>13. ABRIDOR DE GARRAFAS</p> 	<p>CL¹⁺²⁺³</p> <p>Bimanual – composto por uma CM¹, CM² e M³.</p> <p>CL¹ CM Morfema Preso</p>  <p><segurar algo cilíndrico na posição vertical></p> <p>CL² CM Morfema Preso</p>  <p><segurar algo fino></p> <p>CL³ Movimento - Morfema Gramatical <realiza a ação de abrir – responsável pela predicação do nominal></p>	<p>CL PREDICATIVO NOMINAL</p>
<p>14. ABRIDOR DE LATAS 01</p>	<p>CL¹⁺²⁺³</p>	<p>CL PREDICATIVO</p>

	<p>Bimanual – composto por uma CM¹, CM² e M³.</p> <p>CL¹ CM Morfema Preso  <segurar algo cilíndrico na vertical></p> <p>CL² CM Morfema Preso  <apertar algo, furar algo>.</p> <p>CL³ Movimentos - Morfema </p> <p>Gramatical</p> <p><realiza a ação de abrir furando – responsável pela predicação do nominal></p>	<p>NOMINAL</p>
<p>15. ABRIDOR DE LATAS 02</p> 	<p>CL¹⁺²⁺³</p> <p>Bimanual – composto por uma CM¹, CM² e M³.</p> <p>CL¹ CM Morfema Preso  <segurar algo cilíndrico na vertical></p> <p>CL² CM Morfema Preso  <segurar algo fino></p> <p>CL³ Movimento - Morfema </p> <p>Gramatical</p> <p><realiza a ação de abrir algo – responsável pela predicação do nominal></p>	<p>CL PREDICATIVO NOMINAL</p>

<p>16. ABRIR A GARRAFA</p> 	<p>CL¹⁺²⁺³</p> <p>Bimanual – composto por uma CM¹, CM² e M³.</p> <p>CL¹ CM Morfema Preso <segurar algo></p> <p>CL¹ CM Morfema Preso <agarrar algo entre os dedos></p> <p>CL³ Movimento - Morfema Gramatical <realiza a ação de abrir algo – A CM associada ao Movimento assume a forma do objeto, nesse caso, o abridor de garrafas>.</p> <p>CL Movimento</p> 	<p>CL PREDICADO VERBO NOMINAL</p>
<p>17. ABRIR A JANELA</p> 	<p>CL¹⁺²⁺³</p> <p>Bimanual – composto por uma CM¹, CM² e M³.</p> <p>CL¹ CM Morfema Preso <superfícies planas em diferentes posições (horizontal, vertical etc.)>.</p> <p>CL² CM Morfema Preso <superfícies planas em diferentes posições (horizontal, vertical etc.)></p> <p>CL³ Movimento - Morfema Gramatical <realiza a ação de abrir algo – A CM associada ao Movimento assume a forma do objeto, nesse caso, as janelas com a abertura das folhas para fora, baseada em eixo vertical>.</p> 	<p>CL PREDICADO VERBO NOMINAL</p>
<p>18. ABRIR A TAMPA</p> 	<p>CL¹ + CL²</p> <p>Bimanual composto por CL¹ + CL²</p> <p>CL¹ CM Morfema Preso <segurar algo cilíndrico na vertical></p> <p>CL² CM Morfema Preso <segurar algo redondo na horizontal></p> <p>CL³ Movimento - Morfema Gramatical <realiza a ação de abrir algo – A CM associada ao Movimento assume a forma do objeto, nesse caso, a tampa de algum recipiente>.</p> 	<p>CL PREDICADO VERBO NOMINAL</p>

<p>19. CASAS POPULARES</p> 	<p>CL¹ + CL²</p> <p>Monomanual composto por CL¹ + CL²</p> <p>CL¹ Morfema Livre <Sinal de CASA>.</p> <p>CL² Movimento - Morfema Gramatical <função de plural e locução adjetiva (o modo como o movimento é realizado no espaço)>.</p> 	<p>CL PREDICATIVO NOMINAL</p>
<p>20. PASSAR <Uma pessoa></p> 	<p>CL¹+CL²</p> <p>Item lexical monomanual composto por:</p> <p>CL¹ Morfema Preso <CM com função de representar seres animados e inanimados. Nesse caso, representa a entidade PESSOA>.</p> <p>CL² Movimento - Morfema Gramatical <realiza ação de deslocar>.</p> 	<p>CL PREDICATIVO VERBO NOMINAL</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Capovilla *et al.* (2017).

Com base no Quadro 7, na próxima seção, continuamos a nossa análise, partindo para os contextos em que os classificadores se realizam.

3.2 CONTEXTOS LINGUÍSTICOS EM QUE OS CLASSIFICADORES SE REALIZAM

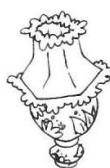
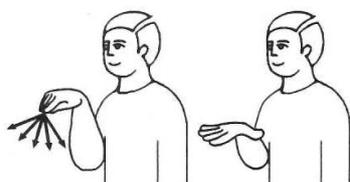
Nesta seção, evidenciamos alguns dos tipos de CLs incluídos no Quadro 7, ressaltando como se realizam e se distribuem considerando suas especificidades e tipologias. Iniciamos por nossas percepções a partir dos itens lexicais referentes a ABAJUR, em Libras. No dicionário, encontramos três entradas para o sinal de ABAJUR:

Figura 21 - Entradas com registros do item lexical ABAJUR



ABAJUR (1) (CL) (sinal usado em: **SP**) (*Inglês: bedside lamp*): s. m. Quebraluz. Pantalha.

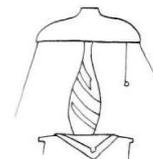
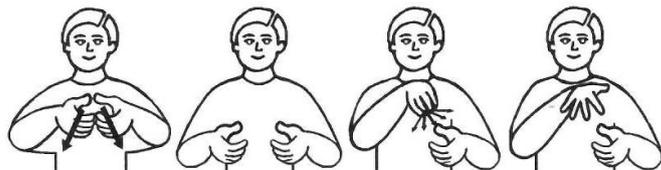
Paraluz. Peça de cartão, pano ou vidro fosco que preserva os olhos da exposição direta à luz da lâmpada, ou que dirige a claridade para determinado ponto. Ex.: O abajur é de origem francesa. (Mão esquerda aberta, palma para baixo, pontas dos dedos unidas; mão direita em A horizontal, palma para a esquerda, abaixo da mão esquerda. Mover a mão direita para baixo e abrir a mão esquerda.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Projetar* (*Emitir – Espalhar – Difundir*), codificado pelo movimento da(s) mão(s) e sua simultânea abertura, com o espalhamento dos dedos e a sua projeção no mesmo sentido do movimento da(s) mão(s), como nos sinais, LUZ, FAROL DE VEÍCULO, POSTE DE LUZ e SEMÁFORO. **Iconicidade:** Neste sinal, a mão de apoio com pontas dos dedos unidas se abre e projeta os dedos espalhados, como a indicar a luz se propagando, quando a mão direita fechada, faz movimento de puxar para baixo, como a acionar o interruptor e acender o abajur.



ABAJUR (2) (CL)

(sinal usado em: **SP, RS**): *Idem ABAJUR (1)*. (Mão aberta, palma para baixo, pontas dos dedos unidas. Mover ligeiramente a mão para baixo, abrindo os dedos.) **Etimologia. Morfologia:** *Idem ABAJUR (1)*. **Iconicidade:** Neste sinal, a

mão, suspensa e com pontas dos dedos unidas, se abre e projeta os dedos espalhados, como a indicar a luz se propagando.



ABAJUR (3) (CL) (sinal usado em: **RJ**): *Idem ABAJUR (1)*. (Mãos em C horizontal, palma a

palma, tocando-se. Movê-las para baixo e para os lados opostos. Então, fazer este sinal LUZ com a mão direita: Mão com pontas dos dedos unidas, palma para baixo, acima do C da mão esquerda. Mover ligeiramente a mão para baixo, abrindo-a e separando os dedos.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado por duas partes. A primeira emula o formato da cúpula. A segunda é idêntica à do sinal *ABAJUR (1)*. **Iconicidade:** Este sinal apresenta-se em duas partes. A primeira consiste na representação analógica da cúpula de um abajur. A segunda consiste no sinal LUZ. Nessa segunda parte do sinal, a mão tem as pontas dos dedos unidas acima da mão de apoio e se move para baixo e se abre enquanto os dedos se espalham, indicando a propagação da luz.

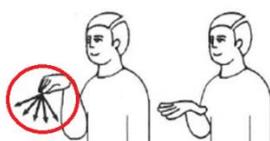
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 51-52).

Como podemos observar, para cada sinal de ABAJUR, embora sejam distintos por conta do fator regionalismo, há uma referência de que também é um CL. Primeiro, ao olhar os três sinais para ABAJUR, independente de questões regionais, verificamos que há algo em comum entre eles:

ABAJUR 01



ABAJUR 02



ABAJUR 03



Em cada sinal, há a presença do morfema livre LUZ (é um morfema livre porque por si só constitui um sinal que é composto pelos parâmetros CM, OR, L e M). Outro detalhe importante é a locação (lugar) no espaço que o sinal LUZ é realizado, na altura do ombro ou abaixo dele, caracterizando uma iluminação de algo baixo. Se a locação fosse acima do ombro, na altura ou acima da cabeça, caracterizaria a luz no teto.

Com base nessas observações, concluímos que ABAJUR1 é composto por dois classificadores, o CL¹ sobreposto ao CL², realizados ao mesmo tempo, assim como sugere Aronoff *et al.* (2005) sobre a morfologia simultânea nas línguas de sinais. O CL² corresponde a um morfema lexical <puxar algo fino>, que tem a função de subspecificar o sinal de ABAJUR. Isso indica que o objeto é do tipo que só acende a luz quando um fio, um barbante ou uma corda fina é acionada, a exemplo de ABAJUR1 com um puxão para baixo. Portanto, nesse primeiro caso, temos um sinal bimanual composto por um morfema livre <CL¹ acender luz> e um morfema lexical <CL² puxar algo fino>.

Em ABAJUR2, por sua vez, temos um sinal monomanual composto por um morfema livre <luz / acender>, formado pelos parâmetros CM, OR, L e M, no entanto, é a locação na altura ou abaixo do ombro que predica o nominal. Por fim, ABAJUR3 é composto por um CL¹ separado do CL²: CL¹ Morfema Preso <forma trapezoidal - cilíndrica> bimanual e o CL² Morfema Livre <luz / acender> monomanual. Nesse caso, primeiro subspecifica-se o objeto por meio da sinalização de um item lexical em formato de cúpula CL¹, e, na sequência, uma parte da cúpula é mantida pela CM realizada com



uma das mãos (), seguida da realização do sinal LUZ. Assim, constatamos que os três sinais correspondem a **classificadores nominais**.

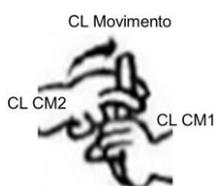
Diferentemente do CL nominal, identificamos também o **CL predicativo nominal**. Os itens lexicais ABRIDOR DE GARRAFAS1, ABRIDOR DE LATAS1 e ABRIDOR DE LATAS2, com base em nossas observações, pertencem às classes dos CLs nominais, mas com algumas especificidades morfológicas que determinam o seu pertencimento a um grupo de CLs e não de outro. ABRIDOR DE GARRAFAS1 é um item lexical bimanual, composto por CLs¹⁺²⁺³ realizados simultaneamente. O CL¹ CM



morfema Preso () forma de mão que refere a segurar algo cilíndrico na posição vertical, no caso o objeto garrafa) é a primeira CM posicionada na locação, seguida

do posicionamento do CL², correspondente a CM morfema preso (, cuja finalidade é representar o ato de segurar algo fino e pequeno). Até o momento, essas são duas CMs distintas sobrepostas no espaço frente ao corpo, mas ainda não é possível identificar o que está sendo sinalizado, por isso, entra em cena o CL³ Movimento, que tem a função de Morfema Gramatical. É ele que fornece o significado para o objeto. O movimento, ao agir sobre a CM que representa o objeto abridor, dá a ele o seu significado, o que indica que é responsável pela predicação do nominal. Portanto, somente após o movimento ser agregado às/à CMs/OR e à Locação é que o item lexical passa a ter significado. O movimento (morfema gramatical), por sua vez, adjungido aos CLs¹⁺², tem a função de um CL predicativo nominal.

Nessa perspectiva, o **CL predicado verbo nominal** é outro CL que identificamos em nossos dados. Diferente dos objetos abridor de garrafas e abridor de latas, o verbo ABRIR GARRAFAS pertence a outro conjunto de CLs, em função da maneira como é realizado em Libras. Assim como os demais, também é um item lexical bimanual composto pelos CLs¹⁺²⁺³, respectivamente a CL¹ CM Morfema Preso (segurar algo), a CL¹ CM Morfema Preso (agarrar algo entre os dedos médio e indicador) e a CL³ Movimento, um morfema gramatical que realiza a ação de abrir algo. Desse modo, a CM associada ao movimento assume a forma do objeto, nesse



caso, o abridor de garrafas:

Outra manifestação de CLs que parece ser mais comum nas línguas de sinais é o **Verbo CL**. Para nossas análises, vamos utilizar o item lexical ABANAR-SE, que é monomanual e sua composição se dá pelo CL¹⁺². O CL¹ corresponde ao morfema lexical (segurar objeto fino), composto por uma CM e a locação, no entanto, somente com esses dois parâmetros não há um significado completo, pois podem parecer muitas coisas. O morfema lexical, contudo, permite que a ele sejam adjungidos outros parâmetros (movimento, Locação, ENMs) e, ao ser agregado, ao CL², o parâmetro movimento (morfema gramatical), o item lexical se concretiza. É importante dizer que,

no caso do CL¹ , quando o CL² movimento é inserido (sua finalidade nesse contexto é gramatical), dependendo do tipo do movimento, novos itens lexicais

verbos CLs podem ser produzidos, por exemplo, PESCAR<com vara>, DAR CARTÃO<no futebol>. Nesses casos, teremos um verbo classificador, uma vez que o parâmetro movimento ocorre no verbo e classifica um dos argumentos do verbo. Os **verbos classificadores**, portanto, categorizam ou modificam o conceito que é expresso pelo verbo e não um dos argumentos nominais do verbo.

Também identificamos muitos **classificadores verbais** que se diferem dos **verbos classificadores**. Enquanto nos verbos CLs o parâmetro movimento categoriza a ação expressa pelo nominal, os CLs verbais exercem uma modificação ou classificação do conceito semântico expresso pelo verbo e, desse modo, CLs verbais ocorrem no verbo e classificam um dos argumentos do verbo. Por isso, CLs verbais não devem ser confundidos como meios de classificação nominal, uma vez que servem à modificação ou à classificação do conceito semântico expresso pelo substantivo. Assim, temos como exemplo estes itens lexicais: PESSOA-CAIR e CARRO-ACIDENTE1 e CARRO-ACIDENTE2, além de outros que se encontram no registrado no formulário do Google Forms (Anexo A).



No caso de **PESSOA-CAIR** ¹⁰³ (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 509), trata-se de um sinal bimanual composto pelos parâmetros CM, OR e L.

Nesse item lexical, a CM com a palma da mão orientada para baixo (OR)  (morfema lexical) exerce o papel de classificar a pessoa de pé, e a Locação (morfema preso) é marcada pela mão de apoio. Se retirarmos o parâmetro movimento, teríamos



apenas , ou seja, um contexto em que a “pessoa estaria parada de pé”. Somente com a incorporação do movimento (morfema gramatical) relativo à ação de escorregar e cair é que o item lexical recebe a modificação do conceito semântico,

¹⁰³ Pessoa – cair em escrita de sinais



sendo, desse modo, expresso pelo verbo, realizado por meio do parâmetro movimento. Assim, teríamos um contexto “PESSOA EM PÉ-ESCORREGAR-CAIR”.

Tais observações também servem para as seguintes situações, também extraídas de Capovilla *et al.* (2017, p. 509):

CARRO-ACIDENTE1



104

CARRO-ACIDENTE2



105

Como verificamos, os itens lexicais são bimanuais compostos pelo morfema livre CARRO, seguido de outro morfema livre BATER<chocar com algo>, também bimanual, formado por um conjunto de parâmetros (CM, OR, L, M e ENM). Um diferencial desse item lexical é que, embora o parâmetro movimento (morfema gramatical) seja o mais importante para que o verbo *ação de bater* se concretize, em ambos os sinais também são adicionados o parâmetro ENM (morfema gramatical – nesse caso, com a função de advérbio de modo/intensidade). Assim, tanto em CARRO-ACIDENTE1 quanto em CARRO-ACIDENTE2, a adjunção do parâmetro e da ENM (morfema gramatical) exerce um importante papel na construção do CL verbal.

Liddell (2003), Campello (2008) e Quadros (2019) chamam esses CLs de descritivos visuais, classificando-os em três tipos, conforme registra Quadros (2019):

- (i) CMs, combinadas para representar uma parte ou todo de um objeto que tenha uma ou mais das seguintes características (equivalente ao que era chamado de classificadores de entidades, de classe, semântico, tamanho estático e especificação de forma);
- (ii) CMs combinadas para representar a atividade manual ou de manipulação com contato com o objeto, isto é, a mão é configurada quando tocando/segurando um referente ou parte deste referente (equivalente aos classificadores manuais e instrumentais);
- (iii) CMs combinadas para representar algum aspecto da forma geométrica-visual de um objeto (equivalente aos classificadores de forma e tamanho, miméticos e de cópia). (QUADROS, 2019, p. 69).

¹⁰⁴ Acidente de carro1 em escrita de sinais.

¹⁰⁵ Acidente de carro2 em escrita de sinais.

De acordo com a autora, essa classificação de descritivos visuais (DV) subdividem-se em três outras categorias principais: (a) CMs que representam objetos (tanto parte quanto todo o objeto); (b) CMs que representam os instrumentos manuais; e (c) CMs que descrevem visualmente características geométricas dos objetos. Contudo, compreendemos a importância dessa caracterização das CMs, sejam elas consideradas como CLs ou como DVs, pois foi por meio de tais características e identificações que pudemos analisar e compreender o papel dos CLs a partir da sua composição morfológica, bem como as suas realizações em contextos linguísticos gramaticais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar, analisar e descrever a composição morfológica dos classificadores na Libras, tendo em vista a sua natureza gramatical. Os registros extraídos de Capovilla *et al.* (2017) e o referencial teórico consultado nos mostraram que a complexidade dos predicados CLs e os problemas que eles representam em um contexto teórico-linguístico em Libras ainda necessitam de mais investigações, não apenas morfológicamente, mas também-morfossintaticamente.

Embora o nosso *corpus* de análise tenha sido de dados de CLs lexicalizados, percebemos que o processo de formação de um sinal continua produtivo, principalmente no que se refere à CM, uma vez que desempenha um papel importante e significativo como morfema. É fato que os dados que apresentamos ainda não nos permitem responder a todas as questões suscitadas na pesquisa, contudo, esperamos dar continuidade e avançar nesses estudos sobre os CLs na Libras. De todo modo, com esta dissertação, concluímos que:

- (i) Os CLs compostos por morfemas têm como parâmetros principais a CM e a OR intrínseca, uma vez que a OR também exerce um papel importante quanto à compreensão do interlocutor sobre a direção que o CL vai ser realizado. Esses parâmetros são inerentes e podem ser Morfemas Livres ou Morfemas Lexicais;
- (ii) O parâmetro Locação comumente exerce a função de morfema preso;
- (iii) Os parâmetros Movimento e ENM geralmente exercem a função de morfemas gramaticais;
- (iv) Um item lexical pode ser bimanual ou monomanual, composto por: Sinal+CL; CL+Sinal; CL+CL; CL. Além disso, pode ser realizado com morfemas sobrepostos uns aos outros ou separados;
- (v) O item lexical realizado por Sinal + CL pode ser composto por: um morfema livre incorporado a um CL, que pode, por sua vez, ser composto por: (a) um morfema lexical; (b) um morfema preso; e (c) um morfema gramatical. Um CL pode conter todos os morfemas (a), (b) e (c) simultaneamente ou apenas dois deles, por exemplo, (a) e (c);
- (vi) O item lexical realizado por CL + Sinal pode ser composto por: (a) um morfema lexical; (b) um morfema preso; e (c) um morfema gramatical, ou

apenas pelos morfemas lexical e gramatical, seguidos do Sinal (morfema livre);

- (vii) O item lexical realizado por CL + CL pode ser composto por: (a) um morfema lexical; (b) um morfema preso; e (c) um morfema gramatical ou apenas pelos morfemas lexical e gramatical, seguidos de outro CL também composto por: (a) um morfema lexical; (b) um morfema preso; e (c) um morfema gramatical, ou apenas pelos morfemas lexical e gramatical seguidos do Sinal (morfema livre);
- (viii) O item lexical realizado apenas por CL pode ser composto por: (a) um morfema lexical; e (b) um morfema preso, no entanto, para que tenha significado, o morfema gramatical é imprescindível;
- (ix) Os CLs podem ser: (1) nominal; (2) verbal; (3) predicado nominal; (4) predicado verbal; (5) verbo classificador; e (6) classificador verbal.

Entendemos que esta pesquisa de mestrado contribuirá não apenas com o PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras - UNIOESTE, mas a outras áreas do conhecimento, seja na inclusão ou na educação dos surdos, nos estudos linguísticos e gramaticais da Libras, na formação de Tradutores e Intérpretes de Libras e, sobretudo, para a produção de uma gramática formal que está em elaboração pelo Grupo PORLIBRAS¹⁰⁶.

Esperamos ainda que, com as análises realizadas, possamos, além de refletir sobre a necessidade de uma descrição mais aprofundada dos CLs em Libras, contribuir para melhor performance na produção linguística da Libras, o que pode ser uma forma de avanço na construção da educação bilíngue para surdos, tendo em vista que pesquisas descritivas de fenômenos linguísticos na Libras podem contribuir significativamente para a produção de uma futura gramática que essa língua ainda carece.

¹⁰⁶ Grupo de Estudos e Pesquisas da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em Interface com Língua Portuguesa Brasileira.

REFERÊNCIAS

- AARONS, D.; MORGAN, R. Z. Classifier predicates and the creation of multiple perspectives in south african sign language. **Sign Language Studies**, v. 3, n. 2, p. 125-156, 2003.
- ADAMS, K.L. **Systems of Numeral Classification**. Canberra: Pacific Linguistics, 1989.
- AIKHENVALD, A.Y. **Classifiers: A Typology of Noun Categorization Devices**. Oxford: Oxford University Press. 2000.
- AIKHENVALD, A. Y. Classifiers in spoken and signed languages: How to know more. *In: EMMOREY, K. Perspectives on classifier constructions in sign language*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 87–90.
- ALLAN, K. Classifiers. **Language**, v. 53, n. 2, p. 285-311, jun. 1977.
- ARMSTRONG, D. F; STOKOE, W. C.; WILCOX, S. E. **Gesture and the Nature of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ARONOFF, M; MEIR, I.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. **Language** (Baltim), v. 86, n. 2, p. 301-344, 2005. DOI: 10.1353/lan.2005.0043
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BAKER, S. C.; COKELY, D. **American Sign Language: A teacher's resource text on grammar and culture**. Green Books, Teachers resources. Washington DC: Gallaudet University Press, 1980.
- BATTISON, R. Phonological Deletion. **Sign Language Studies**, n. 5, p. 1–19, 1974.
- BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.
- BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou Lógica? Os surdos e sua produção linguística**. Belo Horizonte: Profetizando vida, 2000.
- BERNARDINO, E. L. **The acquisition of classifiers in Verbs of Motion and Verbs of Location in Brazilian Sign Language**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Boston University, Boston, 2006.
- BERNARDINO, E. L. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, n. 19, p. 250-280, 2012.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística: afinal a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013.

BIDARRA, J.; MARTINS, T. A. Dictionaries of Libras from the Nineteenth to the Twenty-First Century. In: OGILVIE, S.; SAFRAN, G. **The Whole World in a Book: Dictionaries in the Nineteenth Century**. Oxford: Scholarship, 2019.

BLANCO, H. A. **Gramática Didáctica de la Lengua de Signos Española [LSE]**. Boadilla del Monte: Ediciones SM, 2009.

BOYES-BRAEM, P. **Features of the Handshape in American Sign Language**. PhD Thesis, University of California, Berkeley. 1981.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 15 out. 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 out. 2020.

BRENNAN, M. The Visual World of BSL: An Introduction. In: BRIEN, D. (Ed.). **Dictionary of British Sign Language/English**. London: Faber & Faber, 1992, p. 2-133.

BRENTARI, D.; PADDEN, C. Native and Foreign Vocabulary in American Sign **Language: A Lexicon with Multiple Origins**. In: BRENTARI, D. (org.). **Foreign vocabulary in sign languages: an inter-linguistic investigation of word formation**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, p. 87-119.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos-mudos**. 2008. 169 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W.D; MAURÍCIO, AC. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira – Libras**. v. I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. v. 1, 2 e 3. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CERIA, V. G.; SANDALO, F. A Preliminary Reconstruction of Proto-Waikurúan with Special Reference to Pronominals and Demonstratives. **Anthropological Linguistics**, v. 37, p. 169–191, 1995.

Chao, Y-R. (1968). **A Grammar of Spoken Chinese**. The University of California Press.

CHENG, L. L.; SYBESMA, R. Yi-wan tang, yi-ge tang: Classifiers and massifiers. **Tsing Hua Journal of Chinese Studies**, n. 28, p. 385–412, 1998.

COBLIN, W. S.; LEVI, A. Francisco Varo's Grammar of the Mandarin Language (1703): An English Translation of "Arte de la Lengua Mandarin". Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2000.

COLLINS, B. **Tonga grammar**. London: Longmans, 1962.

CRAIG, C., Jacaltec noun classifiers: a study in language and culture. *In*: CRAIG, C. (ed.). **Noun Classes and Categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1989, p. 263–295.

CUXAC, C. Esquisse d'une typologie des Langues des Signes. **Journée d'études**, n. 10, p. 35-60, 1985.

CUXAC, C.; SALLANDRE, A. Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. *In*: PIZZUTO, E.; PIETRANDREA, P.; SIMONE, R. (ed.). **Verbal and Signed Languages**. New York: Mouton de Gruyter, 2007, p. 15-30.

Denny, J. Peter. 1976. What are noun classifiers good for? Papers from the twelfth regional meeting of the ChicagoLinguistic Society, ed. by Salikoko S. Mufwene, Carol A. Walker and Sanford B. Steever, 122–32. Chicago:Chicago Linguistic Society

DIXON, R. M. W. A Grammar of Yidiny. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

DIXON, R. M. W. **Where Have all the Adjectives Gone?** and other essays in semantics and syntax. Berlin: Mouton, 1982.

DIXON, R. M. W. Noun CLasses and Noun CLassification in Typological Perspective. *In*: CRAIG, C. G. (ed.). **Noun CLasses and Categorization**. Amsterdam: John Benjamins. 1986, p. 105-112.

EDMONDSON, W. Rethinking classifiers: The morpho-phonemics of proforms. *In*: 7TH INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGAUGE RESEARCH. **Anais...**Amsterdam, July 2000.

EMMOREY, K. **Language, Cognition, and the Brain: Insights from Sign Language Research**. Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

EMMOREY, K. **Perspectives on CClassifiers in Signed Languages**. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

ERBAUGH, M. S. The Development of Chinese Noun Classifiers Historically and in YoungChildren. *In*: CRAIG, C. G. **Noun Classes and categorization**. Amesterdam: John Benjamins P. Company, 1986, p. 399-436.

FELIPE. T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. Capacitação de Instrutores surdos. In: V SEMINÁRIO NACIONAL DO INES: SURDEZ - DESAFIOS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, 2002, p. 40-42.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: FERREIRA BRITTO, L. *et al.* (orgs.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

FRISHBERG, N. **Arbitrariness and Iconicity**: Historical Change in American Sign Language. **Language**, v. 51, p. 696-719, 1975.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GIL, D. "Numeral Classifiers." In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

GLÜCK, S.; PFAU, R. **Einige Aspekte Der Morphologie Und Morphosyntax in Deutscher Gebärdensprache**. Frankfurter: Linguistische Forschungen, 1997.

GREENBERG, J. **Numeral Classifiers and substantival number**: problems in the genesis of a linguistic type. Stanford: Stanford University, 1972.

GREENBERG, J. **Universals of Human Language**: Sintaxe (v. 4). California: Stanford University Press, 1978.

GREENBERG, J. Generalizations about Numeral Systems. In: DENNIN, K; KEMMER, S. **On language: Selected writings of Joseph H. Greenberg**. Stanford: Stanford University Press, 1990, p. 271-309.

GRINEVALD, C. A. Morphosyntactic Typology of Classifiers. In: SENFT, G. (ed.) **Systems of Nominal Classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 50-92.

GRINEVALD, C. Classifiers. In: LEHMANN, C., MUGDAN, J., SKOPETEAS, S. (eds.), **Morphology**: An International Handbook on Inflection and Word-Formation. vol. 2. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2004, p. 1016–1031.

GRUYTER, W. de. **Morphology**: an international handbook on inflection and word-formation. New York: Offprint. 2004.

GUIRARDELLO, R. **Aspectos da morfossintaxe da língua Trumai (Isolada) e de seu sistema de marcação de caso**. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

HERRERO-BLANCO, A. **Gramática Didáctica de la Lengua de Signos Española [LSE]**. Boadilla del Monte: Ediciones SM, 2009.

HOFFMEISTER, Robert. *et al.* **Evaluating American SignLanguage in Deaf Children**: ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location. Hartford: [s.n], 1997.

HOIJER, H. Classificatory verb stems in the Apachean languages. **International Journal of American Linguistics**, n. 11, p. 13-23, 1945.

HUANG, C.; AHRENS, K. Individuals, Kinds and Events: Classifier Coercion of Nouns. **Language Sciences**, v. 25, n. 4, p. 353–373, 2003.

HUANG, S. **Chinese Grammar at Work**. Amsterdam: John Benjamin, 2013.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: An introduction to sign language linguistics**. Cambridge University Press, 2007.

KHRISTOFOROVA, E. **Semantic classifiers**. Moscow: RSUH, 2016.

KHRISTOFOROVA, E. **The inventory of semantic classifiers in Russian Sign Language**. Moscow: RSUH, 2017.

KLEIN, H. E. M. Noun classifiers in Toba. *In*: MATHIOTE, M. **Ethnolinguistics: Boas, Sapir and Whorf revisited**. The Hague: Mouton, 1979, p. 85-95.

KLIMA, E. S; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOOIJ, E. van der. **The phonology of Nederland Gebarentaal**. Unpublished doctoral dissertation, Leiden University, 2002.

LAKOFF, G. **Classifiers as a Reflection of mind: A Cognitive Model Approach to Prototype Theory**. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

LANDAR, H. Seven Navajo verbs of eating. **International Journal of American Linguistics**, v. 30, p. 94-96, 1964.

LANDAR, H. Class co-occurrence in Navajo gender. **International Journal of American Linguistics**, v. 31, p. 326-331, 1965.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. **A Reference Grammar of Mandarin Chinese**. Berkeley: University of California Press, 1981.

LIDDELL, S. **American Sign Language Syntax**. Hague: Mouton Publisher, 1980.

LIDDELL, S.K. Sources of Meaning in ASL Classifier Predicates. *In*: EMMOREY, K. (ed.) **Perspectives on Classifiers in Signed Languages**. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 199-220.

LYONS, J. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

MARTINS, T. A. **Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

McDONALD, B. H. **Aspects of the American Sign Language Predicate System**. PhD State University of New York, Buffalo, 1982.

MEIR, I. A realização morfológica dos campos semânticos. *In*: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. **Questões Teóricas da Pesquisa em Línguas de sinais**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, p. 211-225.

NICHOLS, J. On alienable and inalienable possession. *In*: SHIPLEY, W. **In honor of Mary Haas**. Berlin: Gruyter Mouton, 1988, p. 557–609.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: parábola Editorial, 2006.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMENTA, N. C. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PIZZIO, A. L. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **LIBRAS: Linguística para o Ensino Superior**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUINTO-POZOS, D. Why does constructed action seem obligatory? An analysis of “classifiers” and the lack of articulator-referent correspondence. **Sign Language Studies** v. 7, n. 4, p. 458-506, 2007.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. **Compostos na Língua de Sinais Brasileira**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SALLES, H. M. M. L. *et al.* **Ensino da língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. *In*: MUSSALIM, F.; BENTESA, C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

SCHEMBRI, A. Rethinking. 'Classifiers'. *In*: EMMOREY, K. (ed.). **Perspectives on Classifier Constructions**. In London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003, p. 3-34.

SEIFART, F. **The Structure and Use of Shape-based Noun Classes in Miraña** (North West Amazon). PhD Dissertation, University of Nijmegen. Nijmegen: MPI Series in Psycholinguistics, 2005.

SEIFART, F. "Nominal Classification." **Language and Linguistics Compass**, v. 4, n. 8, p. 719–736, 2010.

SENFT, G. What do we really know about nominal Classification systems? *In*: SENFT, G. **Systems of Nominal Classification**. Cambridge: University Press, 2000, p. 50-92.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SIVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

STOKOE, W. **Sign Language Structures**. Silver Spring, MD: Linstock Press, 1960.

STOKOE, W.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. DC: Gallaudet College. Linstok Press, 1965.

SUPALLA, T. Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language. *In*: CACCAMISE, F. (ed.). **Proceedings of the Second National Symposium on Sign Language Research and Teaching**. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 1978.

SUPALLA, T.R. Morphology of Verbs of Motion and Location in American Sign Language. *In*: CACCAMISE, F.; HICKS, D. (eds.) **Proceedings of the Second National Symposium of Sign Language Research and Teaching**. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 1978, p. 27-45.

SUPALLA, T.R. **Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language**. PhD Thesis, UCSD, San Diego, 1982.

SUPALLA, T.R. **The Classifier System in American Sign Language**. *In*: Craig, C. (Ed.) **Noun Classes and Categorization**, pp. 181-214. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986.

SUPALLA, T. Serial verbs of motion in ASL. *In*: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. (Eds.). **Theoretical issues in sign language research**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

TAI, J.; WANG, L. A semantic study of the classifier tiao. **Journal of the Chinese language Teacher Association**, Hawaii, v. 25, n. 1, p. 35-56, 1990.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUMTAVITIKUL, A. *et al.* Classifiers in Thai Sign Language. **Journal of Theoretical Linguistics**, v. 9, p. 27–44, 2009.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: introduction**. 3. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2000.

VALLI, C.; CEIL, L. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. 3rd ed. Gallaudet University. Washington, D.C., 2001

VARÓ, F. O. P. **Francisco Varo's Glossary of the mandarin Language**. Edición de Weldon South Coblin. San Agustín: Nettetal, 2006.

VIDAL, A. Pilaga Noun classifiers: synchronic description and diachronic explanation. *In: SSILNCAIL CONFERENCE AT THE 93RD AAA MEETING*. **Anais...** Atlanta, 1994.

ZAVALA, R. Multiple classifier systems in Akatek (Mayan). *In: SENFT, G. (ed.)*. **Systems of nominal classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 114–146.

ZWITSERLOOD, I. **Classifying Hand Configurations in Nederlandse Gebarentaal (Sign Language of the Netherlands)**. 2003. PhD Dissertation, Utrecht University. Utrecht: LOT, 2003.

ZWITSERLOOD, I. **Who'll Handle the Object?** An Investigation of the NGT-Classifier. MA, Universiteit Utrecht, Utrecht. 1986.

ZWITSERLOOD, I. Morphology Below the Level of the Sign Frozen Forms and Classifier Predicates. *In: QUER, J. (ed.)*. **Signs of the Time: Selected Papers from TISLR 2004**. Hamburg: Signum, 2008, p. 251-272.

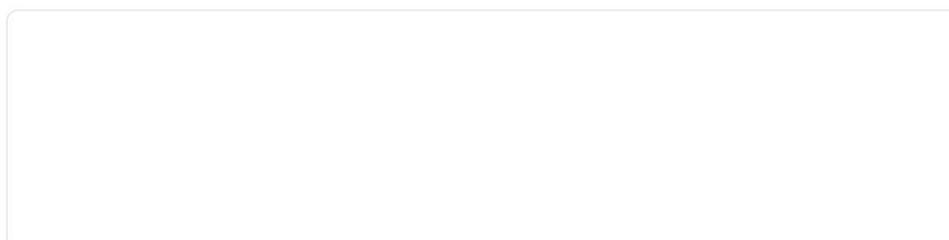
ZWITSERLOOD, I. Classifiers. *In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B.* **Sign Language: an international handbook**. Amsterdam: Walter de Gruyter, 2012. p. 158-185.

ANEXOS

ANEXO A – ANÁLISE SOBRE A NATUREZA GRAMATICAL DOS CLASSIFICADORES

ANÁLISE SOBRE A NATUREZA GRAMATICAL DOS CLASSIFL...

<https://docs.google.com/forms/d/1AysvIF7d2XGo4ria93sU2hmFwO4eL...>



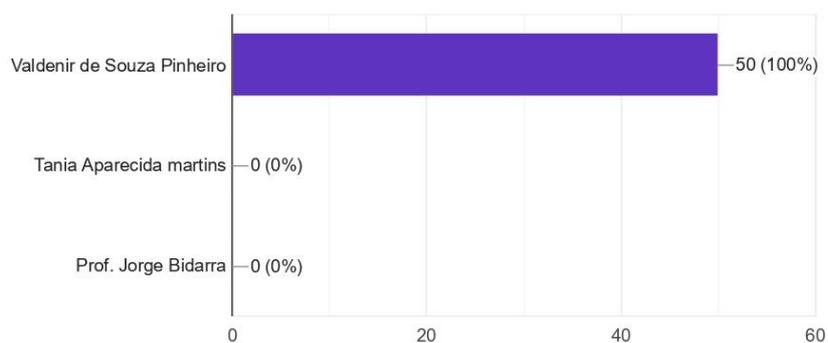
ANÁLISE SOBRE A NATUREZA GRAMATICAL DOS CLASSIFICADORES

50 respostas

[Publicar análise](#)

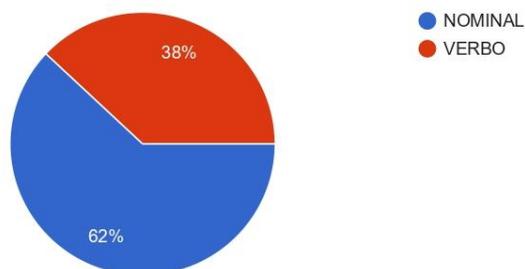
Pesquisador responsável pelo registro

50 respostas



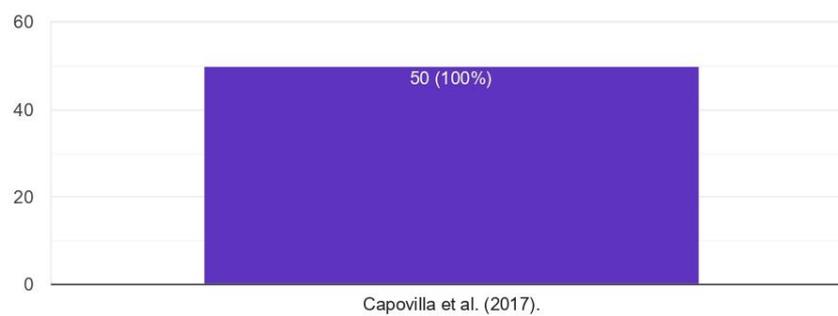
O ITEM LEXICAL É UM:

50 respostas



FONTE DE PESQUISA

50 respostas



ITEM LEXICAL (Inserir aqui o nome e a imagem)

50 respostas



NOME DO ITEM LEXICAL CL:

50 respostas

ABAJUR 01

ABAJUR 02

ABAJUR 03

ABAIXAR

ABÓBORA 01

ABÓBORA 02

ABÓBORA 03

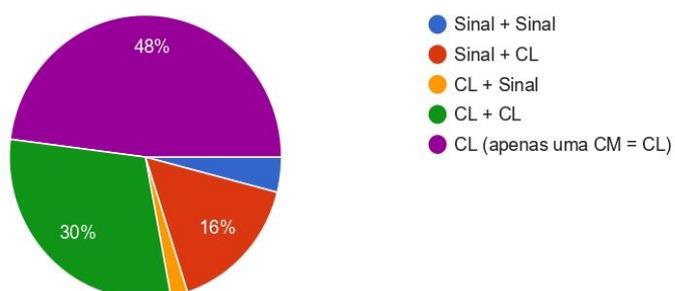
ABÓBORA 04

ABANAR-SE

COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA DO ITEM LEXICAL / CLASSIFICADOR

ITEM LEXICAL CLASSIFICADOR COMPOSTO POR:

50 respostas



Quando for composto por CL informar a CM correspondente ao(s) CL(s) inicial e final:

50 respostas



Observações:

50 respostas

Tal item lexical é registrado no dicionário pg.51. Formado pelo sinal luz é formada por duas CM respectivamente: 1. CM referente ao CL acender, piscar; e 2. CM referente ao CL segurar/puxar barbante, corda fina e curta, fio.

Tal item lexical é registrado no dicionário pg.52. Formado pelo sinal luz é formada por uma CM. CM referente ao CL acender, piscar.

Tal item lexical é registrado no dicionário pg.52. Formado pelo classificador de forma (circular) representando a cúpula do abajur CM 02 + CM 58 para CL de acender, piscar

Tal item lexical é registrado no dicionário pg.50. Formado pelo classificador referente a abaixar e reduzir. CM 26

Tal item lexical é registrado no dicionário pg.59. Formado pelo classificador referente a forma da abóbora e movimento ondulatório. CM 03 + expressão facial

Tal item lexical é registrado no dicionário pg.60. Formado pelo classificador referente forma redonda da abóbora + o sinal da cor alaranjado. CM 03 + CM 19.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

Galimbo de data/hora	Pontuação	Pesquisador responsável	ITEM LEXICAL E UM: FONTE DE PESQUISA	ITEM LEXICAL (Inserção)	NOME DO ITEM LEXICAL	ITEM LEXICAL CLASSIF	Quando for composto por 05 observações:
11/12/2021 12:26:39		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABAJUR 01	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.51. Formado pelo sinal luz e formada por duas CM respectivamente: 1. CM referente ao CL acender, piscar e 2. CM referente ao CL segurar.
11/12/2021 12:34:36		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABAJUR 02	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.52. Formado pelo sinal luz e formada por uma CM. CM referente ao CL acender, piscar.
11/12/2021 13:51:06		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABAJUR 03	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.52. Formado pelo classificador de forma (circular) representando a cúpula do abajur CM 02 + CM 58 para CL de acender, piscar.
11/12/2021 14:05:42		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABAIXAR	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.50. Formado pelo classificador referente a abaixar e reduzir. CM 26
11/12/2021 14:20:14		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABÓBORA 01	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.59. Formado pelo classificador referente a forma da abóbora e movimento ondulatório. CM 03 + expressão facial
11/12/2021 14:29:30		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABÓBORA 02	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.60. Formado pelo classificador referente forma redonda da abóbora + o sinal da cor amarelo. CM 03 + CM 19.
11/12/2021 14:36:06		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABÓBORA 03	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.60. Formado pelo classificador referente forma comprida/longa da abóbora. CM 05
11/12/2021 14:42:45		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABÓBORA 04	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.60. Formado pelo classificador referente forma comprida/longa da abóbora. CM 06
11/12/2021 14:49:03		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABANAR-SE	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.53. Formado pelo classificador referente ao movimento de o objeto manual "teque" acessório para abanar e abrandar o calor. CM 25
11/12/2021 15:10:50		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABOCANHAR	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.60. Formado pelo CL de boca aberta/alocar, morfeja metafórico molar que representa mandíbulas. CM 24
11/12/2021 15:24:35		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIDOR DE GARRAFA	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 64 formado pela CM classificadora 07 (manual ou instrumental) + CM 60 referenciando a garrafa.
11/12/2021 15:30:36		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIDOR DE LATAS 01	CL + Sinal	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 65 formado pela CM classificadora 08 (manual ou instrumental) + CM 61 referenciando a lata.
11/12/2021 15:35:34		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIDOR DE LATAS 02	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 65 formado pela CM classificadora 09 (manual ou instrumental).
11/12/2021 15:47:22		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIGO 01	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 65 formado pelo sinal de dormir CM 62 + CM classificadora 10.
11/12/2021 16:07:32		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIGO 03	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 65 formado pela CM classificadora 12 referenciando cobertura, galpão
11/12/2021 16:17:26		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIAR A GARRAFA	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 67 formado pela CM classificadora 20 referenciando o ato de destampar uma garrafa ou objeto semelhante.
11/12/2021 16:44:57		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIAR A JANELA	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 67 formado pela CM classificadora 21 referenciando o ato de abrir ou deslocar a porta.
11/12/2021 16:50:38		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIAR A TAMPÃO	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 67 formado pela CM classificadora 23 referenciando o ato de retirar/deslocar a tampa.
11/12/2021 16:56:27		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ABRIAR A PORTA	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 67 formado pela CM classificadora 22 referenciando o ato de abrir ou deslocar um lado da porta
11/12/2021 17:01:01		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACERCAR	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 81 formado pela CM classificadora 04 referenciando o ato de aproximar/encarregar ou alguém.
11/12/2021 17:07:15		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACETONA	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 83 formado pela CM classificadora 48 + CM 63 referenciando o ato de remover esmalte das unhas.
11/12/2021 17:13:20		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACIDENTE DE CARRO 0	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 85 formado pela CM classificadora 13 + CM 51 referenciando o ato de dirigir e colidir.
11/12/2021 17:19:02		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACIDENTE DE CARRO 0	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 85 formado pela CM classificadora 13 + CM 51 referenciando o ato de fechar e colidir em outro veículo ou obstáculo.
11/12/2021 17:26:17		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ADICIONAR 01	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 92 formado pela CM classificadora 15 (manual ou instrumental). Item lexical é registrado no dicionário pg. 95 formado pela CM classificadora 16 referenciando uma pessoa cercada com expressão negativa.
11/12/2021 17:31:52		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACUADO	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 88 formado pela CM classificadora 25 + CM 18 referenciando o ato de açoitou ou golpear.
11/12/2021 17:41:29		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com AÇOTAR	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 88 formado pela CM classificadora 25 + CM 18 referenciando o ato de açoitou ou golpear.
11/12/2021 17:45:47		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACORDEÃO	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 91 formado pela CM classificadora 17 referenciando um instrumento musical.
11/12/2021 17:58:34		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ALFINETE	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 153 formado pela CM classificadora 64 + CM 27, referenciando o ato de costureiro/soar (manual ou instrumental)
11/12/2021 18:07:55		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACROBATA 01	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 85 formado pela CM classificadora 66 + CM 65 referenciando o ato de mostrar as ações do equilíbrio
11/12/2021 18:21:12		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ACROBATA 02	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 95 formado pela CM classificadora 29, referenciando o acrobata em movimento no trapézio.
11/12/2021 18:26:33		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ANDAR CAMBALEANDO	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 196 formado pela CM classificadora 30, referenciando uma pessoa andando diferente do normal.
11/12/2021 18:41:13		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ANDAR DOS ANIMAS	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 197 formado pela CM classificadora 31, referenciando o andar do animal quadrúpedes.
11/12/2021 18:56:10		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ATIRAR OBJETOS	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 309 formado pela CM classificadora 67 + CM classificadora 32, referenciando o ato atirar/lançar, jogar, lançar objetos. Comportamento humano
11/12/2021 19:06:01		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com AUTOPSIA	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg.325 formado pelo sinal morrer + CM classificadora 33 referenciando a abertura do tórax.
11/12/2021 21:16:43		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com BARRIL	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 383 formado pela CM classificadora 34 referenciando um tonel bojudou para conservar bebidas.
11/12/2021 21:35:46		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com BERÇO 01	Sinal + Sinal	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 404 formado pelo sinal cama CM 35 + CM classificadora 69 referenciando a uma bebê no colo.
11/12/2021 21:39:16		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com BERÇO 02	Sinal + Sinal	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 404 formado pelo sinal cama CM 35 + CM classificadora 36 referenciando a uma mexendo.
11/12/2021 22:34:10		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com BIFE	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 413 formado pela CM 70 + CM classificadora 37, referenciando o ato virar e desvirar a peça de carne (fritar). Item lexical é registrado no dicionário pg. 435 formado pela CM classificadora 38 referenciando uma pessoa sobre a água (bolando)
11/12/2021 22:39:46		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com BOMBAR	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 95 formado pela CM classificadora 42 referenciando a ação/ato de colar/guardar coisa uma às outras.
11/12/2021 22:50:00		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com ADESIVO	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 144 formado pela CM classificadora 41, referenciando aparelho de navegação aérea.
11/12/2021 23:10:54		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com AEROSTATO	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 136 formado pela CM classificadora 45 referenciando a ação/ato de emitir fumaça, barbatana.
11/12/2021 23:24:06		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com AGULHA	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 413 formado pela CM 70 + CM classificadora 37, referenciando o ato de amontar e acumular.
11/12/2021 23:34:41		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com AGLOMERAR	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 327 formado pela CM 71 + CM classificadora 72, referenciando o ato de desabar, demolir.
11/12/2021 23:55:58		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com DESMOROMAR	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 327 formado pela CM 71 + CM classificadora 72, referenciando o ato de desabar, demolir.
12/12/2021 00:57:34		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com GARAGEM	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 1339 formado pelo sinal de dirigir CM 51 + CM classificadora 32 referenciando o local onde se guarda automóveis, carros.
12/12/2021 00:14:15		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com FORMIGA	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 1339 formado pela CM classificadora 50, referenciando ação provocada pelo inseto.
12/12/2021 00:19:07		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com DECLINAÇÃO	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 362 formado pela CM classificadora 39, referenciando o declive.
12/12/2021 00:35:54		Valdentrê de Souza Pinhel	NOMINAL	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com AVIÃO A JATO	CL + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 333 formado pelo sinal de avião CM classificadora 73 + CM classificadora 74 referenciando o jato em movimento rápido
12/12/2021 00:44:38		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com MONTAR A CAVALO	CL (apenas uma CM = CI	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 1888 formado pela CM classificadora 76 referenciando a ação/ato de montar a cavalo.
12/12/2021 00:58:22		Valdentrê de Souza Pinhel	VERBO	Capovilla et al. (2017).	https://drive.google.com MERGULHAR	Sinal + CL	https://drive.google.com Tal item lexical é registrado no dicionário pg. 1498 formado pela CM 77 de água + CM classificadora 78, referenciando o ato de mergulhar.